

**ANDRÉ MENDES CAPRARO**



***FOOTBALL, UMA PRÁTICA ELITISTA E CIVILIZADORA* – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**

**CURITIBA**

**2002**

**ANDRÉ MENDES CAPRARO**

***FOOTBALL, UMA PRÁTICA ELITISTA E CIVILIZADORA – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em História; Setor de Ciências Humanas; Universidade Federal do Paraná.

Professor orientador: Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

**CURITIBA**

**2002**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

*Aos literatos brasileiros que dedicaram algumas de suas linhas  
ao mais brasileiro dos esportes bretões – o futebol.*

*Todo brasileiro é um técnico de futebol frustrado. Deus é brasileiro.  
Logo, Deus é um técnico de futebol frustrado?  
Como Deus tudo pode, é provável que Ele seja o verdadeiro e eterno  
técnico da seleção e os mortais que assumem a função  
apenas suas fachadas.  
Luis Fernando Veríssimo, O técnico, 1999.*

*O inglês inventou o futebol, é verdade. Mas, o brasileiro fez melhor:  
inventou as delícias do futebol.  
Armando Nogueira, As delícias do futebol, 1998.*

*Um dos piores empregos do mundo – depois de ministro da Justiça da  
Colômbia e motorista de táxi em Nova York – é o de técnico da Seleção  
Brasileira de futebol. Certo. Técnico não ganha jogo, é crença geral; mas  
perde, ou ajuda definitivamente a perder.  
Nelson Motta, Os generais da bola, 1998.*

*Todo esporte é um desafio que o homem lança não só aos outros homens, mas  
também a si mesmo. O desafio próprio do futebol, a sua marca distintiva, a  
sua singularidade, está em que nele se permite o uso de todas as partes do  
corpo, exceto as mais eficazes do ponto de vista físico. Aprender a jogar  
futebol é aprender a controlar a bola sem o auxílio das mãos, daquilo que,  
contrapondo o homem às demais espécies animais, constitui a sua força e a  
sua destreza.  
Décio de Almeida Prado, Tempo (e espaço) no futebol, 1989.*

*Gol! A bola adormecida no fundo da rede. O goleiro, batido, esticado no  
gramado, olhando com tristeza a reação da torcida do seu time. O artilheiro,  
saltitando, recebendo os abraços dos seus companheiros, enquanto os  
reservas confraternizam-se com os membros da comissão técnica na boca do  
túnel e, nas arquibancadas, a torcida enlouquecida faz a festa.  
Carneiro Neto, O gol, 1988.*

*No princípio era a bola (boa “bola”...)  
E a bola é a terra que no espaço rola  
E um bólido caiu do céu de anil,  
Exatamente em cima do Brasil.  
Era uma bola e a bola foi cercada  
De unânime atenção, foi adorada  
E ela é a deusa pagã das multidões,  
E, sendo um ovo, é alvo de ovações.  
Vital Pacífico Passos, O pé na gênese, 1951.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> – Considerações teórico-metodológicas e historiográficas.....	1
<b>DIRETO DA EUROPA CHEGA O <i>FOOTBALL</i></b> .....	22
Eventos “chics”, imagens registradas.....	30
<b>O INÍCIO DA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA NO PARANÁ</b> .....	38
<b>CARTA À REDAÇÃO:</b> contextualizando o futebol em Curitiba.....	41
Notas iniciais sobre a carta.....	41
Sobre o futebol em geral.....	44
Sugestões para melhorias no futebol curitibano.....	47
Sobre a cidade, sobre o autor.....	54
Notas finais sobre a carta.....	56
<b>O SURGIMENTO DO INTERNACIONAL <i>FOOTBALL CLUB</i>: ESCRITOS MEMORIALISTAS VERSUS FONTES HISTÓRICAS</b> .....	58
As “Diversas” Fundações do Internacional <i>Football Club</i> .....	59
Investigando a Fundação do Internacional.....	82
Aumentando a escala de observação.....	84
<b>A FUNDAÇÃO DO AMÉRICA <i>FOOTBALL CLUB</i></b> .....	87
O(s) símbolo(s) do(s) América(s).....	96
Adesão ou conflito? Uma história para o América <i>Football Club</i> .....	99
<b>A NECESSIDADE DE UMA ENTIDADE REGULAMENTADORA</b> .....	103
Breves antecedentes – ecletismo e <i>football</i> .....	107
A formação da Liga Sportiva Paranaense.....	112
<b>SANTOS DUMONT E OLAVO BILAC – ILUSTRES VISITANTES - NOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL PARANAENSE</b> .....	127
Santos Dumont.....	131
Olavo Bilac.....	136
<b>O FIM?</b> .....	141
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	144

## RESUMO

Este trabalho analisa – no contexto curitibano do início do século XX – os primórdios do futebol paranaense, com ênfase na participação de dois clubes: o Internacional *Football Club* e o América *Football Club*. Utilizando o modelo micro-histórico e a teoria do processo civilizador de Norbert Elias, a investigação buscou as origens sociais e étnicas dos componentes dos clubes de futebol que participaram da sua introdução no estado. Utilizando fontes variadas como documentos de época, periódicos, fotografias, entre outras, buscou-se um confronto com as idéias estabelecidas pelos memorialistas que escreveram sobre a mesma temática. Também foi aberto um quadro comparativo entre o panorama do futebol paranaense e a prática deste esporte em outros grandes centros brasileiros como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre; já que, tal atividade, não poderia ser entendida isoladamente, pois o ciclo de influências partia, no primeiro momento dos grandes centros, estendendo-se, posteriormente, dentro da própria sociedade local. Além disso, foi explicitado a relação que o *football* mantinha, nos primeiros anos da sua prática nos clubes sociais, com uma gama variada de atividades, sejam elas de caráter esportivo, lúdico, cultural, cívico ou, até mesmo, um modismo europeu e/ou norte-americano de cunho civilizatório. É da junção destes variados elementos, que a prática futebolística vai tomando os gostos populares, tornando-se, passo-a-passo, um dos elementos culturais que mais caracterizam a brasilidade.

*Palavras-chave:* história do futebol paranaense; micro-história; Internacional *Football Club*; América *Football Club*.

## INTRODUÇÃO – Considerações teórico-metodológicas e historiográficas

*Ao contrário do que se poderia imaginar a especialização da prática da história tem exigido dos pesquisadores um domínio cada vez maior de áreas de conhecimento, até mais recentemente, distantes do historiador. Para darmos apenas um exemplo. Há não mais de duas décadas, os historiadores estavam envolvidos basicamente com teorias econômicas e sociológicas, muitas delas derivadas do marxismo. A grande maioria da produção historiográfica brasileira era fortemente marcada por estes viéses teóricos. Hoje em dia, a pesquisa histórica ampliou significativamente o leque de sua interdisciplinaridade, abrindo um diálogo muito mais alargado com outras áreas do conhecimento. Entretanto, o que distingue, de fato, um historiador é a dimensão de sua cultura histórica, sua capacidade de transitar entre os vários modelos de elaboração histórica e acima de tudo, seu interesse pelo processo de estabelecimento das fontes da história. Ainda que o domínio de campos teóricos seja imprescindível para o estabelecimento de hipóteses inovadoras da pesquisa, o momento mais criativo da prática histórica é quando ela transforma os materiais sociais e naturais em fontes a serem trabalhadas na pesquisa.*

Edgard S. De Decca, historiador

### I

Na historiografia, o estudo da dimensão do lazer – ao qual incluímos, a princípio, o futebol – tem se acentuado nas últimas décadas; movido por historiadores, antropólogos, sociólogos e pesquisadores sociais contemporâneos afins que, pregando a existência de interligações entre todas as atividades humanas, validam através das suas teorias, temas que eram anteriormente considerados sem importância.

Revelada a importância que a função social do futebol tem nas sociedades modernas, abre-se uma vasta gama de interpretações metodológicas. Pode-se compreender o futebol como “um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira.”<sup>1</sup> O autor prossegue citando algumas dualidades e áreas de abordagem que podem ser visualizadas no futebol:

Ao mesmo tempo teatro e dança, esporte e guerra, Eros e Tanatos, Dionísio e Apolo, o sagrado e o profano, o cosmos e o caos, síntese plural dos inegáveis arquétipos do nosso inconsciente coletivo, de nossa identidade cultural. Como rito que é, o futebol compreende densa formação discursiva, metalinguagem complexa das relações e dos significados da sociedade brasileira, de suas contradições e dos modos históricos de sua manifestação. Em

---

<sup>1</sup> MURAD, M. *Dos pés à cabeça* – Elementos básicos de sociologia do esporte. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996. p. 16.

outras palavras: uma combinação de simbologias, por meio das quais podemos estudar o Brasil.<sup>2</sup>

Um historiador que fez um trabalho consistente sobre a história social do futebol no Rio de Janeiro, sobre este assunto, afirmou:

Apesar do sucesso alcançado pelo jogo, essa é uma questão que raramente mereceu por parte de pesquisadores e estudiosos maiores atenções. Preocupados somente com questões ligadas à esfera do trabalho, historiadores e cientistas sociais deixaram nas sombras por muito tempo outras práticas não relacionadas com ele [sic]. Atestando a percepção que vê em fenômenos como o futebol assuntos de menor importância, seu silêncio indica a falta de atenção dedicada à experiências desses sujeitos fora do ambiente de trabalho. Entendendo o tempo livre pela lógica do trabalho, essas análises acabam muitas vezes por fazer do lazer dos trabalhadores um simples momento de preparação para a produção. Deixando a possibilidade de buscar seu sentido específico, esses estudos acabam assim por perder de vista a possibilidade de organização das tensões e conflitos sociais sobre outra lógica – que diga respeito mais a experiências e aspirações dos próprios trabalhadores do que ao modo como essas eram entendidas por aqueles que só se interessavam pelo incremento de sua capacidade produtiva ou por suas virtudes revolucionárias.<sup>3</sup>

Prossegue ainda, discordando da perspectiva da História “clássica” que remete o esporte ao “tempo livre”<sup>4</sup> e, conseqüentemente, renega a devida importância dos esportes na construção da história das sociedades:

Mais do que investigar a experiência deste ou daquele agrupamento, trata-se de buscar o modo pelo qual parcelas diferentes e até antagônicas da sociedade fizeram do futebol um instrumento de expressão e de mediação dos seus conflitos. Constituindo-se como um repertório comum a todos que lhes permitia estabelecer suas fronteiras, o jogo mostrava-se capaz de articular diferenças e identidades, fossem sociais, raciais, regionais ou nacionais. Analisar um tema tão banal e frívolo como o futebol pode, assim, abrir uma nova janela de compreensão do período.<sup>5</sup>

Assim, com base nos escritos de Pereira,<sup>6</sup> podemos acreditar que, atualmente, temas não relacionados diretamente com o binômio política-economia vêm sendo pesquisados com afinco, cobrindo uma lacuna deixada pelos rígidos limites da

---

<sup>2</sup> MURAD, op. cit.

<sup>3</sup> PEREIRA, L. A. de. M. *Footballmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas, 1998. p. 8. Tese (doutorado) - Unicamp.

<sup>4</sup> A definição de “tempo livre”, pode ser entendida como o período onde os indivíduos estão ociosos, ou seja, a “priori” desligados da dimensão do trabalho.

<sup>5</sup> PEREIRA, op. cit., p. 5.

<sup>6</sup> Id.

historiografia tradicional. Emerge desta situação nosso objeto de estudo: o futebol. Esporte bretão, praticado nas escolas e universidades, surgido em meados do século XVIII, difundido rapidamente no Brasil no final do século XIX e início do XX, popularizado na década de 30.

## II

Atualmente, o futebol, conjuntamente com o carnaval, é a manifestação da cultura popular que mais caracteriza o Brasil. Interessante é que, ao contrário do carnaval, cuja identidade própria é pautada na brasilidade,<sup>7</sup> o futebol faz parte da cultura mundial. Contudo, não podemos negar que o esporte inglês varia sensivelmente quanto à forma e intensidade de sua prática em cada país, ou, até mesmo, dentro dele próprio, como no caso do Brasil, por exemplo. Tal fenômeno ocorre devido à diversidade das características físicas, sociais, culturais e econômicas. É por causa desta diversificação que o futebol permite uma vasta abrangência interpretativa. Assim, concorda-se que:

Sem dúvida, a dimensão cultural e o significado social deste esporte têm se multiplicado ao longo dos últimos cento e cinquenta anos. Em razão disto, o futebol comportou múltiplas leituras: pôde ser dividido em prática amadora e profissional; pôde ser estudado tanto na modalidade escolar como de alto rendimento; pôde ser disputado tanto em clubes de elites como em campos de várzea; pôde veicular ora a ideologia do estado ora a mensagem dos patrocinadores; pôde ser opção de entretenimento para o público restrito e depois ser oferecido como espetáculo televisivo para o lazer de massa.<sup>8</sup>

Mesmo com estas imensas possibilidades de estudos sobre o futebol, inicia-se a pesquisa a partir da difusão deste esporte no Brasil, especificamente na cidade de Curitiba, em 1912, alguns meses antes da fundação do Internacional *Football Club*, apontando os fatores antecedentes a este acontecimento. Em 1914,<sup>9</sup> por divergências entre alguns associados do Internacional, é fundado um outro clube, o América *Football Club*, que também será analisado na pesquisa. Tais clubes iriam mais tarde,

---

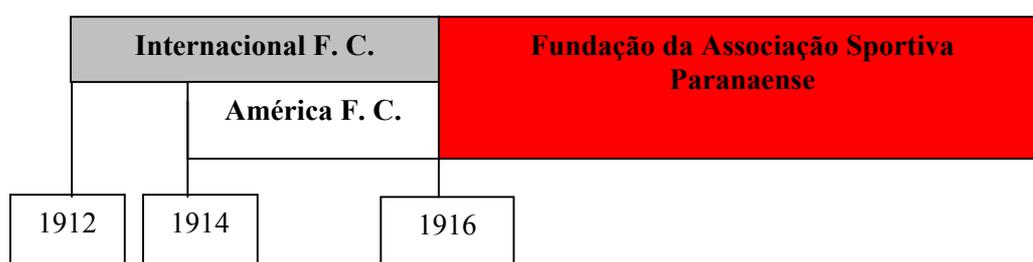
<sup>7</sup> Sobre o Carnaval brasileiro enquanto manifestação cultural ver a obra de: DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

<sup>8</sup> PRONI, M. W. *Esporte – espetáculo & futebol – empresa*. Campinas, 1998. Tese (doutorado) - Unicamp.

<sup>9</sup> 1914 é a data oficial da fundação do América *Football Club*, contudo, como veremos adiante, há controvérsias sobre o assunto.

em 1924, se fundirem formando o Clube Atlético Paranaense. Tendo como eixo norteador a estruturação das duas equipes nos primórdios do futebol paranaense, analisaremos como foi a interligação destes clubes com a crônica jornalística da época; também suas incisivas participações na criação de uma entidade que regulamentasse a prática futebolística no estado – a Liga Sportiva Paranaense – e as divergências que ocorreram envolvendo os referidos clubes.

Assim, esquematizamos a periodização da seguinte forma:



Desta forma, delimitamos nosso objeto de estudo concordando com a proposta de Ribeiro (1998) que sugere uma periodização para a História regional do futebol paranaense, baseada na fundação dos clubes e entendendo que estes foram criados, na sua maioria, pelas das sociedades ou bairros compostos de imigrantes, ou ainda, por meio das atividades que as Companhias Ferroviárias promoviam. Acrescentamos a estas tipologias levantadas pelo autor as características sociais dos praticantes.

Ainda, afirma o referido autor, que a vantagem de tal periodização consiste na segurança que as fontes oficiais propiciam.<sup>10</sup> Sobre a importância do surgimento dos clubes de futebol, o pesquisador paranaense esclarece que,

O clube de futebol – junto a outras formas de organização/ocupação do espaço social – revela um duplo movimento de configuração da sociedade paranaense: ao mesmo tempo que o clube se constitui em elemento de integração do imigrante na sociedade local, o imigrante, por sua presença populacional grandiosa, em termos da Curitiba do período, dá à sociedade uma configuração sócio-cultural de novo tipo. A imigração, a partir da instituição de clubes e torcidas de futebol, definiu novos espaços e comportamentos culturais.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> RIBEIRO, L. C. Metodologia para uma história da formação do futebol profissional (1900-1945). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998. p.133.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 134.

### III

Sobre a relevância desta pesquisa, partiu-se da premissa que o futebol em Curitiba é um referencial de estudo para uma contextualização da sociedade brasileira do início do século XX; principalmente no que diz respeito às etnias que, procurando um momento de lazer e diversão, introduziram a prática dos esportes. Também à busca – por parte das elites locais – de uma identificação com as práticas européias no que poderíamos chamar de “esforço civilizador.”<sup>12</sup> Estes fatos podem ser identificados através da própria estruturação dos clubes e das práticas realizadas pelos associados. Mas como ocorreu esta estruturação no início do século? Quem eram os estruturadores e os praticantes do futebol? E, como eram realizadas as práticas neste mesmo período? Diante de tais questões, a contextualização da época é necessária, pois o futebol, neste texto, servirá de referencial para a explicitação da relação dinâmica que existe entre os indivíduos que compõem uma sociedade.<sup>13</sup> É importante lembrar que pesquisadores da área de humanas sempre identificaram funções sociais e ideológicas ligadas ao futebol que transcendem os limites do jogo.

Portanto, a problemática consistirá na busca de indícios para responder os seguintes questionamentos: Qual a identidade social do Internacional *Football Club* e do América *Football Club* no processo introdutório do futebol no Paraná? Quais foram os fatores sociais, étnicos e estruturais predominantes nestes clubes e, posteriormente, nas Ligas? E, qual a relação entre as atividades praticadas nos clubes e as iniciativas civilizatórias, como a higienização e a eugenia, por exemplo?

### IV

Apesar da delimitação do tema ter como base apenas dois clubes que compuseram a configuração do futebol paranaense, no primeiro momento resgata-se, a partir da literatura existente e pelas fontes possíveis, a introdução do futebol no Brasil e no estado do Paraná. Intencionamos, através deste estudo inicial, demarcar o ponto

---

<sup>12</sup> Termo utilizado pelo pesquisador dos esportes LUCENA, R. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 43.

<sup>13</sup> Sobre a individualidade no contexto social ver a obra de: ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

de inserção e também de abrangência dos clubes pesquisados na formação de uma nova identidade. Além disso, no transcorrer do estudo, para maior compreensão do futebol enquanto processo em construção, aborda-se o histórico-cultural do esporte no estado do Paraná de forma abrangente, portanto, relacionando-o com informações políticas, culturais e sociais. Nestas circunstâncias, embasamos esta parte da pesquisa através de uma análise interpretativa etnográfica. Assim, de forma mais ampla, pretendemos compreender o ambiente social e esportivo do Paraná, em especial de Curitiba, no início do século XX.

Depois deste primeiro objetivo de caráter mais geral, será abordada a formação social dos clubes pesquisados e como se sucedeu a estruturação referente ao espaço físico, também a influência destes dois fatores no processo de desenvolvimento das atividades realizadas nos clubes. Nos capítulos subsequentes será explicado como foi necessária a criação de uma entidade regulamentadora – a Liga – para consolidação do futebol no estado. Finalmente, será verificado se estas atividades podem ser consideradas uma busca de aproximação à civilidade, termo bastante difuso na época. Pode-se entendê-la como um esforço na busca da consolidação de uma identidade nacional, lembrando que, na década de 1910, o Brasil deixara de ser colônia há menos de um século e tinha uma composição étnica ainda em formação. O futebol (e a maioria dos outros esportes não originários do Brasil), como atividade típica inglesa – mas já propagada por vários países europeus – serve então como elemento civilizatório. Desta forma, tornando-se parte constitutiva (quase necessária) ao perfil de um indivíduo refinado, ou apropriando-se do termo utilizado por Pereira: *um fidalgo sport*.<sup>14</sup> Era notório: o adjetivo de *sportman* era quase um sinônimo de *gentleman*.

## V

Definidas as metas e delineado o ponto de partida, cabe esclarecer os subsídios metodológicos adotados para a realização deste trabalho.

Em primeira instância constatamos que, as recentes pesquisas sobre a história do futebol (geralmente centradas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo) adotam como

---

<sup>14</sup> PEREIRA, op. cit., p. 21-23.

métodos teorias bastante diversificadas como: a teoria configuracional e civilizatória de Norbert Elias, dirigida à temática futebol pelo seu companheiro Eric Dunning; ou focam sua metodologia nas teorias marxistas, baseadas principalmente nos historiadores da escola inglesa de História Social, E. P. Thompson e Eric Hobsbawn; ou ainda, na teoria do campo, do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Tais procedimentos facilitam o processo metodológico pelo fato de quase todos autores terem obras escritas sobre o esporte ou, pelo menos, consideram-no um aspecto relevante na pesquisa histórica contemporânea.<sup>15</sup>

Devido ao ecletismo de variadas propostas, entretanto não renegando a sua devida importância, priorizou-se uma análise do futebol a partir de duas concepções metodológicas. Em primeira instância, as teorias de Elias e Dunning, porque elas são satisfatoriamente elucidatórias no quesito relação direta entre futebol e conduta civilizada. A segunda linha é composta pela abordagem micro-histórica e pela teoria do Paradigma Indiciário – respectivamente, um movimento de origem italiana e um método analítico, sugerido pelo historiador Carlo Ginzburg.

Para melhor entendimento, tentar-se-á a seguir, de forma sintética,<sup>16</sup> justificar as escolhas e relacioná-las com a temática do futebol. A estrutura foi feita da seguinte forma: 1) teorias elisianas; 2) micro-história.

1) Acredita-se que as teorias elisianas, de forma mais generalizada, são fundamentais para se pensar o futebol na virada do século, pois primeiramente, elas nos possibilitam, por meio do conceito de configuração e do processo de interdependência, partir do caso específico do futebol para um contexto maior da sociedade; em segundo, porque elas podem esclarecer a tentativa de aproximação dos hábitos e costumes utilizados em alguns países europeus (no caso do futebol); e em terceiro, elas podem auxiliar no entendimento de porque o futebol foi aceito tão

---

<sup>15</sup> Norbert Elias e Eric Dunning escreveram, em parceria, o clássico *A busca da excitação*; Pierre Bourdieu explicita suas teorias sobre o esporte na obra *Coisas Ditas*; Hobsbawn não tem um livro específico sobre o esporte, mas constantemente – nos seus escritos – desenvolve o tema. Pode-se encontrar várias referências sobre o futebol nas obras *Nações e Nacionalismo desde 1780*; *A Invenção das Tradições*; *Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*.

<sup>16</sup> Tratando-se de sintetizar teorias tão complexas, cabe aqui uma ressalva: aceitamos a possibilidade de ser simplista inicialmente, justificando que tais propostas e métodos, como eixo norteadores do trabalho, estarão presentes e serão melhor desenvolvidos nos capítulos subseqüentes.

rapidamente na sociedade brasileira. Como afirma Ribeiro, “o enfoque metodológico, portanto, pretende acompanhar a orientação eliasiana de tomar a formação dos clubes profissionais em Curitiba como *processo* e como *configuração*.”<sup>17</sup>

O pesquisador sugere, então, um ponto de partida metodológico sobre a história do futebol, especificamente sobre a paranaense:

...a busca de referências teóricas e metodológicas para o estudo da “história do futebol” tem necessariamente que passar pela experiência vivida no campo da sociologia e, mais especificamente, no da “sociologia do esporte”. Nesse sentido, a obra de Norbert Elias sobre o processo civilizador e suas análises produzidas sobre o esporte, em parceria com Eric Dunning, nos parece um bom ponto de partida.<sup>18</sup>

Iniciando uma forma de pensar, na qual o futebol pode ser um exemplo de como a sociedade brasileira tentava passar por um processo de refinamento de normas e condutas chamado civilizador, constatou-se, apoiando-se no próprio Elias,<sup>19</sup> que não é fácil visualizar tal processo em toda sua amplitude porque ele ocorre com grande lentidão e, também, porque no meio deste ocorrem múltiplas flutuações que seguem curvas, que podem ser de grande ou pequena amplitude, melhor definindo: seriam como “ondas”.

Como o processo ocorre em longa duração e a temática, aqui tratada, tem um recorte temporal bastante breve, não seria possível visualizá-lo na sua totalidade, pretendeu-se, então, demarcar um *momento de adaptação civilizatória*. Discorreu-se, desta forma, sobre um ponto específico no meio de um *continuum*, mas, de acordo com o autor deste trabalho, um ponto de referência. Contudo, mesmo tratando-se de um momento específico, deve-se sempre ter a noção que este faz parte de um processo em constante movimento. Neste caso, mesmo analisando um segmento dos primórdios do futebol paranaense, deve-se entendê-lo como parte de uma transformação que ocorria no Brasil.

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 135. [grifos do autor].

<sup>18</sup> Ibid., p. 129.

<sup>19</sup> ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 21-29.

Elias, conjuntamente com Dunning, também fornece-nos subsídios para o entendimento do que é o esporte e qual sua diferença com o jogo.

Assim, deve-se esclarecer que o esporte só surge entre o final do século XVIII e meados do século XIX, na Europa. Elias alerta para a confusão conceitual que acontece, já que são comuns tentativas de relacionar antigas práticas físicas com o surgimento do esporte. Assim, atividades físicas necessárias à sobrevivência – como a caça ou a pesca, jogos competitivos, jogos gregos ou romanos, ou, até mesmo, atitudes místicas como o ato de chutar a cabeça decapitada do guerreiro adversário com a finalidade de incorporar sua força e bravura – não têm relação alguma com o esporte moderno originados nas escolas secundaristas européias, no século passado.

Corroborando com a posição de Elias, Toledo esclarece sobre a origem do futebol: “...o futebol consiste em uma das modalidades mais difundidas de manifestação esportiva das sociedades modernas. O futebol, como se conhece atualmente, é fruto das sociedades competitivas instauradas com a revolução industrial.”<sup>20</sup>

Para conceituar o esporte moderno, Elias sugere o entendimento de algumas polaridades que estão sempre presentes e devem estar em equilíbrio, fato que não era necessário nas antigas práticas físicas. As polaridades tidas como pré-requisitos ao esporte são: entre duas equipes ou indivíduos adversários; entre ataque e defesa; entre cooperação e tensão entre as duas equipes; entre cooperação e competição dentro de cada equipe; entre controle externo aos jogadores e o controle flexível que eles, individualmente, exercitam por si próprios; entre identificação afetuosa e rivalidade hostil; entre o prazer de agressão pelos jogadores, individualmente, e a restrição imposta sobre este prazer pelo padrão de jogo; entre flexibilidade e rigidez das regras; entre os interesses dos jogadores e dos espectadores e; entre seriedade e divertimento.<sup>21</sup>

Estas polaridades são fundamentais, pois

---

<sup>20</sup> TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996, p. 102.

<sup>21</sup> BETTI, M. *Violência em campo – dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Unijuí, [19-], p. 45-46.

Quando o equilíbrio das tensões que permitia a perpetuação de uma formação social se encontra quebrado – quer porque um dos adversários/parceiros se tornou demasiado poderoso, quer porque um novo grupo recusa a sua exclusão de uma partilha estabelecida sem ele –, é a própria formação que é posta em perigo e, no fim, é substituída por uma outra, que assenta um novo equilíbrio das forças e numa figura inédita das interdependências.<sup>22</sup>

Outra característica fundamental dos esportes modernos é que, no decorrer do século XX, essas práticas físicas altamente controladas por meio das polaridades são convertidas em representações simbólicas de competições não violentas e não militares que, dentro de sua prática excluem – até onde é possível, sem coibir sua competitividade – todas as formas de violência que podem comprometer seriamente a integridade física dos praticantes.<sup>23</sup>

Assim, quanto ao futebol, sua passagem de jogo para esporte só ocorre com o surgimento dos clubes, que no início eram apenas associações de cavalheiros onde eram delimitadas regras para prática do, até então, jogo de bola. Porém, com o passar dos anos, o futebol tornou-se o esporte que dá prestígio e reconhecimento ao clube.<sup>24</sup>

Partindo, então, do entendimento que o futebol só pode ser considerado um esporte a partir do surgimento dos clubes, limitaremos nossa investigação aos primórdios da prática esportiva, não estendendo-a aos jogos com bola que antecederam tal prática.

2) A preferência pela abordagem micro-histórica, principalmente as teorias formuladas por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, se dá por alguns fatores que merecem, neste momento introdutório, uma justificativa plausível, principalmente porque existem “caminhos” metodológicos mais seguros, já utilizados por outros pesquisadores do futebol. Assim, resumidamente, os argumentos são os seguintes: primeiro, constatou-se uma sensível diferença dos escritos micro-históricos se comparados aos escritos de outras linhas historiográficas. A ênfase na narrativa é uma demonstração da acentuada preocupação com a questão semântica, ou seja, se a

---

<sup>22</sup> CHARTIER, R. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. p. 103.

<sup>23</sup> ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 36.

<sup>24</sup> HELAL, R. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 46.

mensagem transmitida está chegando adequadamente ao receptor.<sup>25</sup> Carlo Ginzburg, sobre esta questão, afirmou:

O ato de escrever, em meu entender, é algo que está profundamente relacionado ao ato de comunicar algo a alguém, o que pode parecer óbvio mas não é, já que há muita coisa escrita (não só por historiadores) que parecem ignorar completamente o público, como se a escrita fosse por si só suficiente. Mas, se por um lado, a interação com pessoas é algo importante, por outro lado, acho que muita comunicação é também um mal, causa uma espécie de entropia e, num certo sentido, mata a comunicação.<sup>26</sup>

Segundo, em contrapartida, o rigor no levantamento do material de época e a descrição densa sobre essas fontes<sup>27</sup> são supervalorizados, em detrimento até, em algumas circunstâncias, a explicações e conceituações de cunho teórico-metodológico, como afirma Giovanni Levi:

...os conceitos são instrumentos frios tomados da bagagem da ciência acadêmica: eles são úteis na interpretação, mas é apenas nessa função que adquirem realidade concreta e especificidade. As teorias não se originam na interpretação. A teoria só tem um pequeno papel, como subalterna, para desempenhar, em relação ao papel muito maior do intérprete. Os sistemas dos conceitos gerais pertencentes a linguagem acadêmica são inseridos no corpo vivo da descrição densa, na esperança de dar expressão científica a acontecimentos simples, não para criar novos conceitos e sistemas teóricos abstratos. Portanto, a única importância da teoria geral é uma parte da construção de um repertório sempre em expansão do material densamente escrito, tornando inteligível através da sua contextualização, que servirá para ampliar o discurso humano.<sup>28</sup>

Terceiro, como conseqüência do argumento anterior, outra possibilidade que aproxima a abordagem micro-histórica à temática do futebol – já que este é um elemento fortemente enraizado na sociedade brasileira – é, sem dúvida alguma, a utilização com muita propriedade do “intercâmbio” conceitual, com ênfase à utilização da antropologia. E, nesse caso específico, da teoria civilizatória de Elias. Mas a quarta e principal contribuição a esta pesquisa será quanto ao enfoque micro-analítico do estudo histórico, ou, em outras palavras, a História do particular, do estudo de caso,

---

<sup>25</sup> LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p.152-153.

<sup>26</sup> GINZBURG, C. Entrevista a Carlo Ginzburg. *Folha de São Paulo*. 22 nov.,1999. p. 9. Entrevista.

<sup>27</sup> Investigação minuciosa de todas as fontes sobre o assunto e um rigoroso cruzamento de informações com a finalidade de se obter maiores possibilidades conclusivas.

<sup>28</sup> LEVI, op. cit., p. 143-144.

das diferenças individuais,<sup>29</sup> enfim, apropriando-se novamente das palavras de Levi: “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.”<sup>30</sup>

As principais características micro-analíticas presentes neste trabalho são: o estabelecimento do quadro comparativo – seja ele no eixo horizontal ou vertical, pois, mesmo que anacrônicamente, segundo Ginzburg,<sup>31</sup> é dever do pesquisador esmiuçar a historiografia sobre a temática pesquisada. Como exemplo, podemos citar a questão da identidade clubística do torcedor do Clube Atlético Paranaense (resultado da fusão entre Internacional *Football Club* e América *Football Club*) que tem desde o seu primórdio um vínculo intenso com o seu estádio, atualmente chamado de Arena da Baixada.<sup>32</sup> O caráter investigativo, que é batizado por Ginzburg de *paradigma indiciário*:<sup>33</sup> “É com esse especial talento detetivesco que, partindo quase sempre de detalhes aparentemente triviais, ele confronta com elegância, verve e entusiasmo temas e áreas de conhecimento sobre os quais inicialmente nada sabe.”<sup>34</sup> Por último, o *estudo de caso*, necessário à pesquisa já que o futebol é um fenômeno que surge como atividade lúdica ficando então, na maioria das vezes, fora dos registros clássicos.

---

<sup>29</sup> GINZBURG. op. cit. p. 9-10.

<sup>30</sup> LEVI, op. cit., p. 136.

<sup>31</sup> GINZBURG. C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. p. 161-165.

<sup>32</sup> Ver o artigo: CAPRARO, A. M. O estádio Joaquim Américo – a “Arena da Baixada” – e a identidade clubística do torcedor atleticano. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 4., Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2001.

<sup>33</sup> Tal proposta metodológica aproxima metaforicamente o trabalho do historiador, ou do pesquisador da história, ao trabalho do investigador ou detetive. Fato decorrente das suas constantes leituras de contos policiais, como os clássicos do gênero: Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle e Hercule Poirot, de Agatha Christie. Ginzburg sugere que o historiador, diante da falta de fontes, dificuldade em encontrá-las ou acessá-las e, vastas possibilidades que as mesmas permitem, deve atentar para o “micro”, o estudo de caso, sem deixar de lado as possibilidades genéricas que o “macro” proporciona. Maiores detalhes sobre o Paradigma Indiciário ver: GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 143-179.

Nas palavras do próprio Ginzburg, retiradas da obra citada acima “...tratava-se de reconduzir ao pensamento histórico não mais fenômenos aparentemente atemporais, mas fenômenos aparentemente negligenciáveis. (...) para demonstrar a relevância de fenômenos aparentemente negligenciáveis era indispensável recorrer a instrumentos de observação e escalas de investigação diferentes dos usuais. De uma reflexão sobre a análise de perto, de tipo microscópico...”

<sup>34</sup> GINZBURG, *Entrevista...*, op. cit.

Assim, resgatar essa experiência exige um recorte vertical mais acentuado tanto no espaço quanto no tempo; na pesquisa realizada para este trabalho, o momento inicial da introdução do futebol no estado do Paraná.

Ainda, utilizaram-se outras categorias fundamentais como: escala de observação, indícios e campo hipotético que, no transcorrer do texto, serão explicitadas com maior minúcia. Mas, buscaremos, principalmente, uma proximidade em relação à questão morfológica ou – segundo as palavras de Ginzburg – a tão importante descrição densa, manifestada através da narrativa.

Novamente, acentuou-se que o trabalho baseado na pequena escala – como o presente caso – não representa de forma alguma o abandono do contexto geral. Pelo contrário, o método trabalha com o exemplo, com o estudo de caso, mas o macro, o geral, é o “pano de fundo” da pesquisa micro-histórica, pressuposto inicial para uma conjugação com as teorias elisianas.

Acredita-se, assim, que o entrechoque entre os conceitos apropriados dos dois métodos utilizados não geram contradições. Mesmo porque, Giovanni Levi<sup>35</sup> deixa clara a necessidade do auxílio teórico-metodológico, pois a micro-história não é propriamente uma proposta metodológica, mas sim uma prática historiográfica.

## VI

Quanto à origem do material de análise, a pesquisa sobre futebol utilizou-se de fontes bastante variadas, como recomenda um dos autores brasileiros que, recentemente, pesquisou a história do futebol regional:

“...é buscar um corpus documental que a sustente. Permitindo que olhemos o jogo por vários ângulos, o cruzamento de fontes diversas abre a chance de enxergar o fenômeno em sua complexidade. Como testemunho histórico cada documento se insere em uma rede de interlocução específica – seja um artigo de jornal de um dos muitos redatores esportivos que espalhavam-se pela cidade, um libelo publicado em um pequeno jornal operário por um militante anarquista, a crônica literária de algum nome de destaque das letras nacionais, um livro de atas escrito pelos sócios de um clube esportivo ou o relatório policial do comissário encarregado de estabelecer sobre eles sua vigilância. Espalhando-se sobre vários arquivos e bibliotecas cariocas, a pesquisa buscou assim dar conta da mais variada gama de leituras possíveis sobre o jogo entre os seus contemporâneos.<sup>36</sup>”

---

<sup>35</sup> LEVI, op. cit., p. 143-152.

<sup>36</sup> PEREIRA, op. cit., p.6.

Como já foi explicitado, as pesquisas sobre o futebol se encontram ainda numa fase embrionária. Assim, estabelecer a documentação necessária é uma tarefa inédita. Geralmente, a documentação ainda não foi manuseada – pelo menos por historiadores – e, em muitos casos, até extraviada. Algumas vezes pela falta de conhecimento e descaso com as documentações, consideradas “papel velho”; outras, no sentido inverso, pela ciência de que tais documentos podem conter informações comprometedoras.<sup>37</sup> Tratando-se da documentação do início século – época do surgimento dos clubes de futebol – além de serem raros os registros sobre tal prática, a falta de documentação pela negligência é quase uma máxima. Isto se explica porque, sendo a prática do futebol amadora, não existiam entidades que a regulamentassem adequadamente. As federações surgiram posteriormente, não havendo assim o entendimento da importância de se ter uma rígida documentação e arquivamento adequado da mesma. Dessa forma, além de existirem poucos documentos escritos, outros não foram registrados em cartórios e acabaram sendo jogados no lixo, queimados ou pararam em algum arquivo impróprio. É o caso da Federação Paranaense de Futebol que guardou a documentação, anterior ao ano de 1960, num porão do próprio estádio da Federação – o, popularmente chamado, Pinheirão – a qual, na sua grande maioria, foi perdida pela umidade do local, ou melhor, pela falta de instrução dos responsáveis pelo arquivamento, que acreditavam que aqueles documentos não teriam utilidade alguma.

Porém, na possibilidade de obter esse tipo de fonte, o pesquisador deve aproveitá-la, porque, como afirma Ribeiro, a documentação oficial – como documentos de fundação e atas – proporciona um “porto seguro” na investigação própria da pesquisa.<sup>38</sup> Concordando com a afirmativa acima, procurou-se o administrador<sup>39</sup> dos arquivos do Clube Atlético Paranaense, em busca da

---

<sup>37</sup> Refere-se as constantes falcatruas cometidas pelos dirigentes brasileiros, vide, por exemplo, as CPIs do futebol (tanto da Câmara, quanto do Senado). Sobre esta investigação ver: REBELO, A.; TORRES, S. *CBF Nike*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

<sup>38</sup> RIBEIRO, op. cit., p. 134.

<sup>39</sup> O responsável chama-se Heriberto Ivan Machado, autor da obra literária intitulada: *Paraná, futebol e história e Atlético – a paixão de um povo*. Cabe aqui, um agradecimento à prestatividade e solicitude do anfitrião que, por algumas vezes, recebeu-nos na sua casa, local onde, sem ajuda oficial

documentação dos clubes que o originaram (Internacional F. C. e América F. C.). Infelizmente, descobrimos que, devido ao amadorismo do futebol no início do século, praticamente<sup>40</sup> toda a documentação oficial dos dois clubes – Internacional e América – há muito já havia sido extraviada. Mesmo assim, o contato foi de grande valia, pois outras possibilidades surgiram: várias fotografias sobre os clubes pesquisados nos foram cedidas, auxiliando bastante a construção deste trabalho. Contudo, cabe frisar, que a utilização da documentação oficial, como sugeria Ribeiro, ficou comprometida.

Ainda sobre as possibilidades quanto às fontes históricas, cabe ressaltar que outros materiais iconográficos já haviam sido encontrados na busca de “material de época”, para fundamentação desta pesquisa sobre o Internacional *Football Club* e o América *Football Club*: desde a moderna tecnologia do *CD-ROM* e dos sites da Internet, até o material disponível na Casa da Memória do Paraná, remetiam para a análise iconográfica.

Acreditou-se que, comprovada a existência – em quantidade razoável – de material iconográfico disponível sobre o assunto, principalmente nos primeiros anos da prática do futebol no Paraná, não se poderia negligenciá-lo, já que este tipo de material de análise “...Desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até os nossos dias, (...) tem sido aceito e utilizado como prova definitiva, ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos.”<sup>41</sup> Contudo, no transcorrer dos seus escritos, o autor esclarece que essa verdade absoluta é relativa já que a tecnologia permite a manipulação dessas fontes, sem invalidar sua importância.

Referindo-se ao estudo histórico do futebol, acredita-se que a existência em abundância de tal tipo de fonte acontece, primeiramente, porque o futebol na virada do século – mais do que uma atividade física – era uma forma de socialização que conduzia a uma tentativa de aproximação de alguns hábitos e costumes europeus considerados, na época, civilizados e refinados. Considerando assim, os esportes, especificamente o futebol, como parte de uma tentativa civilizadora ocorrida Brasil,

---

nenhuma, mantém precariamente, por falta de recursos, a documentação do Clube Atlético Paranaense.

<sup>40</sup> A única documentação, ainda existente, é a Ata de Fundação do Internacional *Football Club*.

justificam-se os motivos para que os mesmos fossem primeiramente introduzidos nos grandes centros – como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e, posteriormente, Curitiba – cujas influências européias predominavam de maneira bastante acentuada se comparadas com outras regiões brasileiras. Concordou-se então, que um dos elementos primordiais para introdução dos esportes, era a própria condição propiciada pela urbanidade:

A cidade é, sem dúvida, uma construção dos homens. Como tal carrega em si tempo e lugar; uma história onde se revela o próprio homem. Um ambiente onde estaria, ou está, acontecendo os “avanços” do homem (...). Pensar assim a cidade é abrir a possibilidade de tê-la como síntese de um leque de valores. A cidade é o lugar onde se faz possível a sedimentação dos tempos que coexistem no presente. O lugar onde a história do homem moderno “se edifica”, se faz viva e mutante porque pejada de um sentido novo, nascedouro de diferenças. A Cidade é assim um palco de ação do indivíduo que nela vive, uma ação que passo a passo se amplia, chama atenção e passa a ser alvo da ação política de mobilização.<sup>42</sup>

Portanto, é como mentalidade tipicamente urbana que surgiram os primeiros atletas e freqüentadores dos campos e estádios, geralmente pertencentes a colônias étnicas e as elites estabelecidas. Lembrando que a prática do “jogo de bola” se dava em lugares diferenciados como nas várzeas, ruas, terrenos baldios etc.

Dessa forma, era normal que eventos envolvendo as tradicionais famílias locais – como as que compuseram o Internacional *Football Club* – fossem registrados pelas lentes “curiosas” daqueles que seriam os pioneiros do colunismo social. Este material, na maioria dos casos, era utilizado pelos periódicos para ilustrar as matérias escritas. Sem dúvida alguma, o apelo visual na relação memória-sentimento é maior do que tal relação pautada apenas na escrita (embora esta tenha características mais simbólicas e interpretativas). Além disso, deve-se levar em conta o fato do material das fotografias ser mais resistente do que o papel que é utilizado nos documentos e periódicos.

Sobre a viabilidade da utilização específica da iconografia na história do futebol, concorda-se com Kossoy que, categoricamente, afirma: “Quaisquer que sejam

---

<sup>41</sup> KOSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 19.

<sup>42</sup> LUCENA, R. Sobre a cidade ou próximo a ela. In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997, Maceió. *Anais...* Maceió: Ufal, 1997. p. 45.

os conteúdos das imagens deve-se considerá-las sempre como fontes históricas de *abrangência multidisciplinar*, fontes de informação decisiva para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação históricas...”<sup>43</sup> Mas não se deve utilizar as fotografias, como única relação entre a pesquisa e o estudo do passado já que as imagens fotográficas “...não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado.”<sup>44</sup>

Constatou-se então, no decorrer da pesquisa, que o material iconográfico utilizado no estudo histórico sobre o futebol paranaense, foi uma possibilidade a mais diante da documentação escrita. Porém, não se nega que foi uma tarefa bastante complexa<sup>45</sup> e que exigiu uma leitura aprofundada sobre como utilizar esse material.<sup>46</sup> Procurou-se, assim, evitar uma prática comum a muitos pesquisadores, que vêm neste tipo de fonte uma simples forma de ilustrar seus trabalhos, utilizando o material iconográfico de forma equivocada, negligenciando o objetivo primário que é alcançar suas peculiaridades estéticas, ou seja, qual fragmento da história queria ser registrado naquele determinado instante.<sup>47</sup>

---

<sup>43</sup> KOSSOY, B. op. cit., p. 21.[grifo nosso].

<sup>44</sup> Id.

<sup>45</sup> Adotamos o método básico para se iniciar uma análise fotográfica, que consiste nos seguintes procedimentos: 1) *Estabelecimento da autoria*: conhecer o autor da fotografia possibilita ter acesso a dados fundamentais para sua compreensão. Se ele era amador ou profissional, por exemplo, influencia essa análise. 2) *Datação*: datar uma foto não significa apenas estabelecer um número, mas sim saber localizá-la em determinada época, sobre a qual podemos recolher inúmeros dados (tipo de técnica, objetivos do autor) que facilitam a construção da análise. Em síntese, é necessário contextualizar a fotografia no momento de sua produção. 3) *Intenção do fotógrafo/técnica utilizada*: esses dados são essenciais. De fato, desde a invenção da fotografia, os homens a utilizaram com objetivos diferenciados e com o aperfeiçoamento cada vez mais acelerado das técnicas, as possibilidades da fotografia tornaram-se ilimitadas. Hoje, qualquer pessoa pode, sem maiores problemas, trabalhar com uma máquina fotográfica pequena obtendo ótimos resultados. E é exatamente por isso que a análise não pode desprezar os aspectos da técnica e da intenção do fotógrafo. 4) *Legendas*: A legenda é uma explicação/tradução da imagem da fotografia. Se a foto vem acompanhada desta, pode revelar a intenção de quem a elaborou: o próprio fotógrafo, ou um analista posterior. Assim, é importante considerar este dado para compreender a construção da fotografia. 5) *Intenção do observador*: Ao analisar uma foto, o observador deve ter estabelecido seus objetivos de modo claro e inconfundível. São eles que servirão de guia em sua análise. Síntese do artigo de ARIAS NETO, J. M. *Fotografia e História*. Ponta Grossa: Mimeog., [19-].

<sup>46</sup> Sobre a análise da imagem como subsídio para as pesquisas nas áreas humanas ver as obras: KOSSOY, op. cit.; FELDEMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. *Desafios da imagem – fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.; KUBRUSLY, C. A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

<sup>47</sup> O pesquisador da iconografia Kossoy (1999), por exemplo, afirma que “as diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a

Mesmo com a utilização de material iconográfico, a base de fontes históricas desta pesquisa consistiu no levantamento de periódicos, possibilidade alternativa de obter material bastante variado e, relativamente, de fácil acesso ao pesquisador da história do futebol. Diários e jornais são de grande utilidade para preencher a lacuna deixada pela falta de documentação oficial dos clubes. Entretanto, é necessário atentar para alguns fatos que devem ser considerados na utilização deste tipo de fonte histórica.

Primeiro: deve-se indicar que, conforme a época, a coluna ou texto sobre futebol variava bastante. Sobre a introdução do futebol, na última década do século XIX, pouca coisa pode ser encontrada nos jornais e diários, além de notas nas colunas sociais. Os esportes mais difundidos nas cidades mais importantes do Brasil – Rio de Janeiro e São Paulo – eram os tradicionais turfe e remo e, o emergente, ciclismo. A prática do futebol era apenas mais um modismo da juventude elitista que, nas suas andanças pela Europa, descobriram-na e trouxeram-na para o Brasil. Já nos meados década de 1910, período focado nesta pesquisa, o futebol passava a ser noticiado com mais frequência. Mas, as colunas ainda eram apenas informativas, passando dados como horários das partidas, local, os homenageados e as presenças ilustres confirmadas. Era comum também se misturar a prática do futebol com as atividades sociais de influência européia e norte-americanas como: saraus e chás-da-tarde.<sup>48</sup> Nas décadas subseqüentes, a quantidade e a variedade dos temas sobre futebol foram se intensificando, até culminar com a massificada cobertura que se verifica na atualidade, em que cadernos inteiros dos jornais são dedicados a este esporte, além da existência de várias revistas especializadas.

Outro elemento relevante, neste processo, é a linha editorial que o jornal enfatizava, lembrando que o futebol nunca foi um tema pacífico na sociedade brasileira daquela época. Tratando-se, assim, da Curitiba no início do século,

---

veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação.” Ibid., p. 20.

<sup>48</sup> Sobre as atividades realizadas nas partidas de futebol, ver o artigo: CAPRARO, A. M. O Estádio Joaquim Américo – a Baixada – e as elites curitibanas das décadas de 10 e 20. In: CONGRESSO

observou-se que o *Diário do Commercio* não tinha uma coluna específica sobre esportes já que preferia destacar notícias políticas, econômicas e notas internacionais. Sua linha editorial era dirigida para os interesses comerciais e industriais. Enquanto o *Diário da Tarde*, o mais popular da época, preferia destacar as notícias sociais – locais e cotidianas - dentre elas o futebol. Estes cuidados são importantes na construção da pesquisa histórica, pois analisando o caso acima citado, se fosse utilizado como fonte somente o *Diário do Commercio*, o futebol pareceria, na década de 1910, irrelevante; e, se fosse utilizado somente o *Diário da Tarde*, pareceria que o futebol era uma atividade importante a todos os segmentos da sociedade; conseqüentemente este nível de importância seria transmitido à pesquisa, deturpando a realidade da época analisada.

Ainda se deve considerar, independente da linha editorial do periódico, o enfoque do escritor da coluna. No Rio de Janeiro da *belle-époque*, por exemplo, Lima Barreto demonstrava – em suas colunas – ser radicalmente contra a prática do futebol; em contrapartida, Coelho Netto era um fervoroso defensor de tal prática. A posição tão radical de ambos fez com que, por vários anos, eles utilizassem suas colunas para se “degladear” e tal embate foi narrado em prosa por Mário Filho.<sup>49</sup> Outro exemplo, é o do literato Graciliano Ramos que se apresentava contrário e afirmava que o futebol não pertencia à cultura brasileira; enquanto o sociólogo Gilberto Freyre contra-argumentava tentando esclarecer que elementos da cultura brasileira foram incorporados ao futebol.<sup>50</sup>

Não foram verificadas tais divergências entre os cronistas paranaenses, contudo, como será visto posteriormente, a tendência clubística do cronista Jean Sport – do *Diário da Tarde* – influiu bastante em vários acontecimentos, nos primórdios do futebol paranaense.

---

BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998. p. 387-393.

<sup>49</sup> RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

<sup>50</sup> Sobre a crônica carioca e o futebol ver a citada tese de Leonardo Miranda Affonso de Pereira, op. cit. e a obra de MATTOS, C. *Cem anos de paixão – uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Sobre a história do futebol carioca ainda é recomendada a obra de HERSCHMANN, M.; LERNER, K. *Lance de sorte – o futebol e o jogo do bicho na belle-époque carioca*. Rio de Janeiro:

## VII

Para solucionar as dúvidas levantadas no trabalho, será considerada a hipótese de que a origem dos clubes analisados era, na sua maioria, formada por indivíduos de famílias pertencentes às elites do estado do Paraná. Tal fato pode ser visualizado mediante a influência que tais clubes exerciam na imprensa local, as disputas de poder com os outros clubes e a participação majoritária na criação de uma entidade regulamentadora. A necessidade da prática futebolística, por parte da “fina-flor” curitibana, tinha uma relação direta com a questão civilizatória: a busca de hábitos e costumes provindos de países considerados, na época, mais evoluídos. Esta origem não refletiu, posteriormente, na popularização dos dois clubes – Internacional F. C. e América F. C. Contudo, em poucos anos da difusão da prática futebolística no estado, tensões foram sendo geradas devido a popularização do esporte. Seriam criados então, mecanismos de defesa necessários à preservação da fidalguia do futebol – mantendo por mais alguns anos a hegemonia do referido esporte de posse à elite local.

## VIII

O trabalho foi dividido da seguinte forma: os dois breves capítulos iniciais *Direto da Europa chega o football* e *O início da prática futebolística no Estado* inserem o objeto de estudo deste trabalho: o futebol, respectivamente no contexto brasileiro e paranaense; mostrando como a prática esportiva gradativamente é aceita pelas elites, mudando os valores morais dos jogos, que passam de uma mera opção de entretenimento, cuja principal função era apenas a aposta e a jogatina, para uma prática que era um exemplo de conduta e moralidade. Prática essa, associada a valores higiênicos e até eugênicos, que objetivavam formar uma identidade brasileira pautada na adoção de padrões de civilidade, digno dos países europeus e Estados Unidos da América (EUA). O capítulo seguinte: *Uma carta à redação*: contextualizando o futebol em Curitiba – resgata a cidade de Curitiba na década de 1910, tendo como referencial a prática esportiva com ênfase ao futebol. Partindo da reivindicação por novas práticas de lazer, seguida pela constante discussão se o futebol era algo benéfico

---

Diadorim, 1994. A análise sociológica do futebol feita por Gilberto Freyre se encontra no prefácio do clássico *O negro no futebol brasileiro*. RODRIGUES FILHO, op. cit.

para os jovens locais. Parte-se para os casos específicos. Em *O surgimento do Internacional Football Club*: escritos memorialistas versus fontes históricas e *A fundação do América Football Club* englobamos as polêmicas histórias dos dois clubes que são enfatizados na nossa pesquisa: o Internacional *Football Club* e o América *Football Club*. Será visto que o cruzamento das fontes com a bibliografia sobre a temática podem servir para a elucidação do início da prática futebolística paranaense. Aumentando a escala de observação, ainda nestes capítulos, é demonstrado como a juventude elitista curitibana tenta se aproximar dos hábitos e costumes das modernas metrópoles nacionais: o Rio de Janeiro – capital federal, no auge da chamada *belle-époque*,<sup>51</sup> – ou São Paulo – recém industrializada e receptáculo de imigrantes vindos de países europeus.<sup>52</sup> Em *A necessidade de uma entidade regulamentadora* ver-se-á que quando o futebol começou a se propagar à vários segmentos sociais, os clubes tradicionais criaram mecanismos de defesa (e exclusão) garantindo a hegemonia do poder. Obtido este controle e, sendo assim, garantida a característica fidalga do futebol, existiu uma disputa de poder interna para ver qual segmento da elite controlaria a prática esportiva no estado. Nomes exponenciais brasileiros tiveram pequenas, mas importantes, participações nesse processo. Tal embate será analisado no capítulo *Santos Dumont e Olavo Bilac* – ilustres visitantes – nos primórdios do futebol paranaense. As considerações finais, foram apresentadas em uma perspectiva macro-analítica, na última parte intitulada *O fim?*

---

<sup>51</sup> Sobre o Rio de Janeiro, no período da *belle-époque*, ver a obra de: SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 3 v. PS: especificamente sobre os esportes, ver o artigo do mesmo autor intitulado: *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*.

<sup>52</sup> Sobre a cidade de São Paulo no início do século ver a obra do já citado: SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole* – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. PS: Sobre a importância dos esportes ver os capítulos um e dois, respectivamente: *A abertura em acordes heróicos dos anos loucos* e *os maquinismos de uma cenografia móvel*.

## DIRETO DA EUROPA CHEGA O FOOTBALL

*Se Charles Miller que levou a primeira bola de futebol para o Brasil, estivesse vivo hoje, seria não só um fenômeno de longevidade como um bom tema de sociologia.*

Luis Fernando Verissimo, escritor

Em outubro de 1894, apenas cinco anos após a proclamação da república no Brasil, retorna à recém industrializada São Paulo<sup>53</sup> mais um dos estudantes que buscavam uma melhor formação no “velho mundo”. Seu nome era Charles Miller, brasileiro, neto de ingleses na ramificação materna e filho de um típico escocês. Após uma década estudando na Inglaterra, Miller trouxe na sua bagagem, além do diploma da *Hight School*, o material necessário para a prática de um esporte já bastante popular na Inglaterra e em toda a Europa ocidental, o futebol.

Genericamente, um pesquisador do futebol mundial afirmou que “...o futebol era parte do equipamento colonial, seja como atividade de lazer, para os expatriados, seja como meio, junto com a Bíblia, de executar a missão ‘civilizadora’.”<sup>54</sup> Tal autor, se referia as artimanhas colonizatórias inglesas. Mas, o dualismo estabelecido entre as colônias éticas no seu momento lazer e o projeto de civilizar os nativos, não são tão independentes quanto aparentam. Cabendo, então, a muitos desses imigrantes de origem européia (e seus descendentes próximos) a implantação no Brasil dos costumes e hábitos típicos de seus países de origem. Charles Miller se enquadrou neste perfil.

Entretanto, constata-se que as mais recentes pesquisas sobre a história do futebol brasileiro afirmam que a iniciativa de Miller não era uma inovação: alguns ingleses que vinham ocupar os altos escalões das empresas britânicas jogavam esporadicamente o futebol; também alguns religiosos já haviam implantado a prática do esporte em seus colégios; além dos marinheiros que, depois de longa viagem,

---

<sup>53</sup> SEVCENKO, *Orfeu...*, op. cit., p. 139-145.

<sup>54</sup> MUURAY, B. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 39.

praticavam avidamente o esporte nas praias brasileiras.<sup>55</sup> Não se quer desmerecer a contribuição de Miller: o trabalho de divulgação, a rápida expansão e a organização segundo os padrões britânicos, dependeram das suas iniciativas (assim como da iniciativa de muitos outros). É importante lembrar que, desde os tempos da Inglaterra, Miller era reconhecido tanto pela sua participação nos campos de futebol e críquete quanto pela sua eficiente atividade de secretário oficial da liga local.<sup>56</sup>

Fatos semelhantes ocorreram em vários locais do Brasil. No Rio de Janeiro da belle-époque, em 1902, o estudante Oscar Cox retorna da Europa, trazendo também o material importado necessário para a prática do futebol, conseguindo com algum esforço implantar o esporte na consolidada estrutura dos clubes de remo cariocas.<sup>57</sup>

Em São Paulo também havia um esporte que despertara os gostos da elite local, o ciclismo.<sup>58</sup> Mas, os paulistanos não se utilizaram, no início da prática futebolística, da estrutura pronta que o ciclismo poderia oferecer. Não foi encontrada nenhuma fonte histórica que fornecesse indícios do porquê desta não utilização da estrutura já estabelecida, uma vez que tal prática era bastante comum naquela época. Presumiu-se que, não sendo o ciclismo um esporte tipicamente inglês e sim francês, havia uma rivalidade que remetia para restrições culturais entre seus introdutores. Essa hipótese pode ser bastante plausível se for aceito como verídico o depoimento do imigrante alemão Hans Nobiling que, após contatar com os ingleses em São Paulo para também praticar o futebol afirmou: “...do que examinei, cheguei a conclusão de que os anglos mantinham o jogo muito em círculo fechado...”<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> Para maiores detalhes sobre a introdução do futebol no Brasil, ver as obras: HAMILTON, A. *Um jogo inteiramente diferente! futebol: a maestria brasileira de um legado inglês*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. CALDAS, W. *O pontapé inicial – memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1990. CASTRO, J. A. *história da bola – 135 anos da história do futebol*. MELO, V. A. de. *Futebol: que história é essa?! In: CARRANO, P. C. R. (Org.). Futebol paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. p. 17-26. Este artigo, trabalhando algumas fontes, comprova a introdução do futebol no Brasil antes da história oficial que remete toda a façanha a Miller.

<sup>56</sup> HAMILTON, op. cit., p. 2-37.

<sup>57</sup> Sobre a história do futebol carioca, recomenda-se a obra de: HERSCHMANN; LERNER, op. cit. Também a obra de MATTOS, op. cit. E a, já citada, obra – agora editada – de: PEREIRA, L. A. de M. *Football – uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Sobre o remo no Rio de Janeiro da belle-époque ver a obra de: MELO, V. A. *cidade sportiva – primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

<sup>58</sup> SEVCENKO, *Orfeu...*, op. cit., p. 122.

<sup>59</sup> HAMILTON, op. cit., p. 45.

Por este motivo o, então, futuro esporte mais popular do mundo – mesmo iniciando sua prática com os primeiros jogos em São Paulo – se propagou com maior rapidez pela antiga capital federal. Pois, no Rio de Janeiro, como afirmado, fora aproveitado da já consolidada estrutura do remo, sendo então, o futebol apenas vinculado ao rol de práticas físicas dos clubes cariocas; enquanto na cidade de São Paulo, os esportistas, sentiram sérias dificuldades na criação de clubes específicos para prática do futebol.

No estado do Paraná, especificamente em 1909, alguns empregados da companhia inglesa responsável pela implantação das ferrovias no estado, começaram sistematicamente a praticar o futebol na cidade de Ponta Grossa. Alguns descendentes de alemães também introduzem a prática deste esporte no seu *Clube de Ginástica*, na cidade de Curitiba. Sabendo da existência de alguns praticantes na capital do estado, logo foi enviado o convite por parte dos pontagrossenses para um *match* amistoso entre as duas equipes. Acredita-se que foi o primeiro jogo (entre dois clubes distintos) realizado no estado. Tal partida, pode ter despertado o interesse dos jornais da época, mais pelo seu caráter de disputa entre agremiações diferentes do que propriamente pelo seu caráter inusitado. Provavelmente, outros clubes sociais já praticavam o futebol em círculo fechado, além da prática na várzea que não despertava maiores interesses, sendo destacada somente quando os praticantes incomodavam os transeuntes.<sup>60</sup>

Foi credenciado a este momento, no ano de 1909, a introdução do futebol no estado do Paraná. Apesar da maioria da bibliografia consultada ratificar esta história, existem algumas que têm outro relato histórico, que relativiza datas, pois o futebol já era praticado em colégios maristas e até nas ruas,<sup>61</sup> remetendo também, as primeiras práticas registradas na imprensa à cidade de Curitiba, no ano de 1908, um ano antes a introdução na cidade de Ponta Grossa:

---

<sup>60</sup> PEREIRA, op. cit., p. 57-60.

<sup>61</sup> A atual Rua Dr. Muricy, por exemplo, era conhecida no final do século XIX, por “Rua da Bola”. NOSTALGIA. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 22 ago.1999.

Alguns jovens desejosos de constituírem uma sociedade esportiva, convidam a todos os interessados nessa iniciativa para uma reunião no próximo Domingo (...) de julho, na confeitaria Hencke, às duas da tarde.

Assim dizia o anúncio publicado em um dos jornais\* da Curitiba de 1908. Entre um papo e uns goles do fino “vinho quinado”, (...) Macedo, o mais jovem, fora aclamado pelos demais como presidente do Internacional Clube, que estava sendo fundado naquele momento.(...) Pouco durou o Internacional Clube, uma vez que alguns de seus jogadores obrigaram-se a deixar Curitiba pelas mais diversas razões. Talvez tenha sido esta a primeira sociedade desportiva a praticar o futebol em terras araucarianas, uma vez que no colégio dos padres esse esporte já era realidade.<sup>62</sup>

Constatou-se que, neste momento, quando a prática do futebol era iniciada no Paraná<sup>63</sup> pelas diversas etnias européias que começavam a se estabelecer no estado, ele já era popular na Europa: “Os novos esportes abriram caminho até a classe operária, e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia, na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol – que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões.”<sup>64</sup>

Sendo assim, os imigrantes e seus descendentes, que foram os primeiros praticantes paranaenses, possivelmente não viam em tal prática uma maneira de se diferenciar dos “grosseiros”<sup>65</sup> costumes brasileiros – resquícios dos costumes do período monárquico.<sup>66</sup> Eles apenas visualizavam por meio do futebol uma forma de lazer na qual pudessem equilibrar suas tensões, isto é, manifestar as emoções de forma

---

\* Não é esclarecido qual é o nome do jornal.

<sup>62</sup> MACHADO, H. I.; HOERNER JÚNIOR, V. *Atlético – a paixão de um povo*. Curitiba: dos Autores, 1994. p.17. \*\* Apesar do nome, no Internacional Clube não existem indícios que o relacionem ao Internacional *Football Club*.

<sup>63</sup> Sobre a história do futebol paranaense ver: CARDOSO, F. G. *História do futebol paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978. MACHADO, H. I.; CHRESTENZEN L. M. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Grafipar, 1991. MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit. COELHO, V.; CARNEIRO NETO. *Atlético – a paixão das multidões*. Curitiba: dos Autores, 1994.

<sup>64</sup> HOBBSAWN, E. J. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>65</sup> Um longo debate se estabeleceu sobre a formação da identidade brasileira neste período – virada do século XIX para o XX – contudo, a maioria dos pesquisadores sobre o tema acredita que, basicamente, a formação da identidade se deu na tentativa de apropriação da cultura européia, fato que, obviamente, remeteu a cultura tipicamente brasileira a adjetivos como retrogrado, ultrapassado, inculto ou grosseiro.

<sup>66</sup> Sevckenko remete os esportes ao manancial de novidades republicanas, contrapondo-o aos jogos de azar, prática valorizada no período monárquico. SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 568-581.

simulada e controlada pelo esporte, especialmente o futebol.<sup>67</sup> Tal equilíbrio seria fundamental também para que os imigrantes pudessem continuar mantendo hábitos comuns à sua cultura, atenuando assim, as dificuldades geradas pelo estabelecimento em um país cujos costumes eram bastante diferentes dos seus.

É nesse contexto que surge um novo (e importantíssimo) agrupamento, no processo de introdução da prática futebolística: os jovens pertencentes às tradicionais famílias locais, que foram os também – conjuntamente com os imigrantes europeus – responsáveis pela rápida popularização do futebol. Mas, porque estes jovens adotariam tão rapidamente a prática esportiva, especificamente no caso brasileiro o futebol?

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, foram fortemente marcadas pela construção de uma identidade nacional. A prática física era, então, uma das atividades responsáveis por formar um “corpo forte”, desenvolvido a partir da medicina higienista, de características eugênicas. Dessa forma, o esporte – enquanto elemento originário no berço da civilização – era um ótimo meio de se obter padrões de saúde adequados ao tão necessário “desenvolvimento da raça”. Assim,

Era preciso intervir para “regenerar”, deixar para trás a “cidade indígena” e erigir uma cidade “civilizada” à européia. Mas não era só isso: almejava-se também a “regeneração social”, a superação da antiga estrutura familiar e social patriarcal (considerada “promíscua e doente”) em prol da efetivação de uma família nuclear burguesa mais sintonizada com o ritmo industrial inglês e com a moda francesa.<sup>68</sup>

As cidades – foco central da introdução dos esportes no Brasil – eram consideradas um espaço de desordem e bagunça.<sup>69</sup> “Diante deste quadro, a elite dirigente se colocava frente à tarefa de organizar a sociedade, a começar pela sua cidade (modificando o traçado urbano) atuando no âmbito da saúde, do trabalho e do lazer. Essa atuação ‘pedagógica’ contou com um forte aliado: o esporte.”<sup>70</sup>

---

<sup>67</sup> Sobre o equilíbrio das tensões no esporte ver: ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1997. p. 97-99.

<sup>68</sup> HERSCHMANN; LERNE, op. cit., p. 29.

<sup>69</sup> Ver a notória obra de: CHALHOUB, S. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>70</sup> Ibid., p. 34.

As elites também pretendiam “conduzir uma mudança nos hábitos e condutas do conjunto da sociedade, tentando livrar a sociedade do modelo patriarcal e aproximando-a dos padrões europeus em voga.”<sup>71</sup> Era um período conturbado o que gerava muitas divergências entre as novas configurações que se formavam “...a despeito destas tensões, havia um nítido esforço por parte das elites no sentido de impor uma racionalização, a que correspondiam as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa no último quartel do século passado.”<sup>72</sup>

Ainda sobre a introdução do esporte nos grandes centros urbanos e sua função no processo de eugeniação, é explicitado que

Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Esse amplo processo de transformação comportaria uma alteração crucial no quadro de valores. Nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a idéia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza. Não surpreende por isso que os termos por meio dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser medidos pelos conceitos da profilaxia, da higiene e da eugenia.<sup>73</sup>

Assim como em todo o Brasil, a necessidade da saúde como fator preponderante à eugeniação era pregada com muita convicção em Curitiba. Neste período, os recentes exercícios ginásticos – no qual se inclui o futebol – disputavam de igual para igual com as disciplinas teóricas um lugar no currículo escolar. Acreditava-se que um corpo saudável era primordial para um aprendizado intelectual satisfatório. As próprias disciplinas teóricas valorizavam o ensino da anatomia e da fisiologia. Mas não eram somente os esportes os privilegiados: “Incluem-se nas escolas, além da educação física, os programas de educação sanitária, o ensino da higiene e o exame médico regular, reflexos das preocupações mais amplas da sociedade com a higiene pública, a ordem social e os cuidados alimentares.”<sup>74</sup> Portanto, como será visto adiante, no caso da fundação do América *Football Club*, até o próprio sistema educacional vigente corroborava com a propagação dos esportes.

---

<sup>71</sup> CHALHOUB, op. cit., p. 25.

<sup>72</sup> Ibid., p. 27.

<sup>73</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 571.

<sup>74</sup> TRINDADE, E. M. C. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Farol do Saber, 1996. p. 36.

Mas não era só o modelo escolar que se pautava no exemplo europeu e, em algumas circunstâncias, norte-americano. Praticamente tudo referente à Europa ocidental – principalmente Inglaterra, França, Alemanha e Espanha – e EUA eram considerados neste processo de formação identitária, sinônimo de educação, cortesia e civilidade. Assim, não é de se estranhar a emotiva “adoção” do esporte bretão, por parte da juventude elitista. Ainda mais ao pensar que exemplos absurdos ocorreram neste processo de adoção dos hábitos e costumes, como o fato do segmento refinado da população do Rio de Janeiro, cidade de clima tropical, adotar como modo de se vestir as pesadas vestimentas feitas para suportar o rigoroso inverno europeu:

O futebol surgiu cá pelas terras de São Sebastião em 1897, numa época em que o Rio de Janeiro não sabia, ou fingia não saber, que era tropical. Eram tempos dos fraques e cartolas para os homens e pudicos vestidos de muitos panos para as mulheres. Os elegantes membros da elite se vestiam assim e agiam assim, como se o clima temperado da Europa, de onde vinham a fazenda e o modelo de suas roupas – quando não vinham prontas – fosse o mesmo daqui.<sup>75</sup>

Com essa finalidade higiênica, eugênica e civilizatória – agrupadas para a formação da identidade brasileira – é fundado, na cidade do Rio de Janeiro, o Fluminense *Football Club*, um dos primeiros clubes de futebol brasileiro, formado pelos jovens das tradicionais famílias cariocas, ex-praticantes de esportes náuticos, que não viam mais no remo uma atividade (ou um modismo de cunho higienista) que os diferenciasse das outras camadas sociais mais populares, já que o esporte náutico havia caído nas graças da população pobre que, usando de materiais alternativos, construía embarcações precárias, superlotando os locais adequados à prática dos remadores.<sup>76</sup>

Em Curitiba, o clube fundado por estes jovens locais que aderiram ao novo modismo de origem européia – ou talvez, o modismo dos grandes centros brasileiros – chamou-se Internacional *Football Club*.

---

<sup>75</sup> Mattos, op. cit., p. 17.

<sup>76</sup> Sobre a popularização do remo ver: MELO, op. cit. e, sobre a popularização do futebol no Rio de Janeiro, ver: PEREIRA, op. cit.

Ambos os clubes, Fluminense e Internacional, reuniam a “fina-flor” da mocidade local, jovens de sobrenome conhecido nos meios sociais das respectivas cidades, tentando transformar – por meio da higienização – que o esporte proporcionava o “fraco” povo brasileiro numa raça mais dotada. Referindo-se ao caso carioca, Pereira comenta que o “...caráter moderno que a marca inglesa dava ao jogo, ganhava através dos princípios da higiene a sua legitimidade social. (...) Da Proposta médica para a sociedade, a higiene convertia-se em meio de legitimação da identidade construída por esses rapazes que se juntavam nos clubes de *football* tentando firmar para si o papel de salvadores da nação, patrocinadores de uma luta que teria como objetivo a regeneração do próprio país.<sup>77</sup>

Mas a função higienista ultrapassava os limites da saúde, estabelecendo também, um modelo estético padrão, o perfil forte, robusto, enfim o perfil da elite burguesa européia.<sup>78</sup> Uma crônica do renomado poeta parnasiano Olavo Bilac demonstra claramente o novo biotipo que estava se delineando:

Basta comparar a grande geração, que actualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que ahi se está formando (...) para ver que beneficios se estão colhendo do desenvolvimento do sport (...). Ver essa mocidade, exuberante de saúde e alegria – é cousa que encanta e orgulha. (...) O contacto diário com o ar livre (...) salva-a do desanimo e do abatimento moral.<sup>79</sup>

Acreditava-se, na época, que as práticas físicas eram o elemento primordial no processo que transformou o homem europeu em um exemplo de ser humano: que era ao mesmo tempo forte, viril, e virtuoso; além de inteligente, culto e civilizado. Dessa forma,

...o futebol ia assumindo o seu perfil de um “fidalgo e útil” jogo, sendo por isso saudado o “interesse que esse gênero de sport” ia despertando no país. (...) era o futebol que ia construindo para si a marca de jogo da higiene e da saúde. Consolidada para o jogo a feição de uma atividade nobre, seus praticantes atraíam o apoio e legitimidade para suas associações – fazendo com que o futebol começasse a se destacar como um esporte especial, que teria um caráter mais “salutar” do que os demais.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> PEREIRA, op. cit., p. 55.

<sup>78</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 52.

<sup>79</sup> BILAC apud MELO op. cit., p. 198.

<sup>80</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 52.

Assim, os esportes, especificamente o futebol, pelo menos para os brasileiros, não era somente uma forma de exercitar-se. Era um lazer “nobre”, um meio de socialização da aristocracia brasileira que tentava adaptar as manifestações sociais brasileiras aos “refinados” modos europeus. Nesse contexto, o futebol “se torna de fato um dos códigos mais expressivos para estabelecer os signos da distinção social. Ele surgiu e se impôs como um ritual elitista, revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e do *sportmanship* (cavalheirismo, imparcialidade e lealdade).<sup>81</sup> Não que as camadas menos abastadas da população não tentassem se aproximar destes novos costumes, isto já ocorria naquela época e se acentuaria ainda mais nos anos subsequentes. Mas, se era do interesse dos fidalgos praticantes a presença das classes pobres nas suas atividades é uma questão que só será respondida no transcorrer deste texto.

### **Eventos “chics”, imagens registradas**

Ilustrando o processo de introdução do esporte no Brasil, pode-se citar como exemplo os *festivais esportivos*. Termo comum em dias de partidas futebolísticas – geralmente domingos – chamados assim porque antes e após as disputas eram realizados piqueniques, chá da tarde ou, até mesmo, saraus dançantes. Além dos praticantes do *football* que, na sua maioria, eram jovens estudantes das famílias tradicionais das metrópoles, freqüentavam tais festivais as finas moças da sociedade brasileira, educadas no “seio” familiar, sendo elas e as respectivas famílias os primeiros espectadores do futebol. Vê-se, abaixo, uma fonte histórica iconográfica registrando o momento da realização de um *festival esportivo*.

---

<sup>81</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 575.



Esta fotografia foi tirada em Curitiba, no final da década de 10. O local é o Estádio Joaquim Américo, pertencente ao Internacional *Football Club*, hoje Arena da Baixada do Clube Atlético Paranaense.<sup>82</sup>

A autoria é anônima, mas provavelmente tratava-se de um fotógrafo profissional, porque a fotografia amadora não era muito comum neste período devido ao tamanho das máquinas e às técnicas rústicas de manuseio.<sup>83</sup> O enquadramento reforça esta hipótese: uma visão panorâmica com as pessoas em primeiro plano, ao fundo parte do Estádio do Internacional *Football Club* à direita e, do lado esquerdo, uma leve inclinação topográfica. Nenhuma das pessoas pode ser reconhecida, devido à distância que o fotógrafo se encontrava e pelo ângulo que foi escolhido, fato que contraria a característica da maioria das fotografias de época que, geralmente, registravam como temática principal as famílias em detrimento ao panorama.

Como o fotógrafo tenta em um único registro englobar vários aspectos, a foto poderia ser destinada à divulgação do próprio clube ou ser utilizada por algum

---

<sup>82</sup> ATLÉTICO – paixão e tradição. *Galeria de fotografias*. Curitiba: Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM. Utilizamos recursos técnicos para acentuar o contraste e a cor da foto a fim de facilitar a visualização.

<sup>83</sup> KOSOY, op. cit., p. 133-134.

periódico local, pois nessa época, sendo rústico o processo de editoração, eram colocadas nos periódicos fotos que fossem o mais abrangentes possível.

O conjunto de pessoas estava aglomerado nos fundos, à esquerda da trave no campo de futebol. As arquibancadas, que aparecem apenas parcialmente, estão completamente vazias, fato que leva a crer que a partida de futebol fora realizada antes do momento fotografado, já que as festividades sempre ocorriam depois do *match*. Outra situação que reforça a possível realização de uma partida de futebol neste dia baseia-se na análise de fontes que, em todo período analisado, não indicou nenhuma atividade no *ground* realizada independente de uma partida de futebol. Além disso, não eram comuns freqüentadores do estádio nos dias em que não havia jogos – lembrando que as sedes dos clubes eram, na maioria dos casos, longe da região central da cidade.

Pela disposição do agrupamento e pela quantidade de mulheres que podem ser diferenciadas pelo traje, acredita-se que neste dia estava sendo realizado um *festival sportivo*, acontecimento bastante comum nesse período, que consistia basicamente em disputas esportivas (na maioria dos casos, partidas de futebol), homenagens cívicas, saraus ou “chás” que tinham um tema ou um homenageado. No caso desta foto, – no canto superior esquerdo – pela falta de mesas e cadeiras e pelo cordão com alguns objetos pendurados que podem ser lâmpadas, sugere-se que era um sarau. Reforça-se a hipótese de ser este o evento devido à claridade constatada na fotografia. O período do dia, provavelmente, variava entre às 16 e 18h, horário mais comum para o início dos saraus, que se estendiam por seis ou sete horas. As roupas escuras dos homens confirmam o fim de tarde, já que a etiqueta da época sugeria que de dia fosse usado um terno claro.

Ainda analisando os trajes, podemos remetê-los a um exemplo de civilidade baseada no modelo europeu, ou seja, refinamento de comportamentos e mudanças nos usos (os trajes) e costumes (os saraus)<sup>84</sup> na tentativa de aproximar-se das mesmas

---

<sup>84</sup> O sarau, por exemplo, era uma novidade já que era realizado ao ar livre, em contato com a natureza; diferenciando-se das antigas festas monárquicas realizadas em ambientes fechados. Sobre as mudanças de comportamentos ver, na íntegra, a obra de SEVCENKO, *História...*, op. cit. No caso do vestuário, pode-se exemplificar com o próprio caso do Imperador Dom Pedro II que, já há algumas décadas, mudava as características de suas vestes deixando de lado os velhos e adornados trajes reais trocando-os pelo “civilizado” e moderno terno. SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador* – D. Pedro II, um

práticas adotadas na Europa, o velho continente, o berço da civilização. Mesmo que a distância tomada para fotografar não seja adequada para visualizar os trajes nos pormenores, pode-se observar a elegância dos vestidos e chapéus das mulheres e, também, o uso de cartolas pelos homens (observar três homens entre o centro e o canto inferior esquerdo da foto), estes acessórios eram usados pelas elites nesse período. Outro fato relevante, demonstrado pelo tipo de vestimenta, é que as mulheres deveriam ser bastante jovens, pois o corte do vestido, na sua maioria, se dava na altura dos tornozelos, ousados demais para senhoras casadas, além do uso de grandes laços na cintura, tipo de complemento comum nos vestidos das escolares (observar uma senhorita na parte inferior da foto ao centro).

Voltando-se para o fundo da fotografia, pode-se confirmar os relatos das bibliografias a respeito do Estádio Joaquim Américo,<sup>85</sup> os quais afirmam que o Estádio ficava em uma região afastada na qual havia poucas habitações, fato causado pela presença do depósito de pólvora nas proximidades. Ao observar-se atentamente a extremidade superior central será visualizada uma grande elevação descampada, onde só existe uma única residência que não pode ser detalhada, pois o foco do rústico equipamento fotográfico não permite. Há uma outra residência que está acima das arquibancadas, mas a uma considerável distância da primeira.

Sobre as arquibancadas só se pode informar que elas ficavam no lado direito da entrada do Estádio e eram feitas de madeira. Mesmo que precárias, elas foram construídas para abrigar os refinados frequentadores dos jogos que, até então, não tinham um local apropriado para assistir as pelepas, pois os jogos de futebol, até sua construção em 1917, eram realizados no Prado do *Jockey Club*, quando este autorizava o uso de suas dependências. Podemos visualizar também na parte superior direita das arquibancadas a tribuna de honra (local semelhante a uma pequena casa). Lugar destinado exclusivamente às honrarias que o clube prestaria às autoridades locais e ilustres visitantes que viessem prestigiar as disputas lá realizadas. Posteriormente, este

---

monarca no trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Ver, especialmente, o capítulo XII - *Um cidadão monarca* e o capítulo XIII - *A revolução da daguerreótipo entre nós*, ambos demonstram como a iconografia é um elemento esclarecedor para a historiografia moderna.

local privilegiado foi utilizado para realização das primeiras transmissões radiofônicas do futebol no estado do Paraná, colaborando assim, para popularização do referido esporte.

Encerra-se aqui a interpretação da imagem fotográfica. Contudo, uma inquietante questão, que não pode ser respondida pela análise da foto, permanece: era permitido a todos a participação nas atividades realizadas pelos clubes?

Se as intensas atividades, praticadas nos clubes de *football* de origem elitista – como o Fluminense F. C. e o Internacional F. C. –, buscavam diferenciar seus jovens praticantes de outras camadas sociais, era necessário a criação de normas de exclusão nas práticas esportivas. Era restritiva, então, a presença de pobres, negros, mestiços, enfim, qualquer pessoa que pudesse colocar em risco a virtude de *gentleman* que todo praticante do futebol visava ter. Reiterando tal fato, Toledo, sobre o futebol brasileiro, discorreu:

Uma discussão importante sobre a popularização do futebol mostra que tal processo se confrontou-se com as tentativas e estratégias de distinção social implementadas pelas elites esportistas do início do século XX, que obstaculizaram como puderam a participação mais universalizada das camadas populares dentro do campo de jogo.

(...) Portanto, essa ética amadora configurou-se mais como processo de autodefesa de classe e distinção social perante a possibilidade de ascensão social dos segmentos populares que, efetivamente, viam no futebol um caminho, restrito mais simbolicamente relevante, de ganho social na esfera das disputas esportiva.<sup>86</sup>

Os mecanismos de defesa (e exclusão) eram os mais variados possíveis. Desde a crônica da época até teses médicas, como a redigida por Álvaro Reis que afirmava que o *football* era um esporte recomendável somente àquela juventude preparada para seus benefícios, sendo então, não adequado à população em geral que, segundo o autor, deveria se preparar melhor para um esporte que exigia tanto da capacidade física do indivíduo.<sup>87</sup>

Mas as características segregacionistas do futebol foram, com muita propriedade, relativizadas. Negreiros justifica que a historiografia acentua o dualismo

---

<sup>85</sup> MACHADO; CHRESTENZEN, op. cit.; MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit.; COELHO; CARNEIRO NETO, op. cit.

<sup>86</sup> TOLEDO, L. H. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 52.

<sup>87</sup> PEREIRA, op. cit., p. 55-73.

entre o futebol praticado pelas elites e o praticado pelos populares, sendo que “...Torna-se insensato aceitar a existência de uma separação tão radical.”<sup>88</sup> Sugere então, o autor uma divisão do futebol, na década de 10, a partir de duas práticas distintas porém interligadas, denominadas: futebol oficial e futebol informal.<sup>89</sup>

A “batalha” entre tais segmentos sociais que praticavam o esporte era desnivelada. Os correligionários do futebol oficial (aquele praticado pelo segmento abastado, das colônias étnicas ou nos clubes) tinham – como será discorrido ao longo deste trabalho – controle dos meios de divulgação, a estrutura física necessária, além de favorecimentos políticos.

O discurso utilizado pelas “elites segregacionistas”, com a finalidade de negar a participação de esportistas populares, era subjetivo e intrínseco. Falava-se enfaticamente sobre o valor do amadorismo sobre o profissionalismo. Alegava-se que o amadorismo era fundamental, pois o esporte era uma forma de obtenção de saúde, por meio do desenvolvimento físico. Portanto, para que isto realmente acontecesse, a prática deveria ocorrer desvinculada de qualquer remuneração, ou seja, a profissionalização do esporte. Ainda a favor do amadorismo, usava-se o argumento que, atividades remuneradas, como a rinha ou mesmo o turfe, por exemplo, ao invés de privilegiar a higiene, acentuavam outro vício: a aposta.

Era um hábito tão comum aos brasileiros, a ponto da crônica propagadora da higiene e saúde, às vezes, não resistir e “...Arriscamos, porém, aqui, um palpite (...) Usando o seguinte *score* para o torneio de amanhã: Internacional 3 Paraná *Sport Club* 1.”<sup>90</sup> Mas, como afirmado, era apenas um deslize. Normalmente, os periódicos criticavam bastante o “vicioso hábito”. Por exemplo, expondo a opinião de um renomado intelectual, político e defensor dos esportes brasileiros:

#### O Jogo

---

<sup>88</sup> NEGREIROS, P. J. L. C. *Resistência e rendição* – a gênese do *Sport Club* Corinthians Paulista e o futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916. São Paulo, 1992. p. 49. Dissertação (Mestrado em História) - PUC.

<sup>89</sup> Ibid., p. 49-94.

<sup>90</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 27 jun. 1912. p. 2.

Diathese cancerosa das sociedades amenizadas pela sensualidade e pela preguiça, elle entorpece, calleja, desviriliza os povos, nas fibras de cujo organismo insinuou o seu germen, proliferante, inextirpavel.

Os desvairios do encilhamento dão e passam como rápidos temporaes. São irregularidades violentas das épocas da prosperidade e esperança. Só o jogo não conhece remitências: com a mesma continuidade com que devora as noites do homem occupado e os dias de ócio, os milhões de opulento e as migalhas do operario, tripudia uniformemente sobre a sociedade nas quadras de fecundidade e penuria, de abastança e de fome, de alegria e de luto.

É a lepra do vivo, é o verme do character.<sup>91</sup>

Assim, não faltavam subsídios para tecer críticas às apostas. Os argumentos eram os seguintes: constantes dívidas; consequentemente, brigas; o ócio passivo (simplesmente assistir as atividades sem participar, sintetizando, sedentarismo); o associacionismo com os velhos (e ultrapassados) costumes de uma tradição colonial portuguesa,<sup>92</sup> e, principalmente, porque poderiam gerar o suborno e a manipulação de resultados.

Sabendo-se que os pobres (imigrantes, mestiços, índios e negros) não tinham condições de praticar o esporte sem remuneração, justificava-se, portanto, sua exclusão, como possíveis suspeitos de subornos e, secundariamente, pelo não aproveitamento das qualidades higiênicas e estéticas que o esporte oferecia. O pesquisador do futebol carioca, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, apresenta na sua obra vários mecanismos de exclusão utilizados pelos fidalgos praticantes. Destacamos um, que julgamos ser o mais utilizado – o próprio estatuto dos clubes de futebol: além da cobrança da “jóia” para se associar e das elevadas mensalidades “...o clube ainda definia diretamente, em seus estatutos, que um dos requisitos para a aceitação de novos sócios seria o de não ser nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal – sendo necessária a menção, na proposta de ingresso no clube, de uma explicação sobre o lugar que ocupa no emprego.”<sup>93</sup>

Outro pesquisador do futebol afirmou:

---

<sup>91</sup> BARBOSA, R. O Jogo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 17 fev. 1913. p. 2.

<sup>92</sup> Cabe destacar que, no período monárquico, as práticas ligadas ao esforço físico eram negligenciadas, pois eram associadas à dimensão do trabalho que, por sua vez, era realizado na sua maioria, por escravos ou classes populares. Ver o texto de: WISSENBAACH, M. C. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. In: SEVCENKO, *História...*, op.cit., p. 50-130.

<sup>93</sup> PEREIRA, op. cit., p. 63.

O futebol foi introduzido oficialmente no Brasil pelas elites racistas e excludentes. Aristocrático, branco, elegante, rico, educado, falando inglês do goleiro ao ponta esquerda. A riqueza era exigida e, também, a tradição. Uma certa tradição pelo menos expressa no sobrenome duplo ou na linhagem familiar. A exemplo da Cavalaria Medieval – guardadas as devidas diferenças – que exigia a comprovação da nobreza por três ou quatro gerações, os primeiros clubes de futebol no Brasil impuseram critérios de cor e classe. Barreiras sociais rígidas, verdadeira violência [implícita] contra negros, mulatos e brancos pobres.<sup>94</sup>

Discorda-se que o futebol tenha sido introduzido no Brasil somente pelas elites. A associação com as etnias européias imigrantes e seus descendentes (sendo que a sua maioria eram pobres), além de marinheiros, educadores, operários, não pode ser negligenciada. Entretanto, o autor, além de acertivo com relação a exclusão, discorreu com uma fluidez literária o contexto do primórdio do futebol brasileiro, valendo a nota.

---

<sup>94</sup> MURAD, M. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: \_\_\_\_\_. *Futebol – espetáculo do século*. Rio

## O INÍCIO DA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA NO PARANÁ

*A história do futebol é uma triste viagem do prazer a dever.*  
Eduardo Galeano, escritor uruguaio

A sociedade escravocrata, base de toda a economia brasileira no período monárquico, em pouco tempo era substituída pelo trabalho livre dos imigrantes vindos de várias partes da Europa. Depois de um complexo processo de abolição da escravatura, o motivo do incentivo à imigração era a contribuição que os brancos poderiam dar no processo eugênico (formação da identidade nacional):

Intelectuais brasileiros construtores da teoria do “branqueamento” no início do século XX – processo seletivo de miscigenação que dentro de três ou quatro gerações faria surgir uma população branca – viam a vinda de imigrantes brancos como um bem. O mestiço original poderia ser melhorado caso se introduzisse mais brancos à mistura original. A seleção de imigrantes obedeceu principalmente à demanda pelo branqueamento. A possibilidade de miscigenação e a disponibilidade à assimilação são variáveis fundamentais na definição de quais imigrantes são desejáveis. O imigrante, além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio da assimilação.<sup>95</sup>

Assim, no caso do Paraná, onde a força econômica vinha principalmente da extração da erva-mate,<sup>96</sup> o trabalho manual era quase todo feito pelos novos colonos.<sup>97</sup> Mas, alguns daqueles imigrantes – ao invés de desbravar o inóspito interior paranaense, local destinado pelas empresas de colonização aos recém chegados agricultores, permaneceram nos centros urbanos – Curitiba e Paranaguá. O fenômeno ocorreu porque, atraído fundamentalmente para o trabalho agrícola – função do Brasil no concerto do mercado mundial do final do século XIX e início do XX – o europeu

---

de Janeiro: [s.n.], [19-]. p. 29.

<sup>95</sup> OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.10

<sup>96</sup> Sobre as elites ervateiras ver a obra de: OLIVEIRA, R. C. *O silêncio dos vencedores*. p. 70-94. A obra de: PEREIRA, M. *Semeando iras rumo ao progresso*. Na sua totalidade esmiuça o período do século XIX, onde a extração da erva-mate era o principal fator econômico no estado do Paraná.

<sup>97</sup> No caso paranaense, os colonos eram imigrantes originários da Alemanha, Itália, Polônia e Ucrânia.

deveria imigrar em massa. Sua função era substituir o trabalho escravo, portanto sua importação só tinha sentido se fosse em grande escala e sem grandes custos financeiros e, assim, ocorreu. Contudo, a falta de estrutura no campo – fosse na frente cafeeira paulista ou nas colônias agrícolas do Sul do país – e a contradição da necessidade da excedência, não permitiu a fixação de porte significativo desses colonos, que acabaram migrando para as cidades. Além disso, as condições de vida, mesmo precárias nas cidades, eram bem melhores do que a condição oferecida aos colonizadores rurais:

...as descrições dos locais onde os imigrantes moravam e da promiscuidade em que eram obrigados a viver em razão da miséria são bons exemplos da repercussão da crise econômica na bucólica paisagem do campo. Mais ainda, demonstraram como conceitos que pautaram as análises da vida privada apoiados nas cidades, voltadas para uma burguesia nascente, que nada têm a ver com as condições em que viviam os pobres do campo. Não existiam cômodos separados para pais e filhos, e se estava longe do que Norbert Elias chamou de “refinamentos de sensibilidade”, por meio do qual se sofisticaram as maneiras de comer, de se lavar, de amar e portanto de morar, sobretudo no início do século XIX.<sup>98</sup>

O imigrante ia sobrevivendo nas cidades por meio da venda de seus préstimos em marcenaria, carpintaria, entre outras atividades rústicas. Outros ainda, do pequeno comércio, abrindo estabelecimentos de venda como “armarinhos”, “secos e molhados”, padarias, mercearias e coisas afins. Foram contribuindo para o desenvolvimento urbano brasileiro. Algumas etnias tinham maior habilidade para estas atividades. “No Paraná, por exemplo, grande parte da comercialização de produtos era praticada por alemães....”<sup>99</sup>

Mas estes imigrantes que procuravam a urbanidade não correspondiam a expectativa que o governo brasileiro tinha, pois “...O imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades.”<sup>100</sup>

Existia, em última instância, uma exceção à regra: uma pequena parcela destes imigrantes que se estabeleciam para trabalho provisório no país, como o caso dos

---

<sup>98</sup> ALVIN, Z. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, *História...*, op.cit., p. 227.

<sup>99</sup> Ibid., p. 272.

<sup>100</sup> OLIVEIRA, op. cit., p.13.

ingleses que, provindos do “berço” da Revolução Industrial, vinham fazer trabalhos de alta tecnologia como a implementação artefatos de ferro fundido como caldeiras e máquinas a vapor; ou a instalação/manutenção de linhas férreas; ou ainda, algum trabalho burocrático nos recém-instalados bancos ingleses ou em alguma empresa de importação e exportação. Assim, constatamos que

A presença do movimento migratório – desde a segunda metade do século XIX – provocou um impacto na provinciana Curitiba impondo um reordenamento da sociedade como um todo. A cidade passou a viver um processo de incipiente industrialização [desenvolvimento comercial e terciário], trazendo consigo novas atividades profissionais e novas formas de relacionamento a partir do mundo de trabalho (o desenvolvimento do sindicalismo, a eclosão das greves operárias, entre outros). A ocupação do espaço urbano se remodelou impulsionada pelo crescimento populacional e pelo surgimento de novas demandas sociais, tais como atendimento médico – sanitário com a proliferação de doenças até então desconhecidas, o aumento da mendicância, da prostituição e da criminalidade, as demandas por educação, emprego, habitação, etc.<sup>101</sup>

Dentre todas essas mudanças desenvolve-se o futebol, sendo então, os indivíduos destes grupos de imigrantes – os ingleses, alemães e italianos – e, posteriormente, os brasileiros pertencentes ao seu círculo de relacionamentos/influências sociais, os responsáveis pela introdução e divulgação do *football* no Paraná. Volta-se a frisar que este trabalho atem-se à prática do esporte futebol e não ao jogo de bola, já comum em outros segmentos sociais.

Contudo, tal iniciativa não foi uma tarefa fácil nem tampouco unânime. Vários obstáculos surgiram nos anos iniciais da prática do futebol no Paraná, desde o local para os *matches* até a precariedade dos meios de transporte da época. Passando pelas dificuldades de relacionamento entre os grupos distintos que tentavam consolidar a prática futebolística no estado. Para analisar estes equilíbrios e tensões, reduzimos, a partir de agora nossa escala de observação, iniciando então, por uma carta anônima enviada ao jornal *Diário da Tarde*, no dia 14 de junho de 1912. A carta, além de contextualizar a cidade de Curitiba na época, indica os principais problemas pelos quais o futebol paranaense passou nos seus primórdios – tecendo várias críticas as condições de entretenimento e do esporte na cidade.

---

<sup>101</sup> RIBEIRO, L. C., *História e sociabilidade na formação do futebol profissional em Curitiba (1900-1945)*. Curitiba: mimeog., 1998. p. 11.

## CARTA À REDAÇÃO: contextualizando o futebol em Curitiba

*Ao noticiário minucioso e abundante de seu bem feito  
jornal falta alguma cousa para o tornar completo.  
A meu vêr, essa lacuna, dada a conhecida boa vontade  
de v. s., é de facil remédio e prompta cura.*  
Início de uma carta anônima à redação do jornal  
Diário da Tarde, Curitiba, 14 jun.1912.

### Notas iniciais sobre a Carta

Era o ano de 1912 e, influenciados pelas práticas (ditas) civilizadas provenientes da Europa e EUA, os cidadãos brasileiros estendiam seu espaço de sociabilidade do seio familiar, ou seja, do espaço privado da casa, rumo à convivência em agrupamentos sociais maiores, como o grupo de jovens que buscava a prática esportiva, por exemplo, onde o local público facilitava o contato com “tudo que era novo e moderno”, refletindo assim, a influência positivista<sup>102</sup> que se encontrava fortemente enraizada no Brasil da república velha. Um viajante que se enquadra neste perfil, ao chegar em Curitiba, estranha a falta de opções de lazer encontradas e resolve solicitar mais opções, escrevendo ao periódico *Diário da Tarde*.

Mas o que uma carta anônima à redação do jornal mais popular de Curitiba poderia fornecer de tão importante a ponto de tornar-se objeto de estudo? A carta é uma síntese do pensamento proveniente de um manifestante que – na solicitação de uma maior cobertura jornalística aos esportes – possibilitou, mesmo sem pretender, contextualizar aspectos relevantes de Curitiba na década de 10, notoriamente ao que tange às práticas esportivas e a estrutura física necessária para a realização de tais atividades. Portanto, encontra-se frente a uma situação que remete à proposta do historiador Carlo Ginzburg, quando este se deparou com uma documentação específica sobre um indivíduo. Sobre este “encontro” ele disse: “De vez em quando as fontes, tão diretas, o trazem muito perto de nós: é um homem como nós, é um de nós.”<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> SEVCENKO, *Orfeu...*, op. cit., p. 296.

<sup>103</sup> GINZBURG, op. cit., p. 12.

No período em que o anônimo viajante residiu em Curitiba, o esporte predileto era o turfe, atividade bastante popular no Brasil, na virada do século.<sup>104</sup> Os páreos eram realizados semanalmente no *Jockey Club*, que oferecia toda infra-estrutura necessária às exigências da fina sociedade curitibana. Eram comuns até a participação de conjuntos estrangeiros, na sua maioria vindos da Argentina. Assim, todo o *glamour* das elites em busca da civilidade podia ser observado nas festividades realizadas no *Jockey*. Contudo, o imparcial autor da carta, registra a queixa afirmando que “...uma corrida no *Jockey*, que seria bom elemento a quebrar o tédio geral dos dias de folga se a digna diretoria fosse capaz de domar o onipotente capricho da Companhia de bondes de não oferecer carros para quem regressa das suas reuniões esportivas.”<sup>105</sup>

Se era interessante ou não para os dirigentes do *Jockey* que os bondes levassem um grande contingente de pessoas ao evento, não foi questionado pelo autor da carta. Ele acreditava que era interessante para todos a frequência constante dos carros. Assim, arrisca na carta um prognóstico caso a situação persistisse: “Seriam trez a lucrar: o publico, a caprichosa companhia e, principalmente, o *Jockey Club*, que n’esse andar, effectuará em dia não muito remoto, corridas para as archibancadas vazias e diminutos numero de afficionados que arrostandos todos os contratemplos pela sua diversão favorita.”<sup>106</sup>

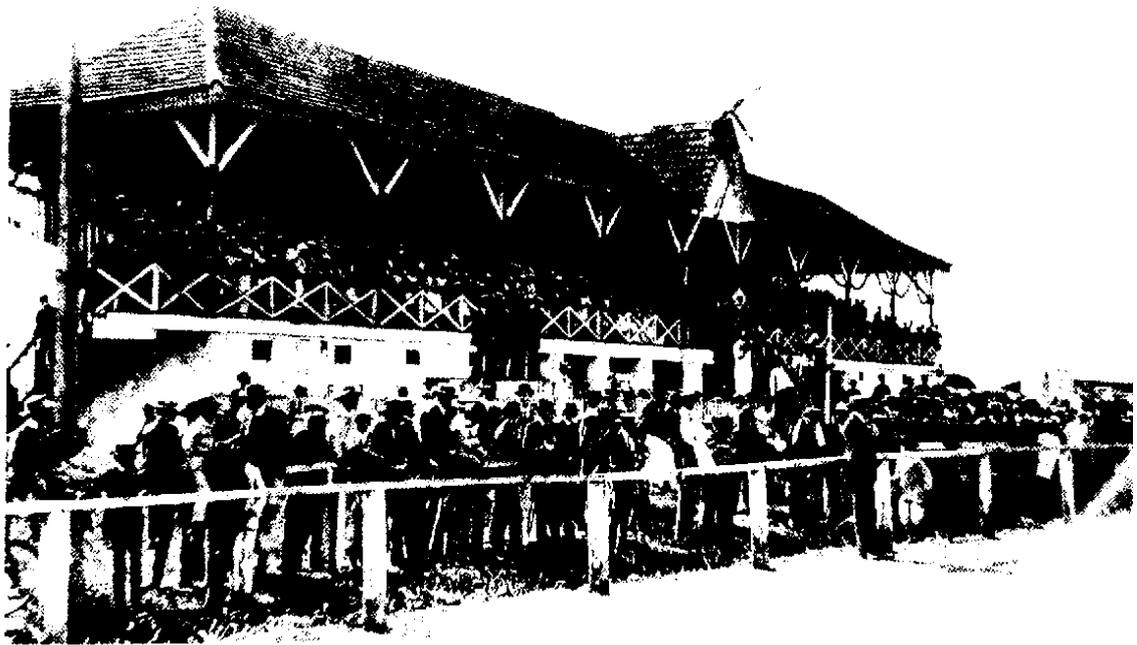
A análise de uma fonte iconográfica reforça a hipótese de que, com as medidas sugeridas pelo autor, logo o *Jockey Club* estaria lotado:

---

<sup>104</sup> MELO, op. cit.

<sup>105</sup> O SPORT em Curitiba. *Diário da Tarde*, Curitiba, 14 jun. 1912. p. 3.

<sup>106</sup> Id.



Seu prognóstico estava correto. A imagem fotográfica<sup>107</sup> acima, registrava um ano e alguns meses depois do envio da carta, as arquibancadas completamente lotadas do *Jockey Club* do Paraná. Dentre várias atrações como jovens vestidas à grega cantando o Hino da Primavera, corridas de velocidade, corridas de archotes e jogo do disco. Destaque para as corridas turfísticas e o jogo de *football* entre as equipes do Internacional *Football Club* e o Coritiba *Football Club*. Ou seja, o futebol que alguns anos atrás era apenas secundário, começava a ocupar um lugar de destaque dentre as atividades praticadas pelas elites locais nacionais e estrangeiras.

Os jornais da época diagnosticaram um público aproximado de três mil pessoas nas dependências do *Jockey Club*. Apesar da precariedade da fotografia, podemos notar que o número levantado pela crônica da época devia estar correto, havia várias pessoas sem lugares, ocupando toda a divisória entre as arquibancadas e a pista. Provavelmente, a atenção no momento fotográfico voltava-se para um páreo turfístico, já que a maioria dos espectadores voltava-se para um mesmo ponto.

O anônimo autor tinha razão, a associação entre o *Jockey Club* e a empresa de bondes (acrescentamos nesta parceria o futebol), faria com que o fluxo de pessoas que

procurassem esta forma de lazer social aumentasse sensivelmente, como demonstra a imagem iconográfica.

A parte da divulgação não era problema, pois o jornal *Diário da Tarde* aderira ao luxuoso modismo, dedicando um espaço diário razoável às colunas dedicadas ao turfe, especialmente aos sábados, informando sobre os páreos e, nas segundas passando aos leitores os resultados do dia anterior. Mas, a grande preocupação do autor da carta era outra...

### **Sobre o futebol em geral**

O futebol ainda não era muito divulgado em Curitiba, apesar de ser bastante conhecido em outros centros brasileiros, como confirma o anônimo autor: “Para não me referir a capitães estrangeiras, citarei apenas o extraordinário entusiasmo que os *matches* d’esse jogo despertam em S. Paulo e Rio de Janeiro...”<sup>108</sup> Confirmando a condição de “cidades exemplo” a historiografia futebolística relata que

Na condição de maiores metrópoles do Brasil, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo sempre detiveram o privilégio de ditar normas, comportamentos e de lançar novidades para o resto do país; aliás, durante muito tempo (talvez até o ano de 1970) o Rio mais do que São Paulo. E nesse aspecto o futebol manteve-se na regra geral: é nessas cidades [elas sempre monopolizaram o futebol brasileiro] que ocorrerão [sic] os maiores acontecimentos esportivos do país.<sup>109</sup>

Na capital paranaense, em 1912, a surpresa do autor da carta foi que este esporte merecia apenas pequenas notas nos jornais curitibanos. Em vista disso, ele sugere à redação do jornal:

Agora, mesmo, tem em v. s. um ótimo ensejo de colocar em relevo a sua bondosa acquiescência ao meu pedido dando ao noticiário do “Diário da Tarde” o complemento, cuja falta venho de sentir – uma coluna dedicada ao sport aproveitando como assumpto, para começar, a louvável tentativa de um grupo de rapazes nos nossos bancos para enraizar aqui o mais bello e mais empolgante dos jogos inglezes: o football.<sup>110</sup>

---

<sup>107</sup> ACERVO CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA. *Jockey Club do Paraná* – Comemoração da festa da primavera. Curitiba, 19 out. 1913.

<sup>108</sup> O SPORT em Curitiba, *Diário da Tarde*, op. cit.

<sup>109</sup> CALDAS, op. cit., p. 24.

<sup>110</sup> Id.

A dificuldade aumentava porque não existia ainda uma liga que organizasse a prática e, desta forma, as disputas eram de caráter amistoso ou pequenos “torneios de um dia”. Outro obstáculo era o pequeno número de times na cidade. Nessa época existiam apenas três equipes o Coritiba *Football Club* – fundado em 1909, o Paraná *Sport Club* – fundado nos finais de 1910 e o Internacional *Football Club* – fundado em maio de 1912, poucos dias antes da carta ser escrita à redação, em junho do mesmo ano.<sup>111</sup> Possivelmente, o autor da carta, ao falar na existência de dois clubes na cidade de Curitiba, referia-se ao Paraná e ao Internacional já que ambos possuíam associados que eram funcionários dos bancos ingleses que abriram filiais na cidade e o autor explicita que os jogadores eram “...rapazes nos nossos bancos.”<sup>112</sup> A não citação na carta, da equipe do Coritiba, reforça a idéia sugerida de que os imigrantes alemães não faziam muita questão de expandir o esporte, apenas arregimentando alguns brasileiros para que pudessem praticar o futebol no seu clube social: o *Turnverein*. Havia também a possibilidade do imparcial autor ser um destes jovens pertencentes aos “bancos curitibanos”<sup>113</sup> e, querendo passar uma impressão mais neutra, resolveu não se apresentar, sendo este o motivo da carta ser anônima.<sup>114</sup>

Resumindo, segundo o autor da carta, o problema curitibano consistia na falta de pessoas para praticar e, conseqüentemente divulgar o futebol. Sugere o redator que tal problema poderia ser resolvido com o surgimento de uma entidade regulamentadora, responsável apenas por arregimentar um número razoável de praticantes fidalgos. Depois, organizar seria mais simples, uma vez que o modelo estava pronto e bastava seguir os exemplos paulista e carioca.<sup>115</sup> Então, era explicitado

---

<sup>111</sup> Sobre a memória do futebol paranaense ver: CARDOSO, op. cit.; MACHADO, H. I.; CHRESTENZEN, op. cit.; MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit.; VINÍCIUS; CARNEIRO NETO, op. cit.

<sup>112</sup> MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit.

<sup>113</sup> Possivelmente, o *London Bank* porque era o único banco de origem inglesa na cidade de Curitiba.

<sup>114</sup> Cabem aqui, os meus agradecimentos aos alunos do curso de Educação Física da Uniandrade que compõem o grupo de estudos de história do esporte, especialmente a Camile L. da Silva que, na leitura minuciosa do meu texto, alertou-me para esta segunda hipótese.

<sup>115</sup> O primeiro campeonato paulista foi disputado em 1902 e o carioca em 1906, mesmo que as entidades que controlavam estes campeonatos se alterassem constantemente, o modelo podia ser seguido ou pelo menos analisado para servir de referencial.

na carta com muita pertinência que “facil é presumir-se que em breves dias, conhecidas e divulgadas as bellezas d’esse jogo, não só crescerá o numero dos que o joguem como dos que o apreciem.”<sup>116</sup>

Como era uma questão de divulgação, o jornal *Diário da Tarde*, como periódico de maior circulação na época, deveria ser para o remetente da carta o grande responsável pela popularização do esporte na cidade: “Um velho adagio nos diz que: agua mole em pedra dura tanto dá até que fura e crente na verdade de’ssa sentença, tenho fé, e comigo muitas pessoas partilham o mesmo sentimento, de que a nova secção será o maior factor do desenvolvimento do sport entre nós.”<sup>117</sup>

A certeza de que a coluna faria com que o futebol se popularizasse era tanta que ele categoricamente escreve que “...Assim encorajado pelo estímulo que lhes traz a publicidade do progresso que os seus ensaios accusarem, esse pugilo de moços irá, aos poucos, dotando nossa cidade de uma nova distracção a ferir fundo a aphantia domingueira.”<sup>118</sup>

Entretanto, mesmo que o referido jornal aceitasse fazer o incentivo à prática do futebol, havia um outro obstáculo: qual o ponto de partida para este apoio? Existiam apenas três equipes em Curitiba – sendo que o autor só sabia da existência de duas – e outras poucas no estado, grande parte da população nem sabia o que era o futebol. Como destinar um espaço jornalístico a um modismo recém introduzido na cidade e, mesmo que o jornal atendesse o pedido solicitado, como escrever uma coluna sobre futebol? Nosso interlocutor tenta encaminhar uma solução para este problema afirmando que em relação à “...falta de variedade no assumpto, a secção desejada occupar-se-ia por enquanto das provas de entrainment que as duas nossas incipientes realizam em dias alternados, em preparo para futuras e serias luctas.”<sup>119</sup>

Difícilmente, o periódico manteria uma seção por muito tempo noticiando apenas as disputas amistosas das duas (como já explicamos, na verdade três) equipes existentes, mas não era isto que o autor da carta esperava. No discurso, ele foi incisivo

---

<sup>116</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit., p.3.

<sup>117</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit.

<sup>118</sup> Id.

<sup>119</sup> Id.

no fato de que esta primeira cobertura levaria a outras pelepas de maior importância. Provavelmente, sua vivência o fazia acreditar que o esporte logo se propagaria.

### **Sugestões para melhorias no futebol curitibano**

Em nenhum momento da carta o remetente fez menção de ser um praticante de qualquer esporte então, o que o levaria a defender veementemente a prática e a popularização do futebol? A resposta está na própria carta. Entediado com a precariedade da cidade e com as poucas opções de lazer, ele busca, por meio do jornal, criticar a situação e ao mesmo tempo expandir suas opções de divertimento. Ou, nas suas próprias palavras:

Gosando há um anno, quase, a carinhosa hospitalidade de Curitiba, a que sou grato e a que retribuo com o sincero interesse que o seu progresso merece, penaliza-me que tão formosa capital, digna de melhor sorte, com um terrível mal de bondes, falta de calçamento e outras enfermidades convencionaes a retardar a sua inclusão no numero das cidades adeantadas, não offereça outras distrações além do classico cinema que já passou ao dominio da monotonia e, de quando em vez, uma corrida no Jockey-Club...<sup>120</sup>

Reivindicando maior apoio ao futebol, o autor contrapõe este esporte aos cinemas. É relevante, que, um mês e alguns dias depois, o mesmo periódico noticiava, também rivalizando os dois eventos de lazer.

O dia de hontem não resplandeceu como os domingos últimos. Não. O estado metereologico foi bem irritante: baixa de temperatura e, além do frio implacável, chuvisqueiro e lama. O céu, desde pela manhã, conservou-se carrancudo e plúmbeo, dando a tudo um aspecto de desolação.

Não obstante, á tarde, houve alguma movimentação, tendo se realizado, no parado do Jockey Club um match de foot-ball e sendo grande a concorrência as matínes dos cinemas.<sup>121</sup>

Era um dia com o clima típico da cidade de Curitiba. O que fez com que, possivelmente, a população preferisse a segurança de um cinema em detrimento as intempéries climáticas as quais teria que se expor um espectador do futebol.

---

<sup>120</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit., p. 3.

<sup>121</sup> O DIA de hontem. *Diário da Tarde*, Curitiba, 29 jul. 1912. p. 2.

Acredita-se que, nas suas andanças pelo Brasil (e talvez pelo mundo), o autor da carta habituou-se a assistir o futebol, ou seja, encontrar o divertimento apenas como espectador do jogo. Interessante é que, mesmo em metrópoles como Rio de Janeiro ou São Paulo, a procura de clubes para praticar futebol era acentuada, principalmente pelas elites, mas o hábito de assistir as partidas ainda não era muito comum. Os esportes preferidos pelo público brasileiro até então eram o remo e o turfe. Na cidade de Curitiba, outra prática também se destacava, o tiro. Existiam vários clubes de tiro ao alvo, com destaque para o Clube de Tiro Rio Branco que, por um longo período, manteve uma coluna na página principal do *Diário da Tarde*.

Devido à concorrência na disputa por espectadores, a primeira impressão que fica, de forma genérica, é de que o turfe poderia ser um empecilho para que o futebol se propagasse e popularizasse. Porém, tal relação não foi tão simplória. Em Curitiba, o turfe deu o suporte necessário para que o futebol, no seu precário surgimento, tivesse condições de ser praticado ou, pelo menos assistido. Ressalta-se que na carta, o autor se refere aos praticantes do futebol como grupo de jovens empreendedores. Mesmo que este grupo de jovens conseguisse um local apropriado para a prática do referido esporte e, a custa de muito esforço – nesse período o esporte era amador – limpassem o local, plantassem o gramado, construíssem as traves e demarcassem o campo, dificilmente teriam condições de financiar a construção de arquibancadas para os espectadores. Era o caso do Curitiba, que disputava suas partidas no clube de origem germânica *Turnverein*. Sendo assim, estavam presentes na realização dos jogos apenas os jogadores e alguns poucos simpatizantes que não se importavam em assistir ao espetáculo em pé ou sentado num barranco. É em torno desta circunstância que o turfe teve um papel primordial, pois era no *Jockey Club* que existiam as únicas arquibancadas de Curitiba e, como os jovens não tinham recursos para ter instalações próprias, foi-lhes cedido a sede do *Jockey* para que os jogos fossem realizados, bastaria então, que eles adaptassem o gramado que ficava no centro da pista às condições necessárias para a disputa do jogo de futebol.



Foto<sup>122</sup> de um *match de football* entre Internacional F. C. e Coritiba F. C. no prado do *Jockey Club* do Paraná. A imagem pode demonstrar com clareza o quanto a parte central do prado era precária para a prática do futebol. São visíveis no solo mais espaços com terra à mostra que propriamente um gramado.

Como já afirmado, o primeiro estádio só foi construído em setembro de 1914. Era o estádio do Internacional *Football Club* e, mesmo assim, suas arquibancadas eram diminutas, de madeira, num bairro afastado do centro e pouco habitado devido aos riscos provenientes do depósito de pólvora da cidade, que também se situava naquele local.<sup>123</sup> Nada comparável às requintadas arquibancadas de concreto do *Jockey*.

Dessa forma, as disputas no *Jockey* ainda permaneceram por um longo período. Mas, sabendo das dificuldades que os jovens futebolistas encontravam, a iniciativa de construir um campo foi bastante valorizada, pelo menos pelos meios de comunicação da época que podem nos fornecer uma descrição detalhada de como seria o primeiro campo de futebol com arquibancadas das cercanias curitibanas:

---

<sup>122</sup> ACERVO CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA, op. cit., Curitiba, 19/10/1913.

<sup>123</sup> Sobre a importância da construção do primeiro estádio em Curitiba ver o artigo: CAPRARO, op. cit., p. 387-393.

Hontem, a convite do presidente do Internacional Foot-ball Club fomos visitar o “ground” dessa agremiação, situado ali, nas proximidades do matto do Meira.

O Internacional Foot-Ball Club arrendou por 10 annos o mato do Meira, ao lado do qual existe um campo bellíssimo para o jogo de foot-ball.

O terreno em questão, arrendado pela sociedade, tem 140 mil metros quadrados. O matto existente ao lado do campo forma um bosque encantador.

A directoria do Internacional espera, dentro em pouco, dar início à construção da archibancada que terá 60 metros de comprimento.

Próximo ao campo de jogo serão construídos um “baar”, uma casa para o zelador e outras benfeitorias, destinadas a cercar de todo o conforto as famílias que forem apreciar as partidas offerecidas mensalmente pelo Internacional Foot Ball Club”.

A lotação das archibancadas será para mil pessoas.

O campo destinado ao jogo será cercado de arame.

Haverá avenidas, ajardinamentos em torno do campo e, segundo nos informam o Internacional Foot-ball Club conta com 180 sócios.<sup>124</sup>

Assim, mesmo de forma precária se comparada as instalações do Jockey Club, a inauguração deste campo foi tratada de forma pomposa. Era então destacado no *Diário da Tarde*: “Internacional Football Club – Para os festejos solemnízadores da inauguração do seu “ground” da rua Buenos Ayres, recebemos desta digna sociedade um amavel convite. A inauguração será domingo e terá logar á 1 hora da tarde.”<sup>125</sup>

A implementação do projeto teria que ser rápida, como comprova uma nota oficial do clube apenas uma quinzena depois:

*Internacional Football Club* – Em nome da Directoria faço publico que se acha aberta, até o dia 30 do corrente às 7 horas da tarde, concorrência para a construção de uma archibancada no “ground” do Club.

A planta da archibancada e todos os esclarecimentos podem ser procurados pelos interessados na rua Pedro Ivo nº 1.

Curitiba, 22 de agosto de 1913.

Nestor Arouca – Thezoreiro.<sup>126</sup>

Acredita-se que a construção do primeiro estádio foi feita em um caráter de relativa urgência, pois o anúncio de concorrência era de apenas três dias. Existia aí, a possibilidade do *Jockey* ter, neste período, vetado a realização de partidas de futebol –

---

<sup>124</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit. p. 4.

<sup>125</sup> FESTAS sportivas. *Diário da Tarde*, Curitiba, 18 dez. 1913. p. 4.

<sup>126</sup> INTERNACIONAL football club. *Diário da Tarde*, Curitiba, 27 ago. 1913. p. 2.

podendo ser somente do Internacional ou até de todas as equipes – nas suas dependências.

Talvez, devido à rapidez com que foi construído o campo, logo surgiram problemas estruturais. Por exemplo “...Quando a festa entrava em seu declínio, caio o violento temporal, ocasionando a inundação dos caminhos e impossibilitando a saída das inúmeras e distintas famílias, que permaneceram nas archibancadas até alta hora da noite.”<sup>127</sup>

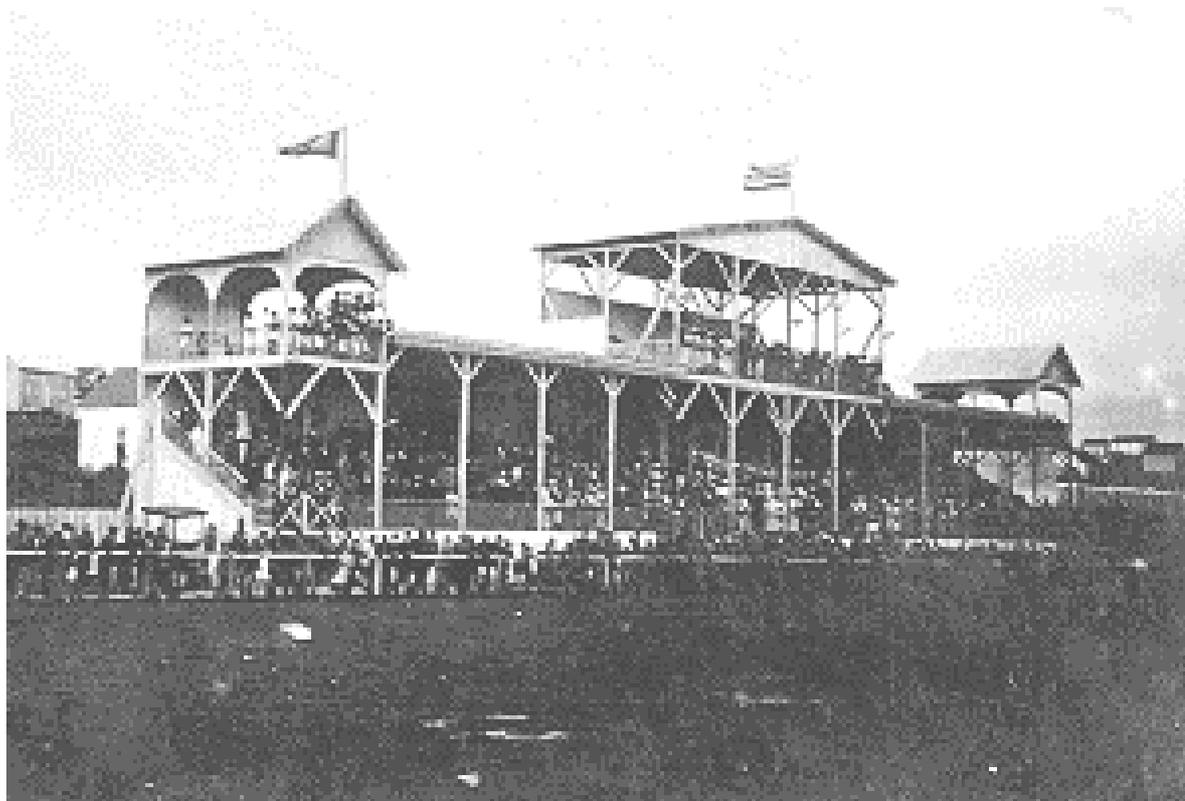


Imagem fotográfica<sup>128</sup> do futuro estádio Joaquim Américo, atualmente também chamado de Arena da Baixada. Na época, em 1915, apenas o *Ground* do Internacional *Football Club*, ou *Ground* da Água Verde – bairro onde se situava.

As arquibancadas, mesmo mais rudimentares do que as de concreto do *Jockey Club* e num local mais distante também, neste dia, estavam praticamente tomadas, confirmação de que, três anos após o envio da carta, as previsões do anônimo autor

---

<sup>127</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 06 jan. 1914. p. 4.

<sup>128</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *Fotos*. Disponível em: <<http://www.atleticopr.com.br>> Acesso em: 02 fev. 2001.

começavam a se concretizar. Provavelmente, a imagem registrou o momento da realização de algum festival esportivo. Acima das arquibancadas centrais, existiam três locais cobertos, semelhantes a camarotes, embora não se tenham relatos sobre sua funcionalidade, pode-se – mesmo sem visualizar claramente os seus ocupantes – concluir que era algum lugar de destaque, pois mesmo à longa distância, observamos a presença de várias senhoras (trajando vestidos claros). Alguns cidadãos ficavam próximos às pequenas cercas ao redor do campo. Como ainda não se cobrava ingresso naquela época e não existia um local privilegiado com ingressos mais baratos,<sup>129</sup> supomos que eram apenas curiosos esperando que algo acontecesse para que, daquele local, pudessem ver melhor. A entrada dos jogadores em campo seria um bom exemplo do que aqueles curiosos poderiam estar aguardando.

Também notamos que, se no *Jockey Club*, o gramado destinado às partidas futebolísticas estava em péssimas condições, o campo do Internacional não era muito melhor, mostrando várias falhas no gramado, mesmo sendo apenas uma pequena fração do terreno de jogo.

Assim, a partir de 1914, com um estádio exclusivo para sua prática, o futebol paranaense começara a estabilizar; como acontecera anos antes nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo.

Retornando ao ano 1912 – mais de um ano antes da construção do *ground* do Internacional – as partidas de futebol entre Curitiba, Paraná e Internacional ou, em algumas oportunidades, entre estes e o time visitante da cidade de Ponta Grossa foram todas realizadas no *Jockey Club*. Os jogos eram, preferencialmente, marcados nos mesmos dias dos páreos garantindo a presença do refinado público que vinha com a intenção de ver os famosos conjuntos e tentar a sorte. Era a união entre o útil e o agradável, os jovens praticavam o prazeroso esporte, o público que se dirigia ao *Jockey* tinha um entretenimento a mais e, até os poucos espectadores do futebol, como era o caso do remetente da carta, tinham um local apropriado para poder assistir as partidas. Aos poucos o futebol foi ganhando espaço e tornando-se a atração principal

---

<sup>129</sup> Posteriormente, seriam criados, em alguns estádios, um local com ingressos a preços populares chamado “geral”. Tais lugares tinham preços razoáveis porque ficavam num local ruim para assistir o esporte, além de ter que permanecer na posição em pé.

dos finais de semana no *Jockey Club*. Em 1913, um ano depois, a festa de comemoração da chegada da primavera tinha como atração principal o *match* entre Curitiba *Football Club* e Internacional *Football Club*.

A idéia passada na carta, de que o futebol logo iria vingar, bastando apenas um pequeno apoio, estava certa. Nos anos subseqüentes às disputas no *Jockey*, surgem em Curitiba e nas cidades próximas várias equipes como: o Operário Ferroviário, de Ponta Grossa (1912); o Ipiranga F. C., de Palmeira (1913); o Rio Branco S. C., de Paranaguá (1913); Savóia F. C. (1914); Britânia S. C. (1914) e o América F. C. (1914),<sup>130</sup> entre outros menos conhecidos.

Contudo, mesmo tornando-se mais conhecido, o futebol não perdeu suas características elitistas. Os freqüentadores dos clubes eram, na sua maioria, os mesmos do *Jockey* ou, pelo menos, ostentavam o mesmo luxo. A aceitação do futebol foi um sucesso, em boa parte, devido à tentativa de aproximação dos modos e costumes vindos da Europa – principalmente os franceses (arquitetura, por exemplo) e ingleses (obviamente, o futebol é um grande exemplo) – e os EUA, cuja influência pode ser exemplificada através do *body building* (culto ao corpo).

Nesse contexto, são poucas as características do futebol, praticado na década de 1910, que permaneceram neste esporte por muito tempo. Um exemplo são os jogadores dos clubes fidalgos que, nos primórdios, deveriam pertencer a famílias tradicionais ou, pelo menos, pertencer a alguma colônia étnica estabelecida, muito diferente da maioria dos jogadores de algumas décadas subseqüentes que tiveram (e ainda têm) suas origens em famílias humildes.<sup>131</sup> Estendendo-se à estrutura do jogo que passa de amadora para extremamente profissional, a ponto de ser considerado um espetáculo,<sup>132</sup> e aos freqüentadores dos jogos que passam de passíveis espectadores da “fina-flor” da sociedade a torcedores fanáticos.<sup>133</sup> Entretanto, a principal diferença é quanto à violência, que era praticamente inexistente na introdução do futebol e,

---

<sup>130</sup> Data oficial – mas, melhor analisada nos capítulos seguintes.

<sup>131</sup> Sobre o surgimento do futebol como prática elitista ver: PEREIRA, op. cit. na íntegra.

<sup>132</sup> Sobre o processo de transição do futebol amador para futebol profissional ver: PRONI, op.cit.

<sup>133</sup> Sobre as torcidas ver: TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole*. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado) – USP.

posteriormente, se estendeu dos campos às arquibancadas.<sup>134</sup> Refletir sobre os elementos históricos do futebol é intrigante. Os contrastes que ocorrem em menos de um século, dificilmente poderão ser visualizados em qualquer outro objeto de estudo.

É por meio de reivindicadores, como o anônimo que solicitava uma maior variedade de atividades de lazer e melhores condições para as atividades que já existiam, que o processo de estruturação dos esportes e especialmente o futebol, se sucedeu. O importante é constatar que, mesmo anônima, esta pessoa participou ativamente desse processo. O título da coluna, onde estava contida a carta, foi intitulado *O football*. Seria o título dado pelo autor da carta ou a primeira chamada do jornal referente ao futebol? É indiferente pensar que ambos guiaram o leitor ao assunto. Além disto, na mesma página, logo após a carta existia outra matéria. Nela estava escrito:

Constituiu um verdadeiro sucesso o match de foot-ball realizado, domingo, no ground de Coritiba Football Club, entre este club e o Internacional Athletic Club [o jornal se equivocou, o verdadeiro nome é Internacional Football Club].

Houve o maior entusiasmo, sahindo vencedor o primeiro cujo team capitaneado pelo footballer Fritz Essenfelder, marcou 3 goals contra zero.

O team do Internacional era capitaneado pelo sportman Luiz Paiva, que é um campeão de valor.

Domingo próximo, realisa-se outro match.<sup>135</sup>

O escritor da carta havia conseguido seu intento, o jornal *Diário da Tarde* dedicou algumas linhas ao futebol.

### **Sobre a cidade, sobre o autor**

Outras considerações podem ser feitas em torno das colocações apresentadas na carta. A primeira nota é sobre o descontentamento com a infra-estrutura da cidade. Não foram poupadas palavras para criticar o meio de transporte, o calçamento, outras enfermidades convencionais (em relação as quais não temos subsídios para informar sobre o que ele se referia) e, mesmo a falta do que fazer no tempo livre. Estes males

---

<sup>134</sup> Sobre a violência no futebol ver: ELIAS; DUNNING, op. cit.

<sup>135</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit. p. 3.

que eram motivos de queixa e crítica, segundo ele, não permitiam que a cidade de Curitiba se aproximasse dos grandes centros urbanos brasileiros e acentuava ainda mais a diferença entre a capital paranaense e as metrópoles européias. Novamente temos a possibilidade de ilustrar este contexto através do futebol. Como descrito no prólogo, enquanto o futebol surgiu nos grandes centros – São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre – na virada do século, ele só é noticiado no Paraná praticamente uma década depois, em 1909, no jogo entre alguns jovens da colônia alemã contra os funcionários da empresa inglesa, instalada em Ponta Grossa para construir as estradas de ferro.<sup>136</sup> Essa diferença permaneceu por aproximadamente uma década, tendo como parâmetro o surgimento das Ligas e, conseqüentemente, dos campeonatos estaduais. Outra etapa desse processo, a profissionalização do esporte, ocorreu numa diferença cronológica semelhante ao exemplo anterior – o surgimento das entidades regulamentadoras. Assim, podemos deduzir que entre as inúmeras reclamações feitas na carta, a principal era sobre o futebol ainda não ter o espaço que merecia na cidade, tornando-a menos civilizada ou, nas palavras enérgicas do próprio escritor anônimo, buscando o “que o seu progresso merece.”<sup>137</sup> Nos meses subseqüentes, o jornal *Diário da Tarde* começa a dedicar maior espaço ao esporte: foi criada uma coluna intitulada *Football*. Este problema começara a ser resolvido, contudo, outros permaneceram. E, portanto, nesta mesma coluna no dia 29 de junho de 1912, foi solicitado à empresa de bondes que não se esquecesse de remeter carros suficientes à praça Tiradentes para que todo o público pudesse se dirigir ao Prado do *Jockey Club*, com a finalidade de assistir a partida que iria ocorrer no domingo próximo, entre o *Internacional Football Club* e o *Paraná Sport Club* iniciando a estação esportiva.<sup>138</sup>

Havia, ainda, outro aspecto relevante sobre o entretenimento em Curitiba neste período. Atividades como brigas de galo e o jogo-do-bicho andavam no limite tênue entre a legalidade e a ilegalidade. Autoridades discutiam constantemente se tais atividades não eram maléficas à juventude, a qual poderia por meio destes jogos se

---

<sup>136</sup> Algumas bibliografias consultadas afirmam ter existido uma equipe chamada *International Club*, fundada em 1908, mas que por falta de adversários se extinguiu no mesmo ano. MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit., p. 17.

<sup>137</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit.

desviar das “verdadeiras” necessidades e atribuições que lhes eram devidas, atrapalhando desta forma o “fortalecimento da raça brasileira”.<sup>139</sup> O futebol não escapou da conturbada polêmica sobre a proibição ou não dos jogos, visto que muitas vezes o valor da sua prática era questionado. Possivelmente, esta discussão era mais um motivo que dificultava a divulgação nos periódicos da época, pois dar ênfase ao futebol poderia agradar a muitos, assim como causar repúdio a outros tantos.

A segunda consideração é que, por meio da carta, o anônimo autor nos permite esboçar seu perfil através do conteúdo do seu escrito: homem de meia idade, entre os trinta e cinquenta anos, que não tinha a força da juventude para praticar o futebol – se é que ele não era um dos jogadores de um dos clubes curitibanos, passando-se por um respeitável senhor dando seu depoimento – mas, ao “falar” sobre atividades menos dinâmicas como o cinema, ele desdenha: “Ora, a persistir tal anomalia que rouba a Curitiba uma variante de vulto nos seus divertimentos, fica o indefectível cinematographo, como distracção unica e louvemos aos deuses por não nos faltar ao menos com essa, poupando-nos assim a definhar de hypocondria.”<sup>140</sup> Acredita-se, também, que ele era um viajante ou pelo menos homem viajado, pois demonstrava conhecer bem as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e, possivelmente, algumas cidades do exterior. Sua condição financeira deveria ser boa, mas não pertencia às elites curitibanas, já que freqüentava lugares luxuosos como o *Jockey Club*, porém, em contrapartida, possivelmente não tinha um meio de transporte próprio e necessitava dos bondes para poder chegar ao afastado local. Enfim, era um homem visionário que permeia seus escritos de objetividade e clareza, buscando em cada crítica a solução para os problemas levantados.

### **Notas finais sobre a carta**

---

<sup>138</sup> FOOTBALL. *Diário da Tarde*. Curitiba, 29 jun.1912, p.1.

<sup>139</sup> Sobre a discussão da legalidade dos jogos em Curitiba ver: RIBEIRO, L. C. *Memória, trabalho e resistência (Curitiba, 1890-1920)*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) – USP.

<sup>140</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit., 14 jun. 1912. p.1

Trabalhou-se na análise desta carta segundo a perspectiva da micro-história ou, como define Carlo Ginzburg, a “ciência do vivido”. Tal proposta abre uma vasta gama de possibilidades: permite levantar hipóteses consistentes, em detrimento às conclusões assertivas; possibilita fazer comparações anacrônicas baseadas nas vivências pessoais (leituras afins, por exemplo); aproxima do enfoque antropológico, muitas vezes, incompatível com a rigorosa análise das fontes que a História propõe; dá liberdade para criar um estilo narrativo próprio, uma história romanceada, sem a necessidade de se ater à complexa escrita científica adotada pela historiografia tradicional, preocupação com a questão semântica; valoriza o estudo de caso como prova concreta da realidade e como base fundamentada que nos guia do contexto específico para o geral; aproxima o pesquisador do objeto de estudo (se é que se pode chamar o anônimo autor da carta, tão ativo, tão “vivo” de objeto); permite que uma simples carta destinada à redação de um jornal torne-se uma fonte consistente e cheia de possibilidades; enfim, permite escrever a história de forma prazerosa...

O autor da carta falava da existência de dois clubes na cidade de Curitiba. Sabemos através das fontes que, na verdade, eram três. A investigação se aterá ao clube cuja identidade era vinculada às elites tradicionais, e as relações/tensões nas quais este clube se envolvera.

Tal agremiação, chamada Internacional *Football Club*, era definida parcialmente por um dos periódicos da época da seguinte forma:

A sociedade desportiva Internacional Foot Ball Club, não há dúvida, é núcleo de moços que, visando desenvolver o phisico, tudo envia para transformar os seus associados em homens capazes de entrar sorrindo na luta allucinada da vida. E, assim sendo, aquella associação não poupa esforços para alcançar o seu definitivo desenvolvimento.<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> DESPORTOS – hyppismo, Football, etc. *Diário da Tarde*. Curitiba, 12 ago.1913. p. 4.

## O SURGIMENTO DO INTERNACIONAL *FOOTBALL CLUB*: ESCRITOS MEMORIALISTAS VERSUS FONTES HISTÓRICAS

*Como pode ser bárbaro um povo que tem como maior  
abstração de triunfo o grito de gol?*  
Carlos Drumont de Andrade, poeta brasileiro

A primeira dificuldade sobre as origens e a consolidação da prática futebolística paranaense, especificamente no tangente à origem do Internacional F. C., são as várias versões existentes, mesmo com uma relativa escassez de fontes históricas.<sup>142</sup> Dessa forma, realizando uma minuciosa investigação, buscou-se maiores esclarecimentos sobre a fundação deste clube.

Para realizar tal intento, analisou-se, segundo a ótica do paradigma indiciário<sup>143</sup> – proposta metodológica do historiador Carlo Ginzburg –, a fundação do Internacional *Football Club*, antecessor do atual Clube Atlético Paranaense, comparando os escritos dos literatos que abordaram o tema com as fontes históricas a respeito do mesmo.

Partindo de tal abordagem conseguiu-se constatar a existência de vários escritos memorialistas sobre a fundação do Internacional F. C., em locais bastante diversificados como: revistas, álbuns, sites da Internet, folhetos etc. Contudo, através da análise morfológica pode-se redistribuir tais escritos de acordo com apenas duas vertentes memorialistas. Assim, nos ateremos a essas duas principais versões existentes sobre a fundação do Internacional F. C., pois, cruzando estas informações com as fontes históricas, pode-se deduzir uma diferente história sobre o primórdio do futebol paranaense.

---

<sup>142</sup> Relativizou-se a questão, pois, embora exista um número satisfatório de periódicos da época, a documentação oficial do clube ficou restrita a ata de fundação.

<sup>143</sup> Entendemos como paradigma indiciário as pistas, sintomas e indícios, na maioria dos casos infinitesimais, que permitem captar uma realidade mais profunda, de forma inatingível. GINZBURG, op. cit., p. 150.

## As “diversas” fundações do Internacional *Football Club*

### O PRIMEIRO ESCRITO MEMORIALISTA<sup>144</sup>

#### O Coritiba F. C. funda um rival

O desinteresse do Paraná F. C. em efetuar partidas com o Coritiba F. C. levou este a tomar uma iniciativa inédita – fundar um outro clube de futebol para ter com quem jogar. Foram encarregados os irmãos Hauer – Wlademar, Arthur e Alvim – que contaram com a cooperação de outros jogadores do já veterano clube (...). Surgia assim, em 13 de fevereiro de 1912, o terceiro clube de futebol de Curitiba: – o Internacional F. C.

A pouco e pouco o Internacional F. C. foi crescendo, com o ingresso em suas hostes de várias famílias locais: os Guimarães, os Carneiro, os Maeder, os Leão, os Gonçalves, os Maranhão, os Loyola. Por outro lado, muitos dos “coritbanos” que foram seus fundadores, voltavam ao “antigo lar”.

Mas o objetivo havia sido alcançado. O ano de 1912 foi bastante movimento futebolisticamente. (...) Logo depois [o Coritiba] joga com o Internacional F. C. Este não desejava enfrentar o Coritiba, porque se considerava ainda anexo do mesmo. Finalmente, no ano seguinte, precisamente dia 13 de março, joga oficialmente contra seu patrono e alcança um triunfo – 2 a 0. Foi o início da separação entre tutor e tutelado!<sup>145</sup>

Esta primeira versão atribui a consolidação do futebol em Curitiba à apenas um segmento social: a colônia étnica alemã fundadora do Coritiba F. C. Talvez, a sua identidade clubística conduziu-o a visão unilateral de que as elites curitibanas só aderiram ao futebol depois que os alemães divulgaram e organizaram a prática do esporte.

Tal narrativa apresenta uma carência documental, permitindo questioná-la. Primeiro, não existe indícios que comprovem a falta de interesse do Paraná S. C. em disputar partidas com o Coritiba F. C. Tampouco há relatos do interesse do Coritiba em se confrontar com o Paraná. Mesmo que tal hipótese possa ter ocorrido, não seria uma justificativa plausível para criação de um novo clube. Além disso, ambos os clubes buscavam apenas um meio de divertimento e lazer que os aproximasse das

---

<sup>144</sup> Utilizamos o termo “memorialista”, pois as obras citadas a seguir, embora sejam declaradas “históricas” pelos seus respectivos autores, carecem de um rigor metodológico. Aventou-se a possibilidade de usarmos o termo “literária” mas, como os autores utilizavam-se de fontes históricas para sua pesquisa, tal termo foi preterido. A principal característica destas vertentes seria o trilhar do limite tênue entre a história e o romance.

<sup>145</sup> CARDOSO, op. cit., p. 19-20.

práticas realizadas nos seus respectivos países de origem: a base dos associados do Paraná eram ingleses ou pessoas ligadas ao seu círculo de relacionamentos e, do Curitiba, alemães e descendentes. Dessa forma, já que a prática era realizada somente entre os “próximos etnicamente”, não existia nenhuma urgência em se criar equipes rivais.

Segundo, a respeito do relato sobre os irmãos Hauer: embora os três irmãos tenham, em algumas oportunidades, realmente praticado o futebol nas dependências do clube da colônia germânica, não significa que eles foram incumbidos de fundar um outro clube. Eles poderiam apenas ter preferido compor o quadro de uma outra equipe. Inclusive, na primeira Ata de Fundação do Internacional, não há nenhum cargo de dirigente ocupado por algum dos irmãos. Seria estranho que pessoas encarregadas de fundar um novo clube não pertencessem, depois de atingir seu objetivo, ao quadro administrativo.<sup>146</sup> Além disso, existe uma outra hipótese ainda mais cabível do que a anterior: era comum, na época, que jogadores fossem associados a mais de um clube, pois, geralmente a prática do futebol era feita entre os próprios associados. Portanto, associar-se a vários clubes garantia mais oportunidades para praticar o esporte.

Existem mais alguns pontos que merecem uma análise criteriosa. O escritor, no segundo parágrafo da citação acima, afirma que o Internacional, ao contrário do relatado, não foi crescendo “pouco e pouco”. Obviamente que, por se tratar de um esporte (modismo) recente, o futebol não podia ser entendido como um fenômeno popular. Mas, comparando os três clubes já existentes na cidade – Paraná *Sport Club*,<sup>147</sup> Curitiba *Football Club* e Internacional *Football Club* – constatou-se por meio das notícias sobre os mesmos, que o clube de maior repercussão, mesmo sendo o último a ser fundado, fora o Internacional *Football Club*.

Outro motivo do destaque internacionalista nos meios sociais refinados era o fato da identidade do clube ser relacionada às elites locais. Isto permite supor que as famílias tradicionais curitibanas não foram aderindo gradativamente ao novo clube. Elas já estavam presentes desde o momento da sua fundação, atraindo a atenção dos

---

<sup>146</sup> O único irmão que ocupou um cargo relativamente importante foi Waldemar Hauer – 2º secretário na gestão 1913-1914.

<sup>147</sup> Chamado erroneamente pelo autor da citação de Paraná F. C. (abreviatura de *Football Club*).

jornais, diários e até dos grêmios femininos, que eram uma presença constante nos dias de jogos dos elegantes jovens pertencentes ao quadro do Internacional *Football Club*.

Por último, destaca-se que, no terceiro parágrafo da citação, não há fontes que comprovem que todos irmãos Hauer e outros jogadores – que eram do Internacional F. C. – retornaram ao Coritiba F. C. Pode ser até que eles nem sequer tenham saído do Coritiba, jogando então, nas duas associações. Inclusive, seria de se estranhar que a família Hauer deixasse o Internacional, sendo que, em 1914, seria cedido, pela mesma família, o terreno onde o Internacional construiria as primeiras arquibancadas, destinadas exclusivamente aos espectadores do futebol. Ainda, critica-se a relação que o autor afirma existir entre as duas equipes. Provavelmente, ela não existiu, pois como será visto, nas páginas seguintes, nada sobre este vínculo foi relatado na Ata de Fundação do Internacional, nos periódicos da época e, nem sequer, na documentação do próprio Coritiba.

O problema maior de tal escrito é a negação da relação, na prática futebolística, entre os imigrantes, as elites e o próprio esporte, enquanto elementos de variadas funções/ligações sociais. Mesmo atendendo a diferentes necessidades para as comunidades étnicas e para as famílias tradicionais, havia, no futebol, uma circularidade social que ultrapassava o limite de sua prática.

Pensando de forma mais genérica, estendendo este estudo à época dos primórdios do futebol brasileiro, notam-se interligações de cunho político-social como, por exemplo, a importância que era atribuída, na República Velha, às práticas físicas. O futebol então, servia como elemento de eugeniação e higiene<sup>148</sup> ou um esforço civilizador.<sup>149</sup> Possivelmente, tais funções tiveram como consequência o surgimento dos clubes esportivos – ou de futebol. Ambas teorias podem estar intimamente ligadas, pois ser higiênico e tentar “moldar” uma raça superior, buscando a polidez e o refinamento de hábitos e costumes, faziam parte do repertório utilizado na tentativa de formação de uma identidade nacional.

---

<sup>148</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 570-575.

<sup>149</sup> LUCENA, op. cit., p. 43.

O autor desta primeira versão, pensando o futebol como uma prática tipicamente das colônias étnicas, negou tais relações.

## O SEGUNDO ESCRITO MEMORIALISTA

Já com o Paraná em atividade, fundado pelos funcionários da mesma American Brazilian Engineering Co., de Ponta Grossa, recém-estabelecida em Curitiba, para fazer frente a essas agremiações “estrangeiras” que pareciam desejar o monopólio do esporte no Estado, jovens da “alta” e “tradicional” sociedade curitibana organizaram-se para também fundar uma agremiação esportiva. Afinal de contas, o futebol era moda e estava tomando conta do gosto popular. Assim, em 22 de maio de 1912, Joaquim Américo Guimarães preside reunião de vinte pessoas, os primeiros sócios, na sede do Jockey Club...<sup>150</sup>

Esta segunda versão, escrita por Machado e Hoerner,<sup>151</sup> se aproxima muito mais da realidade do que a versão escrita por Cardoso, porque houve um cuidado maior por parte dos autores com relação a interpretação das fontes históricas.

Embora as fontes e o contexto geral curitibano não possam demonstrar nenhuma rivalidade entre os jovens da elite social curitibana, pertencentes ao quadro do Internacional, e os imigrantes e descendentes pertencentes às equipes do Coritiba e do Paraná, o autor deixa subentendido que existiam diferenças entre os associados dos clubes da cidade. Enquanto a crítica a primeira vertente, era a visão unilateral de que o futebol era um elemento exclusivamente étnico; também discorda-se do segundo escrito quanto ao dualismo etnias X elites, pois, como já afirmado, acredita-se que havia ligações sociais mais complexas do que a rivalidade entre a elite local e as etnias européias, estabelecidas na cidade de Curitiba. É o caso, por exemplo, dos irmãos Hauer que tráfegaram entre o Coritiba e Internacional e, quem sabe até, jogaram nos dois clubes paralelamente. A pesquisadora Lucia L. Oliveira corrobora com a crítica, expressa neste trabalho, afirmando que “...A assimilação foi a estratégia privilegiada, o critério, para a admissão de estrangeiros pelas autoridades governamentais e pela

---

<sup>150</sup> MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit., p. 19.

<sup>151</sup> Cabe aqui uma ressalva: em entrevista, cedida em março de 2001, o professor Heriberto Machado esclarece que não escreveu a obra com a intenção de ser imparcial. Como sua obra se propõe – como definido no título: *Atlético a paixão de um povo* – a descrever a história de um clube utilizando uma ótica literária, a sua leitura de fontes é “dirigida às cores rubro-negras”, afirma o autor.

cultura brasileira na construção da nacionalidade no Brasil. Nesse sentido é que algumas etnias e nacionalidades foram privilegiadas em detrimento de outras.”<sup>152</sup>

Além disso, mesmo havendo a possibilidade de que os membros do Coritiba e Paraná não fizessem questão de que os brasileiros aderissem a sua prática, não há nada, em termos de fontes, que comprove que tais clubes se definiam como “agremiações estrangeiras” – até porque, os nomes adotados pelas equipes eram Coritiba e Paraná – e, nem tampouco, que os brasileiros as enxergassem desta forma.

## A PRIMEIRA (E ÚNICA) FONTE OFICIAL

### ACTA DA FUNDAÇÃO DO INTERNACIONAL FOOT-BALL CLUB

A 22 de maio de 1912, presentes vinte sócios na séde do JOCKEY CLUB PARANAENSE, ficou resolvido a fundação de um Club Sportivo com a denominação de INTERNACIONAL FOOT-BALL CLUB. Procedida a eleição da primeira directoria foi verificado o seguinte:

Para Presidente:	Joaquim Américo Guimarães
Para Vice-presidente:	Agostinho Ermelino de Leão Júnior
Para Primeiro Secretário:	Hugo Maeder
Para Segundo Secretário:	Nestor Arouca
Para Thezoureiro:	Ernest Siegel

À directoria foram dados poderes para escolher uma Comissão para confeccionar os Estatutos que deverão ser aprovados em Assembléia Geral. Foram considerados sócios fundadores todos os que compareceram à presente sessão. Ainda presente a maioria dos socios foram apresentados e lidos os Estatutos que foram aprovados apoz sua discussão. Foi eleito por unanimidade de votos para o cargo de Director Esportivo o consocio Sr. ERNESTO DOBLER, que assumiu as funções do seu cargo. Foram aclamados primeiro captain o Sr. EDGARD TORRES e segundo Captain o Sr. LUIZ DE PAIVA.

CURITYBA, 22 de MAIO de 1912  
(A) JOAQUIM AMERICO GUIMARÃES - PRESIDENTE  
(A) NESTOR AROUCA - 2<sup>O</sup> SECRETARIO<sup>153</sup>

A ata de fundação que, por sinal, foi o único documento oficial pertinente aos antecessores do Clube Atlético Paranaense que não foi extraviado, pode fornecer alguns indícios que esclarecem a história da fundação do Internacional *Football Club*. Pode-se deduzir que realmente os membros que compunham a nova agremiação

<sup>152</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 54-55.

<sup>153</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. Fundação do Internacional Foot-ball Club. *Ata da sessão realizada em 22 de maio de 1912*. Curitiba: mimeog., 1912.

pertenciam a famílias tradicionais paranaenses, fato que não exclui serem de famílias de origem imigrante.

A família do primeiro presidente, Joaquim Américo Guimarães, por exemplo, há muito tempo já havia se estabelecido no Paraná, mais precisamente, desde meados do século XVIII.<sup>154</sup>

Passadas algumas gerações, a família se instala em Paranaguá, onde mantém empreendimentos comerciais de grande porte, relacionados à importação e exportação por meio do porto de Paranaguá. O pai de Joaquim Américo Guimarães, Claro Américo Guimarães, além de administrar os bens da família e ser um oficial do exército brasileiro, exerceu o cargo de Presidente do Estado do Paraná, em 1915.<sup>155</sup> E, seu avô paterno, Manoel Antonio Guimarães, obteve títulos de nobreza, sendo mais conhecido como Visconde de Nácar do que pelo seu próprio nome. Figura célebre na política local, recebeu o título de Barão em 21 de julho de 1876 e o de Visconde em 31 de agosto de 1880. Foi um dos maiores negociantes ervateiros do litoral e, entre outras

---

<sup>154</sup> A Genealogia da família Guimarães consiste no seguinte: “Portugal, meados do século XVIII. Grupo que tem origem a partir do português Manoel Gonçalves Guimarães, coronel, grande empreendedor no final do século XVIII. Grande proprietário de terras, assinou o auto de ereção da Vila de Castro em 1789. Tropeiro, contratador dos impostos do Porto de Cima e do Rio Negro, minerador no Tibagi, motivo pelo qual foi preso pela Coroa por não ter pago quintos de imposto, enviado preso para Portugal, depois retorna ao Paraná. Faleceu em 1816. Casou-se com Maria Maglena de Lima, filha do Capitão-Mor de Paranaguá, e, 1766, Manoel Nunes de Lima, neta do Sargento-Mor Domingos Cardoso de Lima, possuidor de minas de ouro em Assungui e no Anhaia. O Sargento-Mor possuía uma banda de música completa, formada com seus escravos, que pomposamente anunciavam a sua visita em Paranaguá. Manoel Gonçalves Guimarães teve vários filhos. A sua filha Anna Ubaldina de Guimarães e Silva casou-se com João da Silva Machado, Barão de Antonina, primeiro senador do Paraná. Ainda teve Manoel Gonçalves Guimarães, o filho natural Joaquim Antonio Guimarães, pai do Visconde de Nácar – Manoel Antonio Guimarães com Mariana Luiza Soares. Família dos senadores Flávio Carvalho Guimarães (1947) e Alô Ticoulat Guimarães (1955). Arcésio Guimarães (1933) [que também exerceu o cargo de primeiro presidente do Clube Atlético Paranaense, clube originado da fusão entre Internacional e América] e Noel Lobo Guimarães (1966) foram presidentes da ACP [Associação Comercial do Paraná]. Algacyr Guimarães foi presidente do Banestado (1968) e conselheiro do Tribunal de Contas. Plauto Miró Guimarães foi deputado estadual (1994-1998).”

Em outro capítulo, o autor ainda esclarece sobre a família Guimarães: “Claro Américo Guimarães (filho do Visconde de Nácar). Empresário da erva-mate. Foi segundo vice-presidente, tendo interinamente exercido o Governo do Estado em 1915.” OLIVEIRA, op. cit., p. 114, 281-282.

<sup>155</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *Joaquim Américo Guimarães*. Curitiba: mimeog., [s.n.].

coisas, chefe do Partido Conservador, chegando até a receber, em 1880, o Imperador Dom Pedro II em seu solar, situado na cidade de Paranaguá.<sup>156</sup>

Confirmando o tradicionalismo desta família, é afirmado sobre a mesma: “Uma família para se consolidar na classe dominante paranaense, (...) precisou de pelo menos 150 anos para nela firmar fortes conexões, como foi o caso de Munhoz, Camargo, Macedo e **Guimarães**.”<sup>157</sup>

Mas, não era somente a família Guimarães que pertencia à aristocracia local. A família Leão,<sup>158</sup> sobrenome do vice-presidente, era muito tradicional no estado do Paraná. Agostinho Ermelino de Leão Júnior (o dirigente do Internacional) era filho de Agostinho Ermelino de Leão que, segundo Ricardo Costa de Oliveira, foi uma das pessoas que mais atividades realizou em prol do estado.<sup>159</sup> Seu filho, seguindo o exemplo paterno, participa de várias atividades sociais – como a organização do

---

<sup>156</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE, op. cit., p. 167.

<sup>157</sup> Ibid., p. 271.

<sup>158</sup> A Genealogia da família Leão consiste no seguinte: “Bahia/1825. Começou com a vinda do Magistrado baiano, Dr. Agostinho Ermelino de Leão para Paranaguá, onde contrai matrimônio com Maria Clara Pereira, filha do último Capitão-Mor de Paranaguá, Manoel Antônio Pereira. Família de magistrados e escritores, com o desembargador Agostinho Ermelino de Leão e Ermelino Agostinho de Leão. Os Leão fundaram a Companhia Mate Leão.” Ibid., p. 282.

<sup>159</sup> Agostinho Ermelino de Leão (o segundo) nasceu em Paranaguá, em 25 de março de 1834. Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Recife em 1857. Casou com sua prima Maria Bárbara Correia (filha de Manuel Francisco Correia Júnior e de Francisca Pereira – filha do último Capitão-Mor de Paranaguá – Manuel Antônio Pereira). Foi juiz municipal em Olinda, Pernambuco. Juiz de Direito em Caçapava do Sul e Santa Maria no Rio Grande do Sul. De 1865 até 1886 foi juiz em Curitiba, na sua província natal. Também foi Chefe de Polícia e exerceu durante várias vezes como vice-presidente, por curtos períodos o governo da província do Paraná. Fundou com o dr. Muricy, o Museu Paranaense, e participou da fundação do Teatro S Theodoro (hoje Guaíra), do Clube Literário Curitibano, da Sociedade de Aclimação Paranaense, da Sociedade Dramática Melpomene e de outros empreendimentos literários e recreativos em Curitiba. Chefiou as comissões organizadoras da comitiva do Paraná nas exposições de Filadélfia, Viena, Paris, e na Antropológica do Rio de Janeiro, quando o próprio Imperador teria declarado que “o Paraná marcha na vanguarda do progresso”. Em 1886, foi transferido e promovido a Desembargador da Relação da Bahia, e depois nomeado vice-presidente daquela província. Em 1888 foi para a Relação de São Paulo. Com a República, chegou a ser aproveitado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, mas logo foi dispensado pelo golpe de Estado que derrubou o Governo de Américo Brasiliense. Aposentado, retorna para Curitiba e trabalha com seguros. Participa da diretoria do Museu Paranaense e constrói a capela de Nossa Senhora da Glória . faleceu em Curitiba a 28 de junho de 1901. Foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e Oficial da Ordem da Rosa. Ibid., p. 111-112.

Internacional F. C. – além de ser o fundador e proprietário da maior indústria de extração e beneficiamento da erva-mate no Paraná.<sup>160</sup>

Hugo Mader,<sup>161</sup> o primeiro secretário, era descendente de imigrantes suíços. Filho do coronel Nicolau Mader, um dos mais bem sucedidos empresários ervateiros; tinha como irmãos Nicolau Mader Júnior – futuro prefeito de Curitiba e Othon Mader – senador do estado.<sup>162</sup>

Edgar Torres, pertencia a família do deputado Francisco de Almeida Torres, engenheiro civil formado no Rio de Janeiro, dono de uma olaria e grande serraria a vapor em Pinhais. Este, por sua vez, era filho do comendador Mariano de Almeida Torres, possuidor de uma das grandes fortunas paranaenses, na época provincial.<sup>163</sup> Os nomes de Nestor Arouca e Ernest Siegel, não constam na genealogia das elites paranaenses. Mas, pode-se afirmar que Arouca era um sobrenome tradicional de origem portuguesa e o sobrenome Siegel, por sua vez, pertencia a uma tradicional família de origem Suíça.

Assim, tomando como referencial os rigorosos critérios quantitativos<sup>164</sup> utilizados por Oliveira (2001) na sua obra sobre as elites paranaenses, pode-se acreditar que o Internacional *Football Club* foi fundado e era freqüentado pelas elites curitibanas, no início do século XX.

Reforçando a hipótese, é afirmado pelo diretor do Paraná *Sport Club*, sr. Magnus Flygare numa entrevista, reclamando das condições oferecidas ao seu clube: “o ‘Internacional’ conta com elementos outros que muito lhe facilitam o desenvolvimento social tendo outras larguezas que falecem ao Paraná, notadamente a

---

<sup>160</sup> Atualmente, a empresa Mate Leão Jr. S. A. é a maior empresa do comércio do chá e manufaturados do Brasil.

<sup>161</sup> O nome consta, erroneamente, no documento como Maeder.

<sup>162</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE, op. cit., p. 304.

<sup>163</sup> Ibid. p. 257.

<sup>164</sup> O autor listou trinta critérios que comprovavam a forte dominância das famílias tradicionais no plano político-econômico. Constata-se por exemplo, segundo estes critérios, a presença de ambas as famílias: Guimarães e Leão com, respectivamente, 21 e 6 dos critérios adotados. Ibid. p. 335-337.

subvenção que lhe foi concedida pela Prefeitura Municipal desta capital.”<sup>165</sup>

Em última instância, uma curiosidade: na pesquisa genealógica constataram-se alguns matrimônios, envolvendo os nomes da diretoria internacionalista. Houve uniões Guimarães-Leão;<sup>166</sup> Mader-Abreu (sobrenome materno de Joaquim Américo),<sup>167</sup> além de outros casamentos com outras famílias de destaque que ainda não freqüentavam o clube e passam a freqüentar.<sup>168</sup>

Esta mesma diretoria, com pequenas alterações, manteve sua hegemonia por várias gestões, como relatado no *Diário da Tarde*:

Do sr. Alfredo Puglielli, secretario da assembléa geral do “Internacional Foot-ball Club”, recebemos communicação de que, em reunião da mesma assembléa, effectuada a 8 do corrente, foi eleita a nova directoria do club, para o anno de maio de 1913 a maio de 1914, ficando assim composta: presidente, Joaquim Américo Guimarães; vice-presidente, Agostinho A. Leão; 1º e 2º secretários: Hugo Mader e Waldemar Hauer; thesoureiro, Nestor Arouca; director sportivo, Ernesto Dobler; 1º captain, Edgar Torres.<sup>169</sup>

Internacional Foot-ball Club – Realiza-se hoje ás 23 horas, na séde social do Internacional Foot Ball Club a eleição da directoria para o anno de 1914-1915.

Foi apresentada a seguinte chapa: Presidente; Joaquim Américo Guimarães; vice-presidente, Agostinho Ermelino de Leão; 1º secretario, Hugo Mader; 2º secretario, Moysés Camargo; thezoreiro, Luiz Gonçalvez; director-sportivo, dr. Antonio Jorge Machado de Lima; Directoria da Assembléa Geral: presidente: dr. Jorge Leitner; secretario, Alfredo Puglielli; secretario, tenente Dagoberto Dulcideo Pereira; conselho fiscal, dr. Vieira de Alencar, Adalberto Nacar Correia, capitão Gasparino.

---

<sup>165</sup> BINÓCULO sportivo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 25 jul. 1914.

<sup>166</sup> Maria Bárbara de Leão (irmã de Agostinho Ermelino de Leão Jr) foi a 2ª esposa do Coronel Joaquim Antônio Guimarães (filho do Visconde de Nacar – tio de Joaquim Américo Guimarães); também Maria Francisca de Leão (irmã de Agostinho Ermelino de Leão Jr) foi a 3ª esposa do mesmo Coronel Joaquim Antônio Guimarães (filho do Visconde de Nacar – tio de Joaquim Américo Guimarães). OLIVEIRA, op. cit., p. 212.

<sup>167</sup> Hugo Mader casou-se com Maria da Luz Ferreira de Abreu e, seu irmão Othon Mader, casou-se também com uma Abreu: Olívia. PS: a família ainda mantinha vínculo com a tradicional família de origem germânica, Bley. Ibid., p. 304.

<sup>168</sup> Por exemplo, Agostinho Ermelino de Leão Júnior casou-se com Maria Clara de Abreu (filha do jurista Antonio Candido Ferreira de Abreu, jurista – irmã de Dr. Candido Ferreira de Abreu – prefeito de Curitiba e senador). O major Claro Américo Guimarães (pai do presidente do Clube Joaquim Américo) casou com sua sobrinha Pórcia Abreu (prima de Maria Clara de Abreu) – ou seja, Joaquim Américo Guimarães, na verdade, pertencia a duas famílias tradicionais: os Guimarães, por parte de pai; e os Abreu, por parte de mãe. Manoel Antonio Guimarães Filho (tio de Joaquim Américo Guimarães) casou-se com Bárbara de Alencar (também família tradicional).

<sup>169</sup> BINÓCULO sportivo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 14 jun. 1913. p. 4.

Embora houvesse algumas alterações da gestão 1913-1914 para a gestão 1914-1915, os cargos mais relevantes foram mantidos. Além disso, embora a base permanecesse, novos integrantes pertencentes as elites tornam-se diretores: sobrenomes como Hauer, Camargo, Pereira e Alencar são classificados como famílias tradicionais curitibanas.<sup>170</sup> Observamos, também nas diretorias, o grande número de integrantes titulados como: os Drs. Antonio Jorge de Machado, Jorge Leitner e Vieira de Alencar; o tenente Dagoberto Dulcideo Pereira; e o capitão Gasparino. Ainda há de se destacar que até o presente ano, 1915, não aconteceu nenhuma disputa eleitoral dentro do Internacional *Football Club*. A hegemonia de Joaquim Américo Guimarães e seus correligionários era inquestionável.

Quanto aos jogadores, mesmo que alguns não pertencessem às famílias tradicionais (sabemos que alguns tinham sobrenomes tradicionais como: Torres, Hauer, Nascimento e Leão), pelo menos ocupavam algum cargo burocrático, como é o caso revelado pelo jornalista do *Diário da Tarde*:

A despeito das divergentes opiniões divulgadas “urbi et orbe” sobre o incidente Internacional versus Paranaguá, resolvemos por bem entrevistar tres “players” sendo dois de Curitiba e um de Paranaguá.

E, assim hontem procuramos chegar ás falas com o symphthico “center-faward” do Internacional sr. Pedro Marques Collares que, ao romper das 9 ainda estava preso nos braços de Morpheu.

Não obstante, a serviçal de sua residencia, avisou-o da nossa matutina visita.

[Depois da entrevista] Ahí nos declaramos satisfeitos, porquanto o nosso entrevistado que é burocrata, devia ir assignar o ponto...<sup>171</sup>

Tal fonte podia remeter, novamente, a discussão entre o dualismo entre o amadorismo e profissionalismo. Pois ela deixa nas entrelinhas a possibilidade do jogador internacionalista estar recebendo um favor, o emprego “burocrata”, em troca dos seus préstimos como jogador do clube. Waldenyr Caldas, denomina este período de semi-profissionalismo de “profissionalismo marrom”.<sup>172</sup> Esta categoria viria a se consolidar apenas na década de 1930 e a historiografia remete os primeiros casos de

---

<sup>170</sup> Ver: OLIVEIRA, op. cit.

<sup>171</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 21 jul.1914. p. 3

<sup>172</sup> CALDAS, op. cit., p. 57-63.

favorecimentos à jogadores de futebol somente à meados da década de 20.<sup>173</sup> Seria imprudente então, com apenas este pequeno indício, concluir que no Paraná, em 1914, ocorria prematuramente o processo de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. A tensão entre as duas práticas ainda estava para ocorrer. Por enquanto, na década de 10, o predomínio do amadorismo era inquestionável. Soberanas, as elites (inclusive as étnicas) conduziam os esportes em clubes restritos. Como já afirmado, o futebol tinha uma dupla função interligada: o lazer e a tentativa de aprimoramento civilizatório, no caso das elites.

Irônico, o articulista do *Diário da Tarde*, nem se preocupou se constrangeria ou exporia o atleta internacionalista que, às nove horas da manhã quando há muito já deveria estar trabalhando, se encontrava dormindo. O jornalista, ainda usa o termo *assinar o ponto*, ou seja, apenas comparecer diariamente a repartição pública por um breve período para, no final do mês, obter seu rendimento. Mas, tais cargos, comuns - devido ao clientelismo reinante no Brasil desde os seus primórdios, ainda colônia de Portugal – existem com a denominação de “trabalho de confiança”. Geralmente, estes cargos relativamente importantes, são ocupados por pessoas pertencentes a altos escalões (na maioria dos casos, políticos influentes).<sup>174</sup> Assim, constatou-se que havia uma grande possibilidade de Collares não pertencer às elites curitibanas – já que tinha que exercer um ofício –, mas a possibilidade é proporcional ao fato dele frequentar este círculo a ponto de ser protegido por algum(ns) nomes de influência local. O fato do jogador internacionalista ter um serviçal também reforça a hipótese de que, ainda que trabalhando, ocupava um cargo burocrático cuja remuneração era suficientemente boa, ao ponto de poder pagar os préstimos de uma empregada.

Tratando-se ainda de comprovar a elitização dos membros do Internacional F. C., pode-se observar um fato que, além de reforçar tal hipótese, posteriormente, iria se tornar um problema para prática do futebol: o forte vínculo do clube futebolístico

---

<sup>173</sup> SOARES, A. J. O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 101-122.

<sup>174</sup> Sobre o clientelismo no Brasil, ver a obra de: DAMATTA, op. cit., p. 180-248.

com o *Jockey Club* do Paraná.<sup>175</sup> Inclusive com alguns diretores em comum, como o próprio presidente Joaquim Américo Guimarães. Não tendo um local apropriado para organizar as reuniões do clube e, muito menos, um local apropriado para prática do futebol, o jeito era associar-se ao clube aonde eram realizadas as tradicionais corridas de cavalos.

Finalizando as considerações sobre a primeira ata oficial do Internacional, pode-se supor que o surgimento do clube havia sido espontâneo: se a fundação do clube já fosse prevista ou planejada antecipadamente, possivelmente a diretoria não seria incumbida de escolher uma comissão responsável pela criação de um estatuto para a agremiação. Ora, como se pode fundar um clube sem saber exatamente qual a sua função social ou a que ele se presta? Isto só poderia ocorrer se tal reunião fosse uma iniciativa impulsiva, sem planejamento, o que não é de se estranhar, tratando-se de um clube esportivo sem fins lucrativos.

## OS PERIÓDICOS DA ÉPOCA

Nenhuma matéria jornalística foi encontrada noticiando a fundação do Internacional *Football Club*. A primeira, que discorria sobre o Internacional, era datada de 14 de maio de 1912 e noticiava um jogo ocorrido entre o Coritiba *Football Club* e o Internacional *Athletic-Club*.<sup>176</sup> O equívoco do nome, trocando o *Football Club* por *Athletic-Club*, demonstra a falta de familiaridade da crônica com o início da prática futebolística entre agremiações.

Mas, mesmo o silêncio das fontes jornalísticas da época pode fornecer alguns dados importantes. Primeiro, o desconhecimento do futebol por parte do meio jornalístico, já que, qualquer atividade praticada pelos conhecidos e requintados jovens locais, seria, pelo menos, digna de uma considerável nota nas colunas sociais. Segundo, a falta de cobertura jornalística, reforça a idéia de que a iniciativa dos jovens empreendedores foi realmente emotiva e não premeditada.

---

<sup>175</sup> Lembra-se que, a prática das corridas de turfe já estavam enraizadas no estado paranaense há mais de um quarto de século – desde 1875 – ano da fundação do *Jockey Club*.

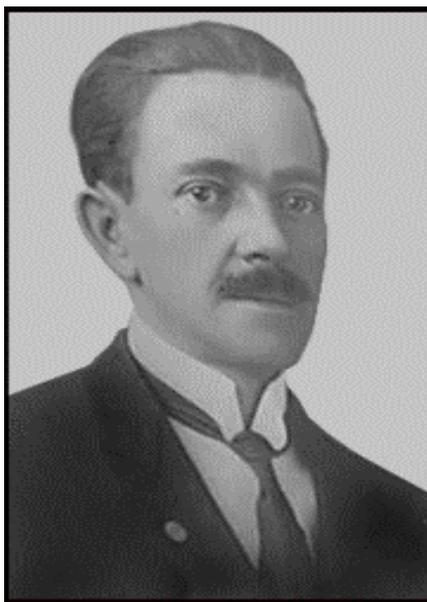
<sup>176</sup> O SPORT em Coritiba. *Diário da Tarde*. Curitiba, 14 maio 1912.

## OS INDÍCIOS ICONOGRÁFICOS

Algumas imagens iconográficas podem auxiliar na elucidação da história da fundação do Internacional F. C., principalmente no referente às características sociais da mesma, ou seja, a comprovação das origens elitistas. No primeiro momento serão analisadas duas imagens bastante específicas: a primeira, o perfil do dirigente internacionalista; a segunda, o perfil dos jogadores do clube. Seriam imagens convergentes – ambas com características fidalgas? No segundo momento, será analisado o símbolo do clube. Poderia ele também oferecer algum indício?

### I

Pode-se visualizar na fotografia<sup>177</sup> abaixo, Joaquim Américo Guimarães, de perfil. Apesar de não-datada, a fotografia aparenta ser anterior ao período em que este exerceu o cargo de Presidente do Internacional *Football Club*, pois em tal período Joaquim Américo já beirava os seus 40 anos. Na foto, ele tinha um aspecto saudável, talvez um brasileiro que há muito deixara de lado os velhos hábitos coloniais e aderira à prática higiênica do *sport*.



---

<sup>177</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Acervo fotográfico do clube – galeria de presidentes*, 1912. Curitiba: Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM.

Embora a imagem registre apenas um busto, a impressão que fica é de uma pessoa distinta. O perfil sereno na imagem fotográfica correspondia às virtudes de um *gentleman*, o que na época era praticamente sinônimo de *sportman*.

Joaquim Américo foi – além de primeiro presidente do Internacional *Football Club* – membro fundador da Sociedade Hípica Paranaense, presidente do *Jockey Club* do Paraná e introdutor do jogo de basquete que, nos seus primórdios, era praticado apenas pelas refinadas moças da sociedade local. Também foi um dos responsáveis pela introdução do Críquete, praticado no próprio bosque do Internacional *Football Club* pelos casais de maior idade, sem contar os vários cargos políticos.<sup>178</sup>

A participação de Joaquim Américo Guimarães foi tão valorizada pelos seus parceiros esportistas a ponto de ocorrer homenagens a sua pessoa, apenas dois anos após a fundação do Internacional F. C. Assim, era noticiado no *Diário da Tarde*:

Amanhã, os socios do valente Internacional Foot-ball Club, prestarão uma homenagem ao seu esforçado presidente sr. capitão Joaquim Américo Guimarães.

Para levar a effeito o seu idem os rapazes do Internacional realizarão na praça Osório ás 7 ½ da noite donde acompanhados por uma banda de música, seguirão para séde social á Rua Pedro Ivo.

Ali será entregue ao sr. Joaquim Américo uma bella medalha de ouro como prova de reconhecimento do Internacional ao seu incansável director.

Foi escolhido o dia de amanhã para a realização deste preito por ser o do anniversario do sympathico sportman a quem o Internacional deve grande parte do seu progresso e desenvolvimento.<sup>179</sup>

A fonte revela mais um pequeno fragmento desta “história de vida”: o jornal atribui ao membro da família Guimarães o título de capitão. Poder-se-ia levantar a dúvida se o jornal se referia ao “capitão” representante da equipe. Mas, tal afirmativa é descartada por dois motivos. O primeiro, é que, naquela época, ainda usava-se a terminologia inglesa, chamando o líder da equipe de “captain”. O segundo, consiste no fato de Joaquim Américo nunca ter jogado o *football*, pelo menos de forma oficial. Desta premissa, deduzimos o possível vínculo do presidente internacionalista com o militarismo, seguindo a tradição familiar – lembrando que, na época, patentes militares tinham um poder simbólico e hierárquico considerável: “vestir uniformes, roupas com

---

<sup>178</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *Joaquim Américo Guimarães*. Curitiba: mimeog., [s.n.].

<sup>179</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 03 nov. 1913. p. 3.

cortes, cores ou acessórios militares, se torna um dos cumes da moda, tanto para adultos quanto para crianças. Aliás, neste período, era muito difícil distinguir onde ficavam as fronteiras entre o treinamento militar e uma atividade esportiva.”<sup>180</sup>

Outro pequeno detalhe da fonte, que serve para reforçar a hipótese de que os associados do Internacional pertenciam às elites, é o presente que seria oferecido a Joaquim Américo, uma medalha de ouro, metal precioso, cujo valor financeiro, a princípio, não poderia ser adquirido pelas classes de menor poder aquisitivo.

Prematuramente, Joaquim Américo Guimarães, faleceu em 1917 com apenas quarenta e dois anos de idade.

A segunda imagem:



Fotografia dos jogadores do Internacional no bosque do *ground* da Água Verde.<sup>181</sup> A imagem, registrada no ano 1915, fornece subsídios para comprovar as características refinadas (possivelmente, remetendo até para o elitismo de alguns de

---

<sup>180</sup> KOWALSKI, M. Estilo de vida e futebol. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES, LAZER E DANÇA, 2000, Gramado. *Anais...* Gramado: UFRS, 2000. p. 393.

seus jogadores). Todos os atletas eram brancos e estavam cuidadosamente trajados com o elegante uniforme do clube. Alguns até usavam adereços complementando a elegância dos esportistas: como o lenço no pescoço do primeiro atleta em pé à esquerda; ou a gravata preta usada pelo jogador ajoelhado ao centro; ou ainda, a quase imperceptível corrente no pescoço do goleiro da equipe. A organização para a pose se dava com uma rigidez militarista: o goleiro, embaixo e ao centro, ladeado por dois jogadores que, por sua vez, se encontram na mesma posição. Cuidando para não quebrar a simetria, ambos voltam seu joelho para a parte interna, ou seja, na direção do goleiro. No plano intermediário, com um dos joelhos apoiados no solo, três jogadores também na mesma posição. Acima, em pé, cinco jogadores rigidamente posicionados, semelhante à posição de sentido usada pelo exército brasileiro. Quanto à disposição dos atletas na foto, podemos acreditar, com base na extrema organização, a existência de uma ordem pré-determinada que era de acordo com o sistema tático adotado pela equipe, pois, naquele período na década de 1910, a maioria das equipes jogava no sistema 2-3-5,<sup>182</sup> ou seja, dois defensores ou zagueiros; três jogadores que atuavam no meio do campo, armando as jogadas e cinco atacantes responsáveis pela finalização.<sup>183</sup>

Esses refinados jovens praticantes de futebol – os jogadores do Internacional – mesmo no primórdio do futebol em Curitiba, já chamavam a atenção da crônica local. Era noticiado então, no meio de notícias futebolísticas “...Fomos testemunhas ocular e auricular de grácil senhorinha em voz alta prometter ao ‘player’ Collares, que, caso fizesse um *goal* lhe daria uma passagem na 3<sup>a</sup> secção do Mignon [cinema ou, na grafia da época, cinematógrafo]. Não sabemos se foi cumprida a promessa.”<sup>184</sup> Na mesma coluna intitulada *Binóculo Sportivo* tinha outra dessas notas sarcásticas: “Domingo ultimo no momento que os animos ‘footballísticos’ achavam-se exaltados, ouvimos distintamente vozes femininas que cheias de aflicção gritavam: – Oh! Meu Deus onde

---

<sup>181</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Galeria de fotografias*. Curitiba: Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM.

<sup>182</sup> Sobre uma “breve” história dos sistemas táticos numa ótica antropológica, ver, na íntegra, a obra de TOLEDO, op. cit.

<sup>183</sup> Ibid., p. 43-46.

<sup>184</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 21 jul. 1914. p. 2.

está o Edgard? Doca, Doca, onde está elle? Não viram o Luiz? Quero elle aqui!”<sup>185</sup>  
Mas quem poderia ler tal coluna esportiva? Em uma dessas notas se esclarece: “Esta chronica que, sem immodestia, é a mais lida pelo sexo fraco, nos tem causado sustos ‘dolorosos.’”<sup>186</sup> Estão apresentadas as características dos pertencentes ao Internacional.

Não generalizando a toda prática futebolística da época e, sim se atendo ao futebol praticado nos clubes (de caráter social), concordamos que

Há de se destacar, (...) que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui um caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol. É preciso ainda levar em conta que quase todo o material necessário para o jogo era importado e muito caro. Esse aspecto, é claro só tornaria o futebol ainda mais elitizado. Mandar buscar o material na Inglaterra não era uma coisa acessível a qualquer pessoa aficionada do futebol. Com efeito, a trajetória desse esporte mudaria até com certa rapidez. E, rigorosamente, é só a partir do início dos anos trinta, que vamos presenciar o declínio desse elitismo.<sup>187</sup>

## II

Não são somente as fotografias o material disponível para a análise iconográfica. Existe também, alguns elementos identitários. Por exemplo, o próprio símbolo do Internacional pode nos fornecer alguns indícios de como o futebol era contemplado por aqueles jovens curitibanos responsáveis pela sua fundação. Utilizamos, como referencial explicativo, para interpretar tais imagens, duas categorias de análises sociais muito próximas. A categoria denominada por Ginzburg *investigação micronominal*, que consiste em “encontrar dados seriais (em geral de período curto, mas nem sempre) com os quais é possível reconstruir o entrelaçado de diversas conjunturas.”<sup>188</sup> E o conceito de Norbert Elias chamado de teia de interdepências. É importante ver como são semelhantes tais categorias: enquanto Ginzburg define-a como “As linhas que convergem para o nome e o que dele partem, compondo uma

---

<sup>185</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 16 set. 1913. p. 3.

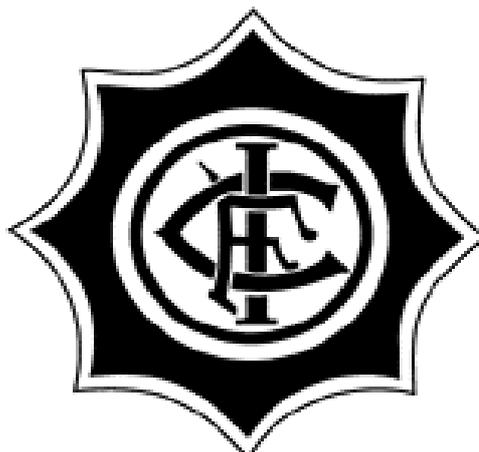
<sup>186</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18 mar. 1914. p. 5.

<sup>187</sup> CALDAS, op. cit., p. 24.

<sup>188</sup> GINZBURG, *A micro-história...*, op.cit., p. 174.

espécie de teia de malha fina, [que] dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido.”<sup>189</sup>

Vejamos o que nos dizem as imagens...



Símbolo do Internacional *Football Club*.<sup>190</sup> Pode-se observar que o símbolo alvinegro consiste numa base negra com extremidades pontiagudas, toda a beirada do desenho é cercada por uma fina borda em branco, assemelhando-se a um “sol negro”. Na parte interna, um aro branco circula um aro negro que, por sua vez, envolve um grande círculo, sendo que, dentro são expostas as iniciais do clube, em letras trabalhadas sobrepostas.

Nesta investigação, primeiramente, procurou-se escudos semelhantes nos clubes europeus mais tradicionais. Não foi encontrado nada semelhante na Inglaterra. Os escudos aparentavam-se muito mais com brasões reais, a maioria com detalhes rebuscados, com o nome do clube escrito por extenso abaixo do emblema. Era comum também a associação do clube com algum animal. Portanto, não era da Inglaterra que surgira a influência no escudo do Internacional. Mas, ainda era pouco para afirmar-se categoricamente que era uma idéia totalmente original. Pesquisou-se então os escudos de outros clubes, definindo como critério de seleção a procura de clubes dos países

---

<sup>189</sup> Ibid. p. 175.

<sup>190</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Símbolos e camisas*. Curitiba: Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM.

originadores das principais colônias étnicas estabelecidas no Paraná e, obviamente, que nestes países fosse reconhecida à prática do futebol em seu território.

Clubes alemães e italianos se enquadravam neste perfil. Depois de investigado e nada encontrar, refutamos os clubes alemães – nossa primeira escolha devido à afirmativa de Cardoso de que os alemães eram os responsáveis pela fundação do Internacional,<sup>191</sup> – buscamos os “símbolos” das equipes italianas. Indutivamente, o primeiro a ser procurado foi o escudo da equipe italiana da *Internazionale* de Milão – fundada em 1908 –, pela analogia existente entre os nomes desta equipe com a equipe brasileira. Observem-se os detalhes do escudo da equipe milanesa:<sup>192</sup>



A possibilidade de que o escudo e o nome Internacional tenham suas origens ligadas a *Internazionale* da Itália não pode ser descartada.

A equipe italiana havia sido fundada apenas alguns anos antes, especificamente, por uma diferença de quatro anos. Embora conste no emblema milanês uma abreviatura do nome e a data de fundação, ambos foram acrescentados posteriormente à fundação do clube. No emblema original, de 1908, o penúltimo aro de fora para dentro – na cor azul (onde está o pseudônimo da equipe e a data de fundação); e o

<sup>191</sup> CARDOSO, op. cit., p. 19-20.

<sup>192</sup>INTERNAZIONALE FOOTBALL CLUB. *Internazionale*. Disponível em: <<http://www.internazionale.com.it>> Acesso em: 20 out. 2001.

último – pequeno aro preto – não existiam. A estrela amarela também foi acrescentada posteriormente, quando a *Internazionale* ganhou o *scudeto* italiano.

Dessa forma, o escudo dos dois clubes, o Internacional e a Internazionale, respectivamente brasileiro e italiano, eram muito semelhantes. Com exceção das cores e da base pontiaguda do clube paranaense, ambos têm aros ao redor de um círculo aonde se encontram as iniciais dos clubes sobrepostas. Até o tipo da letra é bastante semelhante.

Quanto ao nome, ambos são muito parecidos e sofrem óbvia influência britânica (nada de excepcional, constatado que tal influência ocorreu em todos os lugares aonde se praticava o futebol neste período): enquanto a equipe italiana chama-se *Football Club Internazionale Milano*, a equipe brasileira era denominada *Internacional Football Club*.

Contudo, existe ainda mais uma possibilidade. A influência pode não ter sido direta, e sim, via um clube brasileiro, mais especificamente do estado do Rio Grande do Sul. Pois, mesmo distante do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o futebol praticado pelos gaúchos aparentava ser forte, pelo menos era o que achava um dos articulistas do *Diário da Tarde*:

Ilustrado redactor. Saudações cordeaes. – O annuciado “match” para o proximo dia 14 de julho – Rio Grande do Sul versus outros Estados (footballers pertencentes aos tres clubs desta capital) ficou sem effeito porque os elementos paranaenses, paulistas, cariocas, etc. etc. assustaram se, achando que a equipe gaucha era invencível...

É de lamentar...

Um vibrante hurrah!. Pois, aos destemidos “footballers” riograndenses, que não têm com quem terçar armas...<sup>193</sup>

Nesse estado, onde a prática futebolística já estava enraizada, existia – e ainda existe – uma equipe chamada *Sport Club Internacional*, clube da cidade de Porto Alegre, fundado apenas um ano depois da *Internazionale* de Milão, em 1909. Visualizemos seu escudo:<sup>194</sup>

---

<sup>193</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 13 jul. 1912. p. 2.

<sup>194</sup> INTERNACIONAL FOOTBALL CLUB. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br>> Acessado em 09 set. 2001.



Novamente a coincidência! Pequenos aros ao redor de um grande círculo, onde estão as iniciais sobrepostas do clube. As letras também são semelhantes. Todos os três símbolos são muito parecidos.

A interdependência entre os clubes era mais acentuada do que aparentava, emaranhando ainda mais o círculo de influências. A história da fundação do *Sport Club Internacional* justifica a afirmativa:

O Sport Club Internacional foi fundado por três jovens paulistas, Henrique, José e Luis Poppe, todos da mesma família. O seu nome teve origem em uma reunião realizada na casa de João Leopoldo Serafin, primeiro presidente do clube, onde Henrique Poppe Leão argumentou que o nome "Internacional" era vantajoso pelos motivos que o Inter ou Internazionale era um grande clube da Itália de onde seus pais tinham origem, e outro pois, o, na época, campeão da cidade de São Paulo se chamava Internacional. As cores do time tiveram influência do carnaval porto-alegrense, pois em Porto Alegre, na época, existia um grupo carnavalesco chamado "Venezianos" que por sua vez tinham cores vermelho e branco.<sup>195</sup>

Neste momento introdutório do futebol no Brasil, as interligações entre seus componentes se tornam cada vez mais complexas. O Internacional porto-alegrense era um pseudônimo em homenagem a *Internazionale* de Milão e também ao SC Internacional de São Paulo. Dessa forma, a busca de influências interclubísticas se estendeu para mais uma possibilidade: o clube paulista.

---

<sup>195</sup> A FUNDAÇÃO DO INTERNACIONAL. *Clube Atlético Paranaense*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Colosseum/Field/1004/>> Acesso em: 10/10/2001.

Este clube, já instinto, fora o terceiro clube de futebol fundado na capital do estado de São Paulo, no ano de 1899. Campeão estadual algumas vezes, o clube tinha como um dos fundadores um alemão chamado Hans Nobiling que se afastaria do clube porque este não tinha “características coloniais”. Outro de seus fundadores, Antônio Casemiro da Costa, brasileiro que estudou na Suíça, fundaria em 1902 a primeira Liga Paulista de Futebol<sup>196</sup>. Instituição segregacionista,

...administrava sozinha o futebol paulista até 1913 (...). A frente [desta entidade] encontravam-se, normalmente, pessoas ilustres, ligadas a política partidária da cidade e do estado. Encontram-se também as famílias mais abastadas e tradicionais. Estas mesmas pessoas eram as dirigentes dos clubes da elite. É possível encontrar referências aos Prado, entre outros...<sup>197</sup>

Seria em homenagem ao elitista Internacional de São Paulo o nome adotado pelo clube curitibano? Pouco provável, o circuito migratório era muito mais acentuado na região sul, principalmente envolvendo imigrantes e descendentes alemães e italianos. Por exemplo, é um ponto pacífico aos pesquisadores da história do Curitiba *Football Club* que, o fundador do clube – Frederico Essenffelder – introduziu o futebol na colônia alemã, após morar no estado do Rio Grande do Sul, onde tinha uma pequena indústria. Foi lá que conheceu e praticou o esporte bretão. Outros curitibanos também estiveram pelas cercanias do extremo Sul. Reforçando esta possibilidade, constatou-se que dentre os nomes presentes na ata de fundação do Internacional F. C., nenhum indicava descendência italiana, ou seja, a homenagem a *Internazionale* de Milão também era menos provável.

Finalizando, cabe aqui um breve esclarecimento, que, se não resolvido, poderia remeter o estudo de caso novamente para o embate entre a prática do futebol popular e o futebol elitista: existe, popularmente, uma crendice de que o Internacional gaúcho era um time popular, enquanto o Grêmio F. P. era um clube mais restrito (que só veio a permitir a participação de negros como jogadores a partir de 1952). Tal dualismo deve ter sido gerado bem no âmago da rivalidade entre as duas equipes. A historiografia

---

<sup>196</sup> HAMILTON, op. cit., p. 45-51.

<sup>197</sup> NEGREIROS, op. cit., p. 48-49.

recente,<sup>198</sup> afirma que existiam em Porto Alegre três ligas distintas, por motivos segregacionistas e racistas.

A principal chamada Liga do Sabonete, composta por elementos da elite [“a nata do futebol na cidade”], que entravam em campo impecavelmente trajados; a liga intermediária, ou liga do sabão, composta por elementos da “classe média baixa”: pequenos comerciantes e clubes de etnias minoritárias como o Concórdia, de poloneses; por fim, a liga das canelas pretas (assim, no plural), disputada somente por times de jogadores negros que não eram aceitos pelas outras equipes.<sup>199</sup>

O SC Internacional sempre freqüentou a “Liga Sabonete”. Mesmo não sendo um dos clubes de características mais reacionárias, seria difícil acreditar que tal clube tivesse jogadores operários, ou que seu símbolo – cuja base é vermelha – tenha sido criado, homenageando as cores do comunismo. No próprio relato da história do clube é afirmado que as cores foram escolhidas em homenagem a um grupo carnavalesco.

Poderia estar a fundação do Internacional *Football Club* relacionada à prática esportiva que ocorria no estado gaúcho que, por sua vez, sofreu influência dos paulistas e italianos, especificamente dos milaneses? Ou, os jovens da fina mocidade curitibana sofreram influência direta dos descendentes de italiano, já que estes eram uma presença étnica forte na cidade de Curitiba? Poderia ser também influenciada pela equipe elitista paulista?

As possibilidades são muitas, ver-se-á o que se pode deduzir da interseção destes variados indícios sobre o primórdio do futebol paranaense.

### **Investigando a fundação do Internacional**

Destacamos, novamente, que a análise morfológica constatou que, apesar de existirem vários outros escritos sobre a fundação do Internacional, nenhum deles foi feito mediante uma análise documental apurada, nem tampouco com critérios

---

<sup>198</sup> JESUS, G. M. Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a liga canela preta. In: COLETÂNEA DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998. p. 112-115.

<sup>199</sup> *Ibid.*, p.114.

metodológicos definidos. Eles são todos baseados nas duas vertentes memorialistas citadas acima, adotando-as, equivocadamente, como fontes primárias.

Cruzando as bibliografias com as fontes históricas podemos obter algumas premissas. Primeiramente, influenciados pelos seus respectivos pertencimentos clubísticos,<sup>200</sup> os autores das duas vertentes sobre a história do futebol paranaense, resgataram uma memória impregnada de sentimentos.<sup>201</sup> Enquanto a primeira vertente identifica-se com o Coritiba F. C., a segunda tem raízes firmes com o Clube Atlético Paranaense (sucessor do Internacional F. C.).<sup>202</sup> O contraste acentuado entre os dois relatos gerou uma crítica dos autores da segunda vertente ao da primeira, afirmando que na pressa de concluir a obra, alguns fatos não foram relatados veridicamente por Cardoso.<sup>203</sup> A crítica era sutil, porém assertiva.

Uma história para o surgimento do Internacional pode ser descrita da seguinte forma: os jogos entre as duas primeiras equipes curitibanas – Paraná e Coritiba – eram difíceis de ocorrer, contudo nada comprova o interesse do Coritiba em fundar outro clube. Na ata de fundação consta o nome de apenas um ex-membro do Coritiba FC: Edgard Torres, que era registrado apenas como o capitão do time, ou seja, o representante dos jogadores e não propriamente um dirigente. Torres, mesmo praticando o futebol no clube étnico alemão, também pertencia a uma família tradicional paranaense. Famílias tradicionais como Guimarães, Mader e Leão, estavam presentes no clube desde sua origem, já que seus nomes constavam na ata de fundação, inclusive o Sr. Joaquim Américo Guimarães, denominado 1º presidente do Internacional.

Quanto à falta de interesse do Internacional em jogar com o Coritiba, é pouco provável. Não foi encontrado no *Diário da Tarde* nenhuma matéria explicitando tal idéia, cabendo levantar a seguinte questão: por que os diretores do Internacional negar-

---

<sup>200</sup> Apropriou-se, aqui, do conceito de pertencimento cedido pela antropologia social. Maiores detalhes ver o artigo de DAMO, A. S. Ah! eu sou gaúcho! o nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos históricos* – esporte e lazer, São Paulo, 1999. p. 87-117.

<sup>201</sup> Sobre a questão do sentimento e sua relação com a escrita ver o artigo: CAPRARO, A. M. História de vida, identificação e sentimentos: Norbert Elias e o homem que viveu fora do seu tempo. *Conexões* – educação, esporte e lazer, Campinas, Unicamp, 2001. p. 19-26.

<sup>202</sup> É importante lembrar que ambos os autores, Cardoso e Machado, já exerceram cargos nos respectivos clubes: Coritiba e Atlético.

se-iam a enfrentar o Coritiba, contrariando o motivo principal de sua fundação? Tampouco pode-se afirmar que os jovens fundadores do Internacional tinham a intenção de se rivalizar às outras equipes porque estas eram formadas basicamente por colônias étnicas – Paraná *Sport Club*, criado por funcionários ingleses pertencentes à empresa inglesa responsável pela construção de linhas férreas no estado do Paraná e funcionários do *London Bank*, e o Coritiba *Football Club*, formado por descendentes de alemães. Pode-se sim, levantar a hipótese de que os jovens fundadores do Internacional não queriam ser relacionados a alguma colônia européia estabelecida em Curitiba. A simples escolha do nome de “Internacional” para o novo clube que estava surgindo, permite-nos acreditar que a intenção era mostrar-se como um clube neutro com relação a nacionalidade ou descendência dos seus associados, pois, tal termo, ao mesmo tempo em que nega o étnico, pode representar o conjunto deles. Mas, a escolha do nome não quer, necessariamente, dizer que os sócios-fundadores do Internacional viam as outras equipes como “agremiações estrangeiras”. Provavelmente, nem os associados das outras equipes gostariam de ser enquadrados como tal, pensando-se que os nomes escolhidos mantinham ora, uma identidade com a cidade – Coritiba *Football Club* – ora, com o estado – Paraná *Sport Club*.

Sabe-se, por meio da historiografia, que o futebol estava “passo-e-passo” se popularizando no Brasil. Dessa forma, na “provinciana” Curitiba do início do XX, a possibilidade dos refinados jovens terem tido contato ou informações recentes sobre o esporte que os jovens dos grandes centros como Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo vinham praticando há quase uma década era muito grande. Talvez até influência externa, como no caso da *Internazionale* de Milão. Assim, não era para rivalizar as “agremiações estrangeiras” que o novo clube estava sendo fundado, e sim, introjetado como um modismo de caráter civilizatório – já que há algum tempo o futebol já era praticado nas metrópoles brasileiras.

### **Aumentando a escala de observação**

---

<sup>203</sup> Ver a introdução da obra de: MACHADO; CHRESTENZEN, op. cit.

Talvez para alguns leitores, a observação numa escala microscópica e a descrição densa – características da micro-história –, podem tornar este texto um pouco cansativo. Contudo, analisar as minúcias e os detalhes é necessário para posteriores generalizações. Abre-se, no subtítulo acima, o grau de observação, para depois fechá-lo novamente.

O futebol, no Brasil, nos seus primórdios, pode ser contemplado em dois segmentos distintos: aquele *oficioso*,<sup>204</sup> que é fruto de um inter-relacionamento imigrantes-elites, cuja prática se dava quase sempre nos clubes esportivos; e aquele *marginal*, praticado às margens da sociedade, sem destaque pela imprensa e altamente controlado pelos segmentos superiores, como o já citado caso das ligas gaúchas, por exemplo. Assim, a exclusão – usando como exemplo o Internacional F. C. ou o Fluminense F. C. – deveria ocorrer de acordo com a condição social dos interessados em praticar o esporte, se levarmos em consideração os trajés, a postura e, obviamente, as taxas de mensalidade que eram sempre compatíveis com a condição elitista da maioria dos associados do clube. Portanto, não visualizamos, pelo menos até a década de 1910, uma circularidade relevante entre os dois segmentos que praticavam o futebol, até porque os registros (documentação) eram um privilégio das elites, principalmente na imprensa. Assim, o que pode ser notado, é uma complexa influência, partindo do poder dominante, portanto no sentido de cima para baixo.

Dessa forma, mais visível do que uma tensão interclassista, a gênese da prática futebolística no Brasil está mais explícita através “das ligações entre mudanças na estrutura da sociedade e mudanças na estrutura do comportamento e da constituição psíquica.”<sup>205</sup> Reforçando a explicação pautada em Norbert Elias encontramos três elementos: 1- a prática esportiva por si só já exige uma mudança de comportamento. A estrutura física dos locais da prática e a socialização que ali acontecia – por exemplo, os festivais esportivos – facilitavam ainda mais estas mudanças; 2- os estudiosos do

---

<sup>204</sup> Preferimos o termo “oficioso” em detrimento ao termo “oficial” porque, embora as atenções da sociedade se voltassem para a prática dos clubes de características imigrantes-elitistas e a dos pobres fosse bastante dificultada, por causa da falta de estrutura física e material, não foi restrita a criação de clubes e entidades regulamentadoras de menor porte – como os clubes de bairro, de várzea e as ligas de região.

esporte que utilizam da metodologia elisiana concordam que a “importação” de usos e costumes, originários da Europa, podem ser enquadrados como sinais de mudança na sociedade brasileira; 3- os próprios praticantes do jogo (atletas) apresentam mudanças na constituição psíquica através do esporte que servia para a externalização das pulsões.<sup>206</sup> As alterações psíquicas são melhor visualizadas nos praticantes, mas elas estão presentes também nos espectadores que “...na identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concedida para liberação dessas emoções. E este viver de emoções assistindo (...) é um aspecto particularmente característico da sociedade civilizada.”<sup>207</sup>

Nestas circunstâncias, mesmo analisando um caso específico inserido nos primórdios do futebol paranaense, deve-se entendê-lo como parte de uma transformação que ocorria no Brasil.

Marizabel Kowalski consegue, com muita propriedade, definir o que representava o futebol na década de 1910, afirmando:

O esporte é então concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de ajudar a modelar o caráter e estimular a vontade de vencer. Mas a vontade de vencer que se conforma às regras, que adota uma atitude complementar: o *fair play*, jogo justo e honesto, comportamento “cavalheiresco”. Por outro lado, as exigências, econômicas e culturais para praticar as novas modalidades esportivas, fora do âmbito escolar, reforçariam ainda mais a conotação de que esta prática cultural se afirmava como um signo de distinção social. É neste sentido específico que certos esportes [como o futebol] aparecem como elemento de diferenciação do estilo de vida.<sup>208</sup>

Após abrir um pouco o campo de percepção, novamente foca-se o “olhar” para a dimensão micro, pois mesmo que vários dos membros fundadores do Internacional F. C. pertencessem a uma elite econômica do estado do Paraná, as dificuldades para estabelecer, nas primeiras décadas do século XX, a prática do futebol no estado do Paraná não foram tão facilmente vencidas: a prática futebolística ainda era restrita a

---

<sup>205</sup> ELIAS, N. *O processo civilizador* – uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 17.

<sup>206</sup> As idéias de Freud tiveram uma influência em Elias maior que qualquer teoria sociológica. Porém, ele divergia do conceito de pulsão da psicanálise pela oposição sugerida por Freud entre os prazeres instintivos e as necessidades da vida social.

<sup>207</sup> ELIAS; DUNNING, op.cit.

<sup>208</sup> KOWALSKI, op. cit. p. 393.

três clubes na cidade de Curitiba; um na cidade de Ponta Grossa e um na cidade de Paranaguá. Nos anos subseqüentes, novos clubes foram sendo fundados. Entre eles destacava-se o *América Football Club*, cuja bibliografia da história do futebol paranaense aponta origens dentro da própria elite “internacionalista”. Teria sentido tal afirmativa? Ou, seria mais um relato memorialista? E o mais importante: qual a sua relevância na estruturação do esporte no estado?

## A FUNDAÇÃO DO AMÉRICA *FOOTBALL CLUB*

*No futebol o pior cego é aquele que só vê a bola.*  
Nélson Rodrigues, escritor e cronista

Outro momento bastante polêmico, nos primórdios do futebol paranaense, é a fundação do América *Football Club*. Alguns memorialistas do futebol paranaense afirmam que o América teve suas origens dentro do próprio Internacional, sendo consequência do excessivo número de atletas que praticavam futebol neste clube.<sup>209</sup> Comprovando o grande número de atletas vinculados ao Internacional era noticiado: “Internacional foot-ball Club – Como anunciado se achava, realizou-se domingo um match entre os teams Y e X deste importante club de foot-baller. (...) É opinião dos internacionalistas foot-baller que o team Y venceu devido ao training, pois o X pouco exercício faz.”<sup>210</sup>

Com o passar dos anos, as partidas entre o primeiro e o segundo quadro, tornavam-se cada vez mais equilibradas, começando a fomentar uma rivalidade entre os próprios associados:

Amanhã no ground do Internacional Foot-ball Club, na Água Verde, os 1<sup>os</sup> e 2<sup>os</sup> teams jogarão um “match training”.

A julgarmos pela animação e entusiasmo reinante entre os valentes rapazes da gloriosa associação desportiva o encontro vai ser dos mais interessantes.

Quer o primeiro, quer o segundo “teams” dispõem de elementos poderosos que sustentarão, de parte a parte, a lucta com vigor e seu camorecimentos [sic].<sup>211</sup>

Assim, alguns dos jogadores pertencentes ao segundo quadro (o que corresponderia na atualidade ao time reserva), descontentes com a condição de poder disputar apenas partidas amistosas, geralmente contra o primeiro quadro, resolvem fundar outra agremiação.

Os mesmos autores memorialistas, citados acima, atribuem como evento principal para a definitiva separação, o pedido – por parte dos membros do segundo

---

<sup>209</sup> MACHADO; CHRESTENZEN, op. cit.; MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit.; COELHO; CARNEIRO NETO, op. cit.

<sup>210</sup> FESTAS sportivas. *Diário da Tarde*. Curitiba, 16 dez. 1913. p. 2.

<sup>211</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 out. 1913. p. 5.

quadro – para a compra de um jogo de camisas. O pedido foi negado pela diretoria, criando um clima tenso, subentendendo-se que os privilégios eram sempre destinados ao primeiro quadro.<sup>212</sup> As fontes analisadas não permitem confirmar tal hipótese. Como já foi afirmado, não existe nenhuma documentação sobre os dois clubes – América F. C. e Internacional F. C. –, e também o periódico *Diário da Tarde* nada noticiou sobre tal entrave entre os associados do Internacional, embora tenha comprovado o número excessivo de associados dispostos à praticar o futebol no clube.

Outro aspecto substancial levantado na obra de Machado e Hoerner Júnior,<sup>213</sup> diz respeito ao fato da fundação do América F. C. não ter sido rápida e “emotiva”, e sim um processo que havia se iniciado, pelo menos, seis meses antes da fundação, em 24 de maio de 1914.

Assim, em novembro de 1913, o *Diário da Tarde* noticiava a primeira reunião para fundação da Liga, estando presentes representantes das seguintes equipes:

Os clubes foram assim representados:

Internacional – srs. João Laborgue, Jorge Leitner e Edgar Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Lincoln Neves; Curitiba – João Seiler, F. Essensfelder e Fraub; “**América**” F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá – J. A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck Lycio Laynes; Ivahy – Paschoal Bleggi, e Paranaguá – Arcésio Guimarães. Os clubs de Ponta Grossa deixaram de se representar.<sup>214</sup>

Como pode ser observado, na primeira iniciativa para formalizar o futebol no estado, já constava na relação de clubes convidados, um chamado América. A probabilidade deste clube ser o mesmo América oficialmente fundado em 1914 não pode ser descartada, principalmente porque o redator da matéria escreveu, cuidadosamente, o nome América entre aspas.

Mas, é importante destacar, nenhum dos dois representantes do futuro América constavam no quadro dirigente do Internacional. Caso fossem membros ativos ou jogadores importantes do Internacional, a investigação encontraria seus nomes citados na bibliografia ou nas fontes históricas consultadas e nada foi encontrado sobre ambos.

---

<sup>212</sup> MACHADO; HOERNER JÚNIOR, op. cit., p. 20-21.

<sup>213</sup> Id.

<sup>214</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 22 nov. 1913, p.3. [grifo meu].

Se eles realmente tinham algum vínculo com o Internacional era algo irrelevante para o clube, mas nem isso pode ser comprovado.

Ainda, é necessário nessa investigação, a análise dos sobrenomes dos representantes do América na reunião: Neugast e Santos e, também, do seu primeiro presidente o sr. Augusto do Rego Barros. Constatou-se a presença de um sobrenome de origem germânica – Neugast – reforçando a presença étnica no início da prática futebolística na cidade de Curitiba; o valorizado posto de Capitão do Exército ocupado pelo sr. Augusto do Rego Barros; o sobrenome Santos é classificado, segundo Oliveira,<sup>215</sup> como pertencente a genealogia dominante do estado do Paraná. Contudo, o sobrenome era comum no Brasil e o nome Romeu Santos não consta na genealogia paranaense. Ficando aberta a possibilidade de enquadramento em um determinado perfil sócio-econômico.

Encontrou-se, também, uma foto dos jogadores do América e serão analisadas suas particularidades:



---

<sup>215</sup> OLIVEIRA, op. cit., p. 232.

Jogadores do América *Football Club* posando para as câmeras de um fotógrafo no ano de 1917.<sup>216</sup> O local não é determinado mas, pelo traje e as expressões de felicidade, tratava-se de alguma excursão às cidades próximas – provavelmente Paranaguá ou Ponta Grossa.

A imagem, embora fosse registrada em outro contexto, pode fornecer um relativo quadro comparativo com a imagem dos jogadores do Internacional F. C., mostrada anteriormente. Enquanto os jogadores do Internacional estavam cuidadosamente alinhados e uniformizados, os jogadores “americanos” estavam apenas agrupados. Todos vestiam ternos – roupa comum na época –, alguns usavam chapéus, outros seguravam-no ou deixavam-no de lado e outros se encontravam, aparentemente, sem ele. Os jogadores do Internacional tinham como paisagem de fundo para o registro fotográfico, o ecológico bosque situado no próprio campo da equipe; já os do América apenas se dispuseram desordenadamente em um barranco, sem nenhum atrativo visual no plano secundário. É relevante lembrar que tal análise deve ser relativizada, pois não se sabem as circunstâncias do momento registrado pelas lentes do fotógrafo. Possivelmente, a foto do América fora ocasional, enquanto que a do Internacional aconteceu num momento mais formal.

Mas, talvez o mais importante desta fotografia seja a presença, bastante incomum para época, de um atleta de características mestiças, situado bem no plano intermediário da foto. Fortalecendo a suposição de que o América F. C. não era um clube de características sociais elitistas tão densas quanto o Internacional. Já que os mecanismos de exclusão utilizados pelos primeiros clubes brasileiros, como o Internacional F. C., dificultavam bastante a presença de negros e mestiços – geralmente pertencentes as classes pobres – no seus quadros.

É prematuro afirmar que a prática futebolística já deixara de ser segregacionista, muito menos que poderia ser um indício do confronto entre amadorismo e profissionalismo (a etapa chamada de profissionalismo marrom). Assim, consideramos que o rapaz mestiço era apenas uma exceção no meio dos

---

<sup>216</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Fotos*. Curitiba: Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM.

jogadores brancos. Mas, com o crescente número de clubes surgindo em Curitiba, o exemplo influenciador dos outros grandes centros (que já tinham várias ligas locais agrupando diferentes segmentos populacionais); e a função higiênica-civilizadora que supervalorizava o esporte como elemento formador da raça brasileira, pode-se acreditar que o futebol começara a se tornar mais praticado cá pelos lados dos campos gerais.

Finalizada a análise comparativa iconográfica, pode-se atentar para outro detalhe interessante e relevante: embora a fundação do América seja remetida pelos memorialistas do futebol paranaense à data de 24 de maio de 1914, não existiu sequer uma nota que mencionasse tal fundação na imprensa local. Mais estranho ainda é que, durante todo o ano de 1914, nada foi escrito sobre o América, mas se mencionava constantemente uma equipe vinculada ao Internacional *Football Club* chamada de “Internacional Medio”.<sup>217</sup> Contrariando as datas “oficiais” o *Diário da Tarde* noticiava, em setembro 1913, uma partida de futebol disputada no Prado do *Jockey Club*, entre o *Club Americano* e uma outra equipe chamada *América Club*<sup>218</sup> – provavelmente, o América que se está analisando, pois existiam alguns nomes na relação de atletas que poderiam ser vinculados a jogadores do Internacional. Constavam na relação Júlio e Ivo que, para haver a coincidência, deveriam ter o sobrenome o Leão. Mas, existia um sobrenome comprovadamente pertencente as duas equipes: O Mader, presença no segundo quadro do Internacional<sup>219</sup> e escalado nesta equipe do América. Mesmo não havendo vínculos aparentes quanto às diretorias, como foi analisado anteriormente, existiram realmente alguns jogadores em comum. Relacionando este fato com a falta de notícias sobre o América, no ano de sua suposta fundação, o clube não despertava o interesse dos periódicos locais (acreditamos que suas características não eram tão elitistas quanto a do Internacional, Paraná ou Curitiba).<sup>220</sup> Mesmo contando com alguns jogadores do segundo time do Internacional, o América era secundário na prática futebolística paranaense – mas somente no

---

<sup>217</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 20 ago.1914, p. 4.

<sup>218</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 03 out. 1913. p. 3.

<sup>219</sup> A FESTA do Internacional. *Diário da Tarde*. Curitiba, 16/08/1912. p. 2.

período antes da criação da Liga, nos anos de 1913 e 1914, pois, em 1915 era relatado: “Os torcedores trepados pelas grades, no auge do entusiasmo, apludiam o valente América.”<sup>221</sup>

Só que o mais importante na busca das origens “americanas” foi encontrado num período, muito anterior ao afirmado. Dessa forma, “prematuramente” com relação a data oficial, era noticiado em 17 de outubro de 1912 que “Realizar-se-a, amanhã, caso o tempo permita, no ground do Gynnasio Paranaense, um match entre os jogadores do ‘Paranaense Foot-ball Club’ sendo um team constituído por jogadores do ‘Contestado’ e outro ‘Misto’. (...). Servirá de referee o sr. Plínio Carlberg, capitain do **América Foot-ball Club**.”<sup>222</sup>

A hipótese do surgimento antes das datas oficiais é ainda maior quando analisamos, na mesma nota jornalística, os nomes dos jogadores da equipe do “Paranaense Foot-ball Club”. Na escalação da equipe consta novamente o sobrenome Mader, aumentando a coincidência. Sabendo que Mader era apenas um jovem estudante do requintado colégio Paranaense Marista, podemos acreditar que ele – e seus possíveis companheiros de América – ainda não chamavam a atenção das colunas sociais e esportivas da época por causa da sua juventude, que supomos estar na faixa etária entre os 13 – 16 anos. Sobre a prática futebolística nos colégios religiosos, Gilmar Mascarenhas de Jesus afirma que tais atividades já eram há tempos um elemento usado para “...canalizar as paixões consideradas impróprias por meio de outras paixões: os jogos.”<sup>223</sup> Contudo, apesar da afirmativa ser coerente, sentimos a carência de fontes primárias no artigo de Jesus: sua obra sobre a relação entre futebol e os colégios maristas e toda pautada na bibliografia sobre o assunto. Por isso preferiu-se, no estudo de caso sobre o América, relativizar a questão.

É importante lembrar que não era incomum na época um jovem participar em várias equipes de futebol. Provavelmente então, Mader e alguns de seus companheiros,

---

<sup>220</sup> As características elitistas do Coritiba F. C. e Paraná C. serão abordadas nos capítulos subsequentes.

<sup>221</sup> MATCH de Football. *Diário da Tarde*. Curitiba, 08 mar. 1915. p. 2.

<sup>222</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 17 out. 1912. p. 3. [grifo é meu].

jogavam na equipe do Colégio, no pequeno clube juvenil – criado por eles mesmos – chamado América e, também, nos quadros menos importantes do Internacional *Football Club*. A confusão estabelecida pela literatura existente sobre a fundação do América F. C., pode ter sido originada pela atual lei de “passe do atleta”; lei esta, que não permite ao jogador um vínculo empregatício com mais de um clube. Ora, naquela época o jogador não era um empregado do clube, ele era um associado. Este pensamento atemporal levou alguns dos pesquisadores da história do futebol a acreditar que um jogador só poderia jogar em uma equipe após sair da anterior. Assim, Mader, por exemplo, só poderia jogar no América deixando o Internacional. Mas, as leis referentes ao “passe” dos jogadores são bem mais recentes, remetendo ao período onde o futebol se profissionaliza. Na década de 1910, o futebol ainda era amador, dessa forma, praticar futebol naquela época em mais de uma equipe, seria na atualidade algo como ser sócio de mais de um clube social, perfeitamente cabível.

Portanto, a não ser que se trate de um improvável caso homônimo – tanto do clube, quanto de jogadores –, o América existiu muito antes do que se supunha. O que até permite-se supor que o surgimento dos clubes possa ter antecido, em muito, as datas das suas respectivas atas de fundação. Caso a nota jornalística realmente se refira à mesma equipe, o América, que, segundo a memória, surgiu de dentro do Internacional, poderia até mesmo ter sido fundado antes deste. Mas, isto não é o mais importante: A presença do jogador mestiço; a possível origem escolar do clube; o fato de não ser tão noticiado quanto os clubes tradicionais – Internacional, Curitiba e Paraná; e mesmo, a comparação entre as fotografias dos jogadores dos dois clubes (tomado os devidos cuidados); nos dá o primeiro indício do surgimento em Curitiba de clubes com características menos elitizadas.

Existe, ainda, uma outra fonte de informação bastante elucidativa. Em 1924, passado apenas uma década e alguns anos após o surgimento dos primeiros clubes, um outro diário, a *Gazeta do Povo*, dedicava uma matéria extensa sobre uma “breve história do futebol paranaense”. Nesta constava, além de relatos sobre os campeões até

---

<sup>223</sup> JESUS, G. M. de. Fé e futebol: indícios da contribuição marista na construção da pátria de chuteiras. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTES, LAZER E DANÇA, 2000, Gramado. *Anais...* Gramado: UFRS, 2000. p. 422.

aquele momento, uma pequena nota sobre as origens de cada clube. Na matéria existia um adendo justificando o porquê de não ser contada a história de todos os clubes federados. O motivo era que o referido jornal havia solicitado aos clubes que enviassem informações sobre suas origens e, apenas alguns haviam enviado. Supõe-se então, que o relato, a seguir, foi enviado pelos próprios dirigentes americanos. Estava escrito a respeito do América:

O América F. Club foi fundado a 24 de Maio de 1914. Delle fazia parte grande numero de socios do Internacional, contando-se alguns jogadores. Em 1914 o América tornou-se independente.

Nos últimos dias de 1914 jogou contra o Internacional (2º quadro) e foi derrotado por 2 a 1. No Domingo seguinte o América enfrentou o novamente o 2º quadro do Internacional, derrotando-o por 3 X 0. Mais tarde conseguiu vencer o Paraná, Curityba, e o 1º quadro do Internacional.

Em 1915 após a sua reorganização passou a se chamar América Sport Club, a 30 de Janeiro de 1915, sendo seu presidente o saudoso capitão Augusto do Rego Barros. Nesse ano o América adoptou as cores vermelha e branca.<sup>224</sup>

A fonte “proximal” oferece indícios suficientes para acreditar que existiram, na verdade, duas fundações: a primeira, informal, imprecisamente desde 1912 e, a segunda, oficial em 1914. Reforça também o vínculo clubístico com o Internacional FC, usando um termo interessante quando discorrido sobre tal tema: tornar-se “independente”. Seria mais uma possibilidade de tensões entre os clubes? E, se existissem tais tensões, quais seriam os motivos?

É uma possibilidade que as fontes históricas consultadas não puderam “responder”. Contudo, existem mais alguns indícios esclarecedores sobre este assunto: primeiro, a rivalidade entre as duas equipes – desde a fundação, estendendo-se aos anos subseqüentes – era muito grande. Maior do que deveria, sendo que o Internacional era um dos principais times e, sem dúvida, o mais badalado nos meios sociais curitibanos e o América um time aparentemente desconhecido, sem tradição alguma. Segundo, mesmo havendo esta forte rivalidade, constantemente eram marcados amistosos entre as equipes, disputados no campo<sup>225</sup> do Internacional,

---

<sup>224</sup> DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 02 abr.1924. p. 3.

<sup>225</sup> O Internacional, na época, já tinha um campo de futebol, mas este ainda não tinha arquibancadas, sendo assim, não podia ser considerado um estádio.

chegando até a acontecer, em algumas oportunidades, o gentil empréstimo do campo para que o América pudesse realizar partidas contra outras equipes. Terceiro, em 1924, os dois clubes, passando por sérias crises, resolvem se unir fundando um outro clube, o Clube Atlético Paranaense. Os indícios são contraditórios enquanto o primeiro reforça a dissidência, os seguintes, ao contrário, são favoráveis à uma relação amistosa.

Um último detalhe: mesmo sendo praticamente irrelevante nestes primeiros anos da prática futebolística, o América, nos anos subseqüentes, se tornaria uma das equipes mais reconhecidas e simpáticas ao público (se não fosse a mais). O *Diário da Tarde*, reiterando o fato, em 1915 noticiava:

A animação nas archibancadas tornava-se cada vez mais frenética pois partiam das archibancadas gritos applausos ao conhecido inigualavel America. (...) Torcedores das archibancadas no auge do entusiasmo atiram seus chapéus aeroplano que fizeram suas aterrissagens no meio do campo, donde forma gentilmente trazidos pelos dignos players do América.<sup>226</sup>

Outra nota dizia: “América Sport Club – Esta distincta sociedade sportiva, que dia a dia vai conquistando a sympathia do povo paranaense...”<sup>227</sup> Ou ainda “O América dia a dia vae se tornando mais querido do povo e da Elite paranaense.”<sup>228</sup> Apesar de reforçar a característica popular do América, novamente o diário relaciona-o as elites paranaenses. Contudo, segundo a afirmativa do cronista, aos poucos era que o América ganhava a simpátia das elites. Provavelmente, sua origem realmente fora secundária, mas o processo de consolidação do futebol no estado, em constante mudança tornara-o um dos clubes mais apreciados. Talvez surgisse daí a rivalidade Internacional versus América, na disputa pela atenção da sociedade local.

Sobre o nome escolhido para o novo clube que estava sendo fundado, acredita-se que o mesmo tinha uma função social muito semelhante a do Internacional F. C. Ambos escolheram nomes abrangentes, procurando se desvincular da relação com qualquer etnia ou classe que compõe a configuração paranaense. O termo América, na República Velha fortemente influenciada pelo positivismo, simbolizava o futuro e o

---

<sup>226</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 26 maio 1915. p. 3.

<sup>227</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 07 jul. 1915. p. 4.

<sup>228</sup> BINÓCULO sportivo. *Diário da Tarde*, Curitiba, 02 abr. 1915. p. 4.

progresso. Segundo o pensamento da época, era o novo país que, por meio dos ideais republicanos e da força da liberdade, tentava se consolidar como uma potência mundial.<sup>229</sup>

### **O(s) símbolo(s) do(s) América(s)**

A análise iconográfica do símbolo escolhido pelos criadores do América *Football Club* também pode fornecer alguns pontos elucidativos sobre sua fundação. Analisam-se suas minúcias:



Emblema (símbolo) do América *Football Club*.<sup>230</sup> Novamente, aros circulares envolvendo um outro círculo. As iniciais do Clube constam no interior do círculo, só que, ao contrário do símbolo do Internacional, as letras – iniciais do nome América *Football Club* – não são sobrepostas e, sim, simetricamente adaptadas ao formato arredondado do emblema. Estas também se diferem das letras do Internacional quanto ao tipo, pois enquanto o primeiro utilizava letras trabalhadas, o novo clube preferiu letras mais “sóbrias” (limpas).

---

<sup>229</sup> SEVCENKO, *História...*, op. cit., p. 12-25.

<sup>230</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Símbolos e camisas*. Curitiba, Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM.

Também destaca-se, em comum com o Internacional, a falta de originalidade na escolha do nome e, conseqüentemente, do símbolo. Já existiam outras equipes chamadas América, na época da fundação do clube paranaense. As similaridades com estas equipes não se restringem apenas aos nomes. O símbolo da equipe carioca congênere também serviu de referencial para o clube curitibano e as semelhanças com ela são mais acentuadas ainda do que a existente entre o Internacional paranaense, o Internacional gaúcho e a *Internazionale* de Milão. Mais do que parecidos, o símbolo dos “Américas” são praticamente idênticos.



Símbolo do América Futebol Clube do estado do Rio de Janeiro.<sup>231</sup> Com exceção do aportuguesamento do nome, os símbolos são praticamente idênticos: ambos têm a predominância do vermelho e branco, embora a equipe curitibana tenha no seu símbolo detalhes em preto. A mesma estrutura arredondada, composta de aros ao redor de um círculo maior com as iniciais do clube. Estas são escritas “lado-a-lado”, com letras claras. Também há uma pequena diferença: o América curitibano usa letras e traços mais finos, enquanto a equipe carioca utiliza um estilo mais grosso.

---

<sup>231</sup> AMÉRICA FOOTBALL CLUB. Disponível em: <<http://www.americarj.com.br>> Acesso em: em 20 out. 2001.

A utilização do epíteto América para equipes de futebol brasileiras é bastante comum.<sup>232</sup> Poderia ser um indício do início da influência norte-americana, mas nem as fontes históricas nem a historiografia sobre o esporte confirmam tal possibilidade. Sabemos que grande parte das equipes que adotam o nome, escolheram-no em homenagem a equipe carioca, a primeira a ser fundada em 1904.<sup>233</sup> Algumas até registraram tal referência em sua própria documentação de fundação, como é o caso do América da cidade de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, fundado bem posteriormente, em 1946.

Dessa forma, a escolha de tal nome pelos paranaenses, possivelmente se deu porque, nas décadas de 1910 e 1920, o América carioca era um dos melhores e, conseqüentemente, mais reconhecidos times do Brasil, inclusive obtendo os títulos de campeão carioca nos anos de 1913 e 1916, fator que pode ser o elemento decisivo na escolha do nome, lembrando que as especulações da criação do novo clube iniciaram-se nesta mesma época.

Também é de se considerar a característica fidalga que o América carioca tinha no período. Por exemplo, figurava em seu quadro o elegante *goal-keeper* (goleiro) do selecionado nacional, o jovem Marcos Mendonça, um dos responsáveis pelo grande fluxo de refinadas senhoritas das elites cariocas rumo aos *grounds* (campos) do Rio de Janeiro, principalmente se o jovem goleiro estivesse presente trajado com suas vestes brancas e sua toalha roxa – presença constante no ombro do jogador para que, em nenhum momento, seu rosto estampasse as “anti-higiênicas” gotas de suor.<sup>234</sup>

Todos esses fragmentos de história, agrupados e analisados, podem dar uma valiosa contribuição para a “construção” de uma possível história social do surgimento do América *Football Club*.

---

<sup>232</sup> Na atualidade (2001), o site do América Futebol Clube do Rio de Janeiro registra em seus domínios a existência de 14 equipes com o mesmo nome. Destas equipes somente uma, o América mineiro, não tem o símbolo semelhante ao América “original”. O América paranaense, obviamente, não se encontra nesta relação porque em 1924 deixa de existir, tornando-se – junto com o Internacional – o Clube Atlético Paranaense. AMÉRICA FOOTBALL CLUB, op. cit.

<sup>233</sup> Id.

## **Adesão ou conflito? Uma história para o América Football Club**

O surgimento do América curitibano novamente remete para a influência vinda de outros estados. Podendo ser um dos primeiros clubes do *boom* esportivo, que segundo Sevcenko<sup>235</sup> e Kowalski,<sup>236</sup> iniciar-se-ia na década de 1910 com as elites dominantes das grandes metrópoles brasileiras, difundindo-se logo em seguida para os mais variados recantos do país.

Talvez fossem os associados menos prestigiados do Internacional que, estando descontentes, procuraram fundar um outro clube de características mais populares, influenciados pelas constantes tensões clubísticas (talvez algumas de cunho classistas) e a influência vinda de outros estados – como, por exemplo, o processo de entrada do *Sport Club Corinthians Paulista*, na Liga Paulista de Futebol.<sup>237</sup>

Saindo do campo das suposições, sabe-se com certeza que o América teve associados em comum com o Internacional e que estes o abandonaram para ingressar no novo clube. Mas, assim como a cisão podia ser em consequência das divergências entre os sócios, originárias pela solicitação não atendida da compra do jogo de camisas (que não foi noticiada pelo *Diário da Tarde*), poderia ser também por vários outros motivos. Ocorreram discussões na escolha dos jogadores que iriam compor a equipe que enfrentaria o visitante time carioca do Flamengo, que aceitara, em meados de 1914, o convite para vir a Curitiba enfrentar o Internacional.<sup>238</sup> O *Diário da Tarde* reforçava esta hipótese noticiando:

### **Imprudencia dos players paranaenses – Players do Flammengo Foot Ball Club.**

Tivemos hontem o desagradável ensejo de, nos match-trainings da Água Verde, verificar a desídia reinante entre os players do conjunto a encontrar-se proximamente com o Flammengo. Infelizmente os nossos jogadores, ao que transparece, não estão empenhados nessa pugna como o campeão carioca, victorioso em sensacionaes matchs. Lamentamos sinceramente a falta absoluta de treinamento dos foot ballers patricios, que não cogitaram até então da organização [sic] de uma linha de ataque homogenea e defesa efficiente.

---

<sup>234</sup> PEREIRA, op. cit., p. 109-110.

<sup>235</sup> SEVCENKO, op. cit., p.568-5781.

<sup>236</sup> KOWALSKI, op. cit., p. 390-395.

<sup>237</sup> NEGREIROS, op. cit., 134-147.

<sup>238</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 24 ago. 1914. p. 3.

(...) é preciso, pois, que nossos jovens players se preparem para resistir galhardamente a tão fortes adversários evitando assim uma derrota completa.<sup>239</sup>

Talvez a própria história Clube de Regatas Flamengo tenha servido de referência para que os dissidentes tivessem a iniciativa de fundar um outro clube. O clube carioca havia aderido ao futebol há apenas dois anos, quando nove jogadores do Fluminense *Football Club* deixaram seu clube de origem e instituíram a prática do futebol no clube que era exclusivo para a prática do remo. O motivo para o conflito era aparentemente trivial: um dos principais jogadores do Fluminense seria colocado “na reserva.”<sup>240</sup> O escritor Ruy Castro nos dá um entendimento melhor do que ocorrera, ao mesmo tempo em que apresenta um bom panorama da mentalidade dos praticantes do futebol: “Na época, isso podia acontecer. Os jogadores eram amadores, não assinavam contratos, não eram empregados do clube. Ao contrário: eram dirigentes ou associados, pagavam mensalidade e faziam suas próprias chuteiras no sapateiro. Quase todos eram estudantes ou tinham famílias abonadas.”<sup>241</sup> Mesmo sendo um clube cuja prática futebolística tinha acabado de ser instituída, o CR Flamengo fora vice campeão carioca nos anos de 1912 e 1913, sagrando-se campeão no ano seguinte. Possivelmente, por causa deste recente sucesso, tenha surgido o convite para a disputa amistosa com o Internacional.

Havia ainda outros possíveis motivos para a criação do novo clube: por exemplo, para – naquela primeira reunião destinada à criação da Liga (onde consta pela primeira vez o nome do América) – aumentar o poder do grupo de aliados ao Internacional, rivalizando-se ao grupo do Coritiba e do Paraná. Assim, poderiam os diretores internacionalistas pedir para seus jogadores do segundo quadro efetivarem seu pequeno clube (quase um clube colegial). Atingido os objetivos – ou não –, ambos preferiram a prática esportiva entre eles – América e Internacional –, jovens refinados da sociedade paranaense, já que somente esporadicamente eram marcados jogos contra outras equipes. As partidas entre ambos eram realizadas, na maioria dos casos, no

---

<sup>239</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 28 ago. 1914. p. 3.[grifo no original].

<sup>240</sup> MATTOS, op. cit., p. 66-68

<sup>241</sup> CASTRO, R. *O vermelho e o negro* – pequena grande história do Flamengo. São Paulo: DBA, 2001. p. 44.

campo comum situado nos arrabaldes da Água Verde. Por exemplo, numa partida entre os dois no início de 1915, “O team do América ao entrar no campo levou ao captain do Internacional do team alvi-negro senhor Torres, um bellissimo bouquet de flores, tendo os espectadores que se apinhavam nas archibancadas, applaudido esse acto gentil do team alvi-rouge.”<sup>242</sup> Gradualmente, o vínculo entre ambos foi acabando, culminando com uma “real” divergência no final de 1915 que será abordada no capítulo posterior devido a seu desfecho, relacionado com os “festivais sportivos”.

Se alargar-se o campo de observação, mais uma vez serão visualizadas mudanças. O futebol paulista e carioca, mesmo contra as elites dominantes que o utilizavam como um meio de distinção social, começara a ser incorporado pelas classes baixas que o praticavam em lugares considerados impróprios, além de incomodar o refinado público dos estádios com a sua presença. Confirmando este fato é descrito:

Se mesmo nos bairros mais afastados esses grêmios [pequenos clubes] continuavam a constituir-se em associações fechadas, acessíveis apenas a um grupo social restrito, em outros espaços já se podia notar a atração que o jogo de bola ia exercendo em indivíduos de outras classes, que não poderiam associar-se a eles. Nos mesmos jogos nos quais o Fluminense juntava em suas arquibancadas uma juventude elegante e seleta, uma pequena multidão de curiosos divertia-se do lado de fora por sobre os telhados e muros apreciando o jogo dos jovens rapazes (...). Entre o interesse manifesto pela curiosidade de quem se espreme para assistir aos jogos e a tentativa de começar a prática-lo em seus próprios espaços, não parecia haver um caminho muito longo.<sup>243</sup>

Curitiba, aproximava-se – pelo menos no quesito esportes – das esfuziantes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O surgimento do América – e mais alguns clubes – era apenas um pequeno sinal de que o caminho curitibano poderia ser, com alguns anos de diferença, o mesmo dos grandes centros brasileiros.

A partir de 1914, com o surgimento de vários clubes na cidade de Curitiba e arrabaldes, a prática futebolística paranaense, não dependia tanto da iniciativa de agrupamentos étnicos ou das elites locais, o que exigia novas medidas por parte destas.

---

<sup>242</sup> SPORT. *Diário da Tarde*. Curitiba, 08 abr. 1915. p. 2.

<sup>243</sup> PEREIRA, op. cit., p. 57-59.

Aquilo que porventura poderia ser considerado por alguns “fogo-de-palha”<sup>244</sup> começava a ganhar “corpo”. As notícias, cada vez, eram em maior número e tamanho. Os praticantes eram cada vez mais ecléticos, variando desde as classes sociais até a faixa etária. Os fidalgos praticantes do *football* precisavam, então, de novos mecanismos de exclusão. Surge a instituição regulamentadora, o mesmo mecanismo adotado, anteriormente, pela elite clubística dos grandes centros.

---

<sup>244</sup> SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. In: HELAL, R.(Org.). *A invenção do país do futebol – mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 123-133.

## A NECESSIDADE DE UMA ENTIDADE REGULAMENTADORA

*Se o futebol estivesse baseado na razão, não haveria razão  
para existir o futebol.*

Vicente Verdun, escritor mexicano

Início da década de 1910: mesmo com o esporte em franca ascensão nos meios elitistas das grandes metrópoles brasileiras, no primórdio da prática futebolística paranaense, mesmo com o esforço da elite local e imigrante, a novidade não conseguia se consolidar nos meios refinados da cidade de Curitiba. Comprovando tal fato era afirmado no *Diário da Tarde*:

Em benefício da sociedade de Tiro Rio Branco, realizou-se, hontem, um match de “foot-ball”, no “ground” do Prado Paranaense, entre as valorosas equipes dos Clubs Coritiba e Internacional.

O dia estava magnífico: no entanto é-nos triste confessar que as pessoas que foram ao Prado eram em numero diminuto.

Não prevíramos isso, pois, o fim da festa era altamente patriótico e digna da protecção do povo.<sup>245</sup>

Outra nota reforçava a falta de adesão. E, sabendo-se disso, recorria-se à finalidade – geralmente beneficente – que a partida teria. Também esclarece a fonte que a consolidação do futebol dependia de alguns poucos abnegados.

Como estava anunciado, realizou-se domingo, no “ground” do Coritiba Foot-ball Club, um “match” entre este e o Internacional Foot-ball Club.

Não obstante o dia ter estado soberbamente bello e ser essa festa em benefício das famílias das victimas da explosão do 1º do corrente, a concorrência foi pequena.

Não sabemos porque, enquanto o “foot-ball” é soberanamente apreciado nos centros civilizados, a nossa Coritiba, inteligente e culta, lhe vota um desprezo desanimador. Felizmente, os nossos abnegados “sportmen” substituem o conforto de enthusiasmo que lhe nega, pelo amor e pela convicção crescente...<sup>246</sup>

Mesmo valorizando a cidade e seus habitantes, a citação novamente compara a precária condição do futebol curitibano com a já consolidada e em franca expansão

---

<sup>245</sup> O MATCH de Hontem. *Diário da Tarde*. Curitiba, 14 abr. 1913. p. 2.

<sup>246</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 15 jul. 1913. p. 2.

prática em outros grandes centros – podendo o cronista estar se referindo as metrópoles brasileiras ou a outros centros mundiais.

Passados alguns anos do início da prática do futebol pelas elites, nos meados da década de 1910, o maior problema quanto à implantação do futebol em Curitiba, e até no estado do Paraná, já estava resolvido: a falta de jogadores e, conseqüentemente, de clubes para realização de campeonatos, solucionara-se com a fundação de várias outras equipes em Curitiba e nas cidades próximas como Paranaguá e Ponta Grossa.

Entretanto, aquilo que, a princípio, seria uma necessidade para o desenvolvimento da prática futebolística no estado – um número maior de clubes para a disputa de campeonatos – tornara-se um problema. Foram criadas equipes de futebol vinculadas a associações, clubes sociais, empresas, colônias étnicas e até clubes escolares. Notas como estas são destacadas quase semanalmente no *Diário da Tarde*: “Realizou-se ante-hontem, às 8 horas da manhã, no ground do Gymnasio Curitybano, o match de foot-ball entre este e Brazil Foot-ball, sahindo aquele vitorioso [...]. De parte a parte houve grande entusiasmo dos jogadores.”<sup>247</sup> Até alguns clubes militares foram fundados: “Foi fundado nesta capital, entre os correctos inferiores do 4.º regimento da infantaria um ‘Grupo de Foot Ball’ ...”<sup>248</sup>

A falta de cobertura da imprensa, sempre reivindicada, tinha agora além de grandes matérias nas primeiras páginas, um periódico próprio: “*O Shoot* – Circulou sabado nesta capital, o primeiro n. do ‘petit journal’, semanario sportivo ‘O Shoot’, sob a direção de do distincto sportmen, sr. Luiz Guimarães que, como noticiamos, é o seu mentor. Nossas prosperidades ao *O Shoot*.”<sup>249</sup>

Até para aqueles que estavam começando a se familiarizar com esporte era facilitado o entendimento: à medida que “o foot-ball [foi] tomando grande incremento em Curitiba,”<sup>250</sup> o jornalista sportivo do *Diário da Tarde* afirmava que “interessará

---

<sup>247</sup> MATCH de Foot-ball. *Diário da Tarde*. Curitiba, 20 ago.1912.

<sup>248</sup> DESPORTOS – Hyppismo, Foot-ball, etc. *Diário da Tarde*. Curitiba, 22 ago. 1913.

<sup>249</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 10 maio 1915. p. 4.

<sup>250</sup> OS SPORTS. *Diário da Tarde*. Curitiba, 23 abr. 1914. p.2.

aos nossos foot-ballers ter os seguintes conselhos.”<sup>251</sup> Assim, em sua coluna, tenta passar noções básicas e esclarecimentos de como deveria ser jogado o futebol. Os subsídios eram provenientes do livro de um jogador do selecionado francês chamado Barreau. Dentre as várias recomendações destacavam-se: 1º) tomar atitudes de acordo com o ponto fraco dos seus adversários; 2º) cabe ao capitão do time decidir qual tática será adotada (ou seja, o capitão desenvolvia a função de representante da equipe em campo e também de técnico); 3º) noções básicas da técnica como passar a bola sempre rasteira, funções específicas dos defensores, armadores e atacantes.<sup>252</sup>

O hábito de resenhar livros europeus na coluna esportiva prosseguiu no *Diário da Tarde*. Sabendo da existência da obra *Foot-ball Association*, do autor e técnico francês chamado Maurice Parat foi noticiado: “por julgarmos úteis aos nossos jogadores aqui os reproduzimos, syntheticamente, recomendando a sua leitura...”<sup>253</sup> Será adotada a mesma iniciativa do autor há quase um século atrás e será sintetizada a coluna que já era uma síntese do livro de Parat. As valências físicas exigidas pelo futebol são: a capacidade pulmonar (hoje capacidade anaeróbia) e vigor muscular (força). A justificativa para o ênfase nessas valências é simples, se o jogador não tem o mesmo preparo físico do adversário, pode ocorrer uma série de enfermidades por esforço demasiado. Para a resolução de tal problema deve-se fazer os treinamentos físicos, que não devem ser nem lentos demais, tampouco rápido a ponto de causar fadiga. Era afirmado também que a capacidade pulmonar pode ser medida pelo volume do tórax. Outros elementos necessários para a boa prática do futebol são a flexibilidade, os saltos (impulsão) e os exercícios com a bola de futebol. Antes de jogar partidas oficiais o jogador deve participar de algumas partidas amigáveis e/ou treinos (hoje coletivos), não se deve também jogar mais de duas partidas semanais, por causa do excesso de suor. O jogador deve fazer sua refeição duas horas antes das partidas. Por último, sobre as críticas de que o futebol facilitava a contração de gripes e resfriados o autor dá uma solução simples: agasalhar-se durante os intervalos e, ao

---

<sup>251</sup> OS SPORTS. *Diário da Tarde*. Curitiba, 23 abr. 1914, p. 3.

<sup>252</sup> Id.

<sup>253</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 03 ago.1914. p. 5.

término da partida, esfregar uma toalha dos pés a cabeça (provavelmente para secar o suor).<sup>254</sup>

A característica elitista dos primeiros clubes futebol de Curitiba estava em risco. Os clubes tradicionais, mesmo com mecanismos de exclusão interna, não tinham controle sobre a “explosão” futebolística nos segmentos populares. O mesmo caso ocorrera antes nos Rio de Janeiro:

O fato de que [os clubes] preservassem o perfil social refinado não lhes garantia, porém, o monopólio da prática do futebol. Se queriam preservar a marca fidalga que construíam para o esporte, seria preciso mais do que manter o nível de seus associados: era necessário tomar para si a primazia da prática do jogo na cidade, definindo suas regras e os grupos que poderiam praticá-lo.<sup>255</sup>

A resolução do problema estabelecido no Rio de Janeiro se deu da seguinte forma: em 1905, os diretores dos clubes mais tradicionais reuniram-se para formar uma entidade que tivessem o controle do esporte.

Nascia assim a Liga Metropolitana de Foot-ball, em cuja diretoria se faziam representar membros de cada um dos clubes que a formavam. (...) Organizando a prática esportiva dos clubes futebolísticos da cidade, a nova liga tentava assumir um papel de liderança sobre os rumos do esporte inglês no Rio de Janeiro, tomando para si a tarefa de zelar pela imagem refinado do jogo.<sup>256</sup>

Em São Paulo acontecera algo bem próximo do caso carioca,<sup>257</sup> em Porto Alegre a mesma coisa.<sup>258</sup> Logo, seria a medida mais coerente a ser tomada pelas elites praticantes do futebol no Paraná. Foi o que ocorreu: os clubes elitistas de Curitiba e cidades próximas resolvem assumir o controle da prática do futebol. Serão vistos, primeiramente, seus antecedentes e, depois, como se sucedeu tal evento.

---

<sup>254</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 03 ago. 1914, p. 5.

<sup>255</sup> PEREIRA, op. cit., p. 63.

<sup>256</sup> Id.

<sup>257</sup> NEGREIROS, op. cit., p. 48-51.

<sup>258</sup> JESUS, op. cit., p. 110-116.

## Breves antecedentes – ecletismo e *football*

Este subtítulo tem uma função contextualizadora. Apresentando temáticas bastante diversas, ele tem como finalidade demonstrar como o esporte futebol tinha pouca autonomia, sendo associado a uma gama variada de atividades sem aparente ligação. A liga teria então, posteriormente, – além do caráter segregacionista – uma função essencial: ajudar a delinear a identidade futebolística, ou seja, selecionar os elementos que realmente deveriam ser ligados ao futebol, desde os jogadores até os locais para prática. Portanto, serão apresentadas as características deste período transitório, situado cronologicamente entre o surgimento do futebol e a criação de uma entidade regulamentadora.

Na virada do século XIX para o XX, com a assimilação de novos hábitos e costumes, as possibilidades de lazer aumentaram sensivelmente nas cidades brasileiras. “No início da década de 10 do novo século; [desapareceria] o antigo hábito de repousar nos finais de semana. O repouso é destituído pelas festas, corridas do Jockey Club, partidas de tennis, regatas, corso na Avenida, nas Praças, matinês dançantes, carnaval nas ruas e futebol.”<sup>259</sup>

Curitiba, não fugiu a regra. Passeios públicos, cinematógrafos, saraus, festas, bailes, teatros, passeios na serra e no litoral eram boas opções para o entretenimento nos finais de semana. O número de *cinematógrafos* havia aumentado nos últimos anos. Existiam, além do tradicional Mignon, os cinemas: Siderais, Eden, Smart e Bijou, oferecendo várias opções de filmes.<sup>260</sup> Também surgiram na cidade vários teatros (como o Guayra) que recebiam companhias renomadas no mundo todo; e novos clubes sociais que propunham uma vasta gama de atividades, como os grêmios femininos que constantemente organizavam as *chics* festas e saraus dançantes na cidade, como as festividades que o jornal *Diário da Tarde* noticiou na coluna *Festas e Bailes*: “Grêmio Íris – este gentilíssimo grêmio de senhoritas realizou (...) uma encantadora festa (...).

---

<sup>259</sup> KOWALSKI, op. cit., p. 390.

<sup>260</sup> THEATROS – cinemas – diversões. *Diário da Tarde*. Curitiba, 10 ago.1914, p.2.

Grêmio Amitié – conforme fôra previamente anunciado realiza [sic] este encantador grêmio de senhoritas (...) uma linda festa...”

Etelvina M. C. Trindade, em alguns parágrafos, demonstra com muita precisão e detalhes como era o lazer em Curitiba na nesta época:

À noite, a animação sadia dos salões de danças e dos cafés-concerto: na rua das Flores, o Parisiense; na Praça Generoso Marques, o Tigre Royal; com pouco dinheiro, toma-se café, assiste-se ao filme e aprecia-se a passagem de lindas senhoritas.

Nos finais de semana, famílias numerosas fazem piqueniques em áreas de lazer, preferencialmente nos parques das cervejarias, ou percorrem animadas as alamedas do Jardim Botânico, nome dado às vezes ao Passeio Público.

No tempo alegre e vertiginoso do lazer curitibano, homens, mulheres e crianças seguem suas preferências no campo dos divertimentos: buscam os primeiros, as atividades de ação, jogos, esportes, excursões; as crianças reinam nos parques, nos circos, no zoológico, nos aniversários e nas festas natalinas; a mulher diversifica seu tempo livre, da reunião familiar à grande festa.

Na Curitiba do período, as jovens estão no *five o'clock tea*, nas tardes do mate, assistindo às retretas, organizando piqueniques e quermesses, “fazendo avenida”; ou no cine Smart, assistindo as novas fitas de “Pathé” e do “Gaumont”, conforme relata a crônica elegante. Para o cronista que as localiza ora no Jardim Botânico, ora no footing da rua XV de Novembro, nas festas do Parque Providência ou no Alto do São Francisco, elas são “Vênus radiosas”, finos ornamentos da sociedade, “onda cristalina”.

Outra área privilegiada do lazer curitibano são os clubes: recreativos, beneficentes, esportivos, ginásticos, musicais. Espalham-se pela cidade, em função, inclusive da forte tendência do imigrante alemão às atividades associativas. A elite social e política desfila nos salões do Club Coritibano ou do Cassino Coritibano que oferecem, além das atividades festivas, serviços de restaurante e áreas de esporte, recreação, cultura e arte. Na Praça Osório, a Sociedade Thalia; na rua do Serrito, o Deutscher Sängerbund, congregam os altos escalões da sociedade teutônica.<sup>261</sup>

É neste contexto, que junto com o futebol se iniciou a prática de uma série de outras atividades, dentre elas outros esportes de origens européias. Além de integrar várias atividades competitivas, nos festivais, era comum associar o futebol a diferentes esportes. Outra matéria do *Diário da Tarde* anunciava um festival organizado pelo Curitiba *Football Club*, no *Jockey Club* Paranaense que, além do *match* de futebol entre os primeiros quadros do Curitiba e do Internacional, “realizar-se á a maior prova sportiva nos annaes do cyclismo paranaense, o – campeonato de 15.000 metros, que é dedicado ao dr. presidente do Estado Carlos Cavalcanti, e em que se acham inscriptos 6 valentes campeões.”<sup>262</sup>

<sup>261</sup> TRINDADE, op. cit., p. 204-205.

<sup>262</sup> FESTA Sportivas. *Diário da Tarde*. Curitiba, 06 jun. 1912, p. 1.

Outra coluna esportiva do *Diário da tarde* noticiava a realização de uma tarde esportiva nas dependências do Internacional F.C. Veja-se a grande variedade de atividades conjugadas à prática futebolística:

## FESTA SPORTIVA

### Grandes Matches de foot-ball Corridas, etc... etc.

Conforme noticiamos hontem, a sociedade sportiva Internacional Foot-ball Club realizará, domingo próximo, no Prado Paranaense, uma festa magnífica o que obedecerá ao programa seguinte:

- 1º. – Match Infantil [...].
- 2º. – Corrida de velocidade (100 metros) [...].
- 3º. – Corridas com obstáculos[...].
- 4º. – Corridas com Sacos [...].
- 5º. – Corrida com 3 Pernas [...].
- 6º. – Match de Foot Ball  
Team A versus B Internacional [...].
- 7º. – Place Kinck [...].
- 8º. – Tug of War (puxar a corda) [...].
- 9º. – Corridas de ovo (por senhoritas) [...].
- 10º. – Corridas de Burros [...].
- 11º. – Team Race [...].<sup>263</sup>

Além das competições variadas, que tornavam um festival esportivo próximo a uma gincana, são interessantes os prêmios dedicados aos vencedores: dentre outros prêmios como bolas, relógios, placas, carteiras e perfumes destacam-se uma cigarreira de prata, destinada ao vencedor da corrida de 100 metros, e uma caixa de charutos, para os vencedores do tug of war (cabo de guerra) – que por sinal eram os mesmos jogadores de futebol do Internacional. Este fato – premiação com artigos relacionados ao fumo – dá um indício que a associação entre o tabaco, os esportes e a saúde era ainda confusa.

Assim, era noticiado: “*Os excessos dos sports* – Ultimamente a imprensa ingleza, escandinava, e norte americana tem condenado severamente os excessos em que vão caindo alguns exercícos phisicos.”<sup>264</sup> Outra prova cabal era essa estranha associação (para os padrões da atualidade), do cigarro com os esportes. Era então noticiado que “Após o match (...) Serão distribuídos pelos senhores Robbine e Cardoso

---

<sup>263</sup> FESTA Sportivas. *Diário da Tarde*. Curitiba, 15 ago. 1912. p.3.

cigarros marca Internacional *Football Club* aos cavalheiros presentes.”<sup>265</sup> Além de ser oferecidos cigarros aos jogadores, a própria marca do cigarro era o nome da equipe.



Imagem iconográfica da embalagem de cigarros “Internacional Foot-ball Club”. Pode-se notar que são mostrados na embalagem quatro jogadores: dois trajando o uniforme do Internacional – meias pretas, calções brancos, com a camisa com listas verticais alternando o preto e o branco – e outros dois trajando uniformes compostos de meias e calções pretos com camisas em branco. As cores são as mesmas do Internacional, contudo, como não existia ainda na época 2º uniforme, possivelmente estes dois jogadores representavam os jogadores do *Coritiba Football Club* que utilizava, nos seus primeiros anos de fundação, as cores preto e branco – somente posteriormente trocando o preto pelo verde.

A bandeira aparece em primeiro plano, encobrendo parte dos jogadores e do campo de futebol. É de se estranhar que não conste na bandeira o símbolo do Internacional, talvez – como se tratava de uma homenagem ao campeão paranaense de 1915 – o tempo hábil para se criar um desenho mais elaborado tenha sido exíguo.

Além disso, a fonte pode oferecer indícios de que o clube ainda era segregacionista, pois a característica comum a todos os jogadores era apenas uma: indivíduos da raça branca.

---

<sup>264</sup> OS EXCESSOS dos Sports. *Diário da Tarde*. Curitiba, 27 fev. 1913. p. 2.

<sup>265</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 04 abr. 1914. p. 3.

As tão propagadas idéias higienistas, amplamente divulgadas na época, propagavam os esportes como meio de afastar a população dos prostíbulos, cassinos e bares e não pelo seu caráter educacional. Dessa forma, o hábito de fumar era na época ingenuamente associado aos esportes como mais um sofisticado modismo, provavelmente originado na Europa ou EUA – lembrando que era comum, anteriormente, no Brasil, o fumo de cigarros feitos de palhas, denominados popularmente de “palheiros”; mas os cigarros da marca “internacional” eram industrializados.

Deve-se destacar também que estas fontes, com certa prematuridade, nos dão indícios de um vínculo que, desde os primórdios estabeleceria raízes muito fortes: os esportes – especialmente o futebol, no caso brasileiro – a imprensa, o *marketing* e a propaganda.

Assim, desde os primeiros anos da prática futebolística no Paraná, estavam presentes os anúncios publicitários. Por exemplo, era cuidadosamente escrito ao lado de uma notícia sobre o Internacional *Football Club*: “CASA CLARK Rua, 15 de Novembro – 42 – Calçados, Meias, Impermeáveis, Perneiras e artigos ingleses, Footballs e seus pertences. Sortimentos completos.”<sup>266</sup> As vendas deveriam ser acentuadas, pois o anúncio seguinte foi feito em letras “garrafais” em um espaço considerável, mas o desconhecimento do esporte era tanto que o anunciante não sabia nem a grafia correta: “**PARA FOOT-BAAL [sic] E TENIS** Variado sortimento de calçado para estes sports. **Recebeu a CASA VICTRIX.** Rua 15n. 82.”<sup>267</sup>

Concorda-se, então, com a obra de Toledo que, discorrendo sobre a função inicial do esporte para a imprensa, constatava: “...essas publicações são representativas de um público específico: segmentos das elites que praticavam os esportes socialmente prestigiados e que também cultivavam um certo estilo e modo de vida pautados pelo consumo de bens esportivos importados, proibitivos à maioria da população.”<sup>268</sup>

O ecletismo do futebol aconteceu quando o esporte era ainda praticado internamente nos refinados clubes. Neste período de consolidação, os esportistas

---

<sup>266</sup> INDICADOR Commercial. *Diário da Tarde*. Curitiba, 02 nov. 1913. p. 3.

<sup>267</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 10 out. 1912. p. 2. [grifo do autor].

<sup>268</sup> TOLEDO, op. cit., p. 15.

procuravam criar vínculos a esmo – qualquer coisa era válida, contanto que chamasse a atenção da sociedade *high-life*. O surgimento da Liga começa a dar um perfil ao futebol, embora muitos desses vínculos ecléticos ainda permanecessem por algum tempo. Criada com a finalidade de organizar (e, de certa forma excluir) caberia a ela dar os rumos do futebol.

### **A formação da Liga Sportiva Paranaense**

Como afirmado, nos anos entre 1912 e 1914, surgiram vários clubes de futebol com as mais diferentes origens. Nos meados de 1914, dando indícios de gostar da expansão do esporte, o *Diário da Tarde* noticiava: “Nos domínios sportivos do Estado as cousas vão felizmente bem melhores do que nos econômicos e políticos.”<sup>269</sup>

Mas, apesar da fundação de vários clubes de futebol, a hegemonia ainda permanecia centrado nos três clubes mais tradicionais: Internacional *Football Club*, Paraná *Sport Club* e Coritiba *Football Club*. Por exemplo, era afirmado em 1924 que “Quando não existia a Liga realizavam-se partidas amistosas entre os 3 clubs Internacional, Paraná e Coritiba, aquele [Internacional] sempre era vencedor.”<sup>270</sup> O problema, para os interessados em que o futebol no estado permanecesse no círculo fechado das elites, era que as partidas tinham de ter sempre um caráter amistoso ou, no máximo, a disputa de uma taça oferecida por algum estabelecimento comercial. Mesmo os poucos campeonatos organizados consistiam apenas em “triangulares”, envolvendo as equipes citadas. Assim, o *Diário da Tarde* noticiava: “No dia 28 do corrente, domingo, realizar-se-á nesta capital um encontro entre duas valorosas sociedades esportivas Internacional Foot Ball Club e Coritiba Foot Ball Club. Nesse match caso vença o Internacional, ficará esse valente club com o campeonato de 1913, o que aliás, elle conquistou até aqui, neste anno.”<sup>271</sup>

A necessidade da criação de uma instituição que regulamentasse os campeonatos e atendesse aos interesses dos clubes fidalgos tinha um caráter de

---

<sup>269</sup> BINÓCULO Sportivo. *Diário da Tarde*. Curitiba, 25 jul. 1914. p.1.

<sup>270</sup> DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 02 abr. 1924. p. 4.

<sup>271</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 24 set. 1913. p. 2.

urgência. A prática não podia ficar restrita a apenas três clubes, mas não podia também dar uma brecha suficiente para que clubes das mais diferentes classes manchassem a característica nobre do futebol.

Possivelmente, pelo contato com outros centros, um colunista do *Diário da Tarde* em 1912 – mais de dois anos antes da criação da Liga em 1915 – já sabia da emergência em se criar a entidade. Escrevia ele na época:

...Sabemos que diversos socios do Internacional, Curitiba e Paraná activamente estão trabalhando para conseguir a vinda do team argentino ao qual será dirigido, em breve, formal convite.

A propósito julgamos opportuno levantar a questão da formação da liga que, agora, prestaria relevantes serviços, tornando até mais viável a realização do sensacional match.

Os srs. sportmen que encarem o problema apenas sobre o ponto de vista social e que tratem de se congregar afim de dar maior incremento ao sportismo em nosso Estado.

Existem várias sociedades desagregadas e que mais fortes e estáveis se tornariam amparadas pela outra.

Voltaremos ao assumpto.<sup>272</sup>

O autor da matéria foi bastante lúcido sobre a necessidade da fundação de uma instituição-mor que defendesse o interesse dos seus. Entretanto, o mais relevante é o relato da existência de uma precoce divergência entre os clubes paranaenses que, como será visto a seguir, iria se tornar uma tensão maior nos anos seguintes.

Portanto, quando se acentuaram os jogos entre equipes diferentes<sup>273</sup> – a partir dos anos de 1912 e 1913 –, a falta de uma entidade regulamentadora permitia que a prática futebolística fosse confusa e desregulada. Não havia um tempo preciso, as equipes decidiam previamente qual seria a duração da partida. Muitas vezes até o número de jogadores não era o “oficial”. Os árbitros eram designados na hora da partida, escolhidos entre os dirigentes, ou mesmo, os jogadores das equipes disputantes. Dessa forma, era óbvio que falhas quanto à arbitragem ocorriam constantemente, às vezes por ignorância do apitador, outras por pura parcialidade. Exemplificando: nos meados de 1912 era noticiado que “Em attenuante ao goalkeeper do Paraná devo mencionar, que diversos jogadores do seu team, declararam que dois

---

<sup>272</sup> NOTAS Sportivas. *Diário Da Tarde*. Curitiba, 11 out. 1912. p. 3.

<sup>273</sup> Nos anos iniciais – entre 1910 e início de 1912 – era comum as partidas de futebol serem realizadas dentro dos próprios clubes, disputadas entre os associados do mesmo.

destes goals foram off-side, e não obstante...”<sup>274</sup> Esta reclamação por parte dos jogadores paranistas não teve repercussões maiores, contudo outras causaram sérios atritos:

O match estava animadíssimo mais perdeu muito em interesse por causa da parcialidade do referee [árbitro] a favor do Internacional (...) O pedido do capitain do Paraná de poder por um reserva, como é conforme e uso em matchs amigáveis foi negado pelo capitain do Internacional, tendo isto uma enorme influência sobre o jogo. Continuando assim mesmo a victoria foi inclinando ora por Paraná ora por Internacional somente interrompido pelo referee que todavia mostrou uma absoluta falta de conhecimento das regras e uma parcialidade pouco comum.<sup>275</sup>

Tal acusação foi prontamente respondida via uma carta à redação, enviada por uma pessoa que usava o pseudônimo de “paulista”. Este, afirmava ser imparcial e dava explicações que justificavam a atitude do juiz (*referee*) e do capitão do Internacional.<sup>276</sup>

Cabem aqui, alguns esclarecimentos metodológicos. Fatos como estes relacionados à arbitragem, tornavam o futebol da época mais próximo do que Elias e Dunning classificaram como “jogo”, em detrimento do que é classificado como esporte.<sup>277</sup> Pois, quando os clubes começam a se confrontar é necessário que existam regras bem definidas para manter o equilíbrio de polaridades. Surgem então, as associações que formulam regras que serão pacíficas a todos os clubes. O acordo dos clubes sobre as regras é um nível superior de integração e, se estas regras não forem satisfatórias, deve haver um acordo para alterá-las, agradando a todos os clubes que compõe a configuração e exercem poder sobre ela. Isto uma condição de primeira ordem para que o jogo ou passatempo se tornasse um esporte, o acordo sobre as regras e costumes sociais relacionados com os jogos necessitava geralmente de um órgão de fiscalização responsável pelo cumprimento de todas as regras e normas, surgem neste momento os árbitros e fiscais.

---

<sup>274</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 25 jun. 1912. p. 1.

<sup>275</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 out. 1913, p. 2.

<sup>276</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 14 out. 1913, p. 2.

<sup>277</sup> Ver a obra de ELIAS; DUNNING, op. cit.

Esta relação é fundamental para entender a propagação e o desenvolvimento relativamente rápidos do futebol em outros países, pois com as regras bem definidas e controladas, não havia muito risco de haver divergências entre os praticantes. Elias e Dunning afirmam que ” Por ese motivo, algunos deportes desarrollados primero como tales en Inglaterra pudieron ser transferidos y adoptados por otras sociedades como si fuesen propios. “<sup>278</sup>

Outros pesquisadores do esporte, com opções metodológicas diferentes, como o historiador inglês Eric Hobsbawn, também remetem a criação de uma associação de controle como fator fundamental para a consolidação do Futebol – ou *Football* – enquanto esporte.<sup>279</sup>

Mesmo se tratando de análises de outras realidades, a necessidade da instituição como mediadora cada vez se fazia mais necessária para a consolidação da prática futebolística paranaense, basicamente por dois motivos: 1) o genérico: a transformação do “jogo de bola” no esporte futebol – como o parecer dado por Elias, Dunning, Hobsbawn, entre outros teóricos do esporte; 2) o específico: a exclusão – tão comum na prática realizada nos grandes centros brasileiros – uma medida protetora para evitar a indesejável presença de pessoas que não atendessem ao perfil fidalgo que o esporte tinha. Reduz-se novamente a escala observativa, retornando então, para a microanálise das fontes.

Cientes das dificuldades para realização de campeonatos de porte maior e, possivelmente, influenciados pelas idéias dos futebolistas cariocas – que criaram sua liga, batizada de Liga Metropolitana de *Football*, em 1905, realizando o primeiro campeonato carioca, em 1906<sup>280</sup> – e paulistas – que fundaram sua primeira instituição, a Liga Paulista, no ano de 1901 (que, por sinal, não durou muito tempo) e, posteriormente, em 1913, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos)<sup>281</sup> – os

---

<sup>278</sup> Por esse motivo, alguns esportes desenvolvidos primeiramente como jogos, na Inglaterra, puderam ser transferidos e adotados por outras sociedades como se fossem próprios. ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 54.

<sup>279</sup> Ver a obra de HOBBSAWN, E. *Nações e nacionalismo* – desde 1870. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. E, ainda, a obra de RANGER; HOBBSAWN, op. cit., p. 295-301.

<sup>280</sup> PEREIRA, op. cit., p. 63-73.

<sup>281</sup> CALDAS, op. cit., p. 37-40; NEGREIROS, op. cit., p.48-52.

jovens dos clubes curitibanos resolvem montar sua própria “instituição regente”. Assim, finalmente era noticiado:

### **Liga Paranaense de foot-ball**

Conforme convite do “Internacional foot ball club”, reuniram-se, hontem, ás 8 horas da noite, numa das salas do edificio da Associação dos Empregados no Commercio, as representantes dos diversos clubes de “foot ball” desta capital e de Paranaguá.

A sessão foi presidida pelo sr. João Seiler e secretariada pelo sr. dr. Mario Carneiro.

Os clubes foram assim representados:

Internacional – srs. João Laborgue, Jorge Leitner e Edgar Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Lincoln Neves; Coritiba – João Seiler, F. Essenfelder e Fraub; “América” F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá – J. A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck Lycio Laynes; Ivahy – Paschoal Bleggi, e Paranaguá – Arcésio Guimarães. Os clubs de Ponta Grossa deixaram de se representar.

O sr. João Seiler, usando da palavra, produziu um bello improviso, fazendo votos para que a reunião de hontem, seja o primeiro passo para a tão almejada fundação da liga, que fará desaparecer as desavenças e discordias registradas ultimamente, visando o seu fim, não só, organizar campeonatos, mas também encontrar a harmonia entre os clubs colligados, que estarão sob a sua imediata fiscalização, procurando por todos os meios, a sua propria prosperidade e a do jogo de “foot ball”.

Ficou deliberado que a sessão de hontem fosse preparativa, e que em assembléa geral ficará definitivamente fundada a liga, á referida assembléa, serão apresentados os estatutos e o demais que se julgar necessário á boa interpretação e fins da liga.

Para a confecção dos estatutos, ficou constituída a seguinte comissão: srs J. Laborgue e Jorge Leitner, do “Internacional”; João Seiler e F. Essenfelder, do “Coritiba”; Ruffelser e Lincoln Neves, do “Paraná” e Paschoal Bleggi, do “Ivahy”.

Assim, está em vias de organização a liga tão necessária á boa marcha e compreensão do “foot ball” em nosso Estado.

Resta, que os distinctos “sportmen” que compareceram á reunião de hontem, tomem na devida consideração a formação da liga applicando nesse sentido os seus melhores esforços.<sup>282</sup>

A fonte comprova o que os teóricos que pesquisam a história dos esportes já haviam afirmado: para consolidação de um esporte, é necessária a criação de uma instituição especifica para regulamentar o esporte e intermediar os conflitos entre seus praticantes. Sabendo disso, os prováveis líderes das equipes curitibanas e parnanguaras reuniram-se com a missão de fundar a liga e, conseqüentemente, regimentá-la.

---

<sup>282</sup> DIÁRIO DA TARDE, op. cit., Curitiba, 22 nov. 1913, p.3. Cabe aqui uma ressalva. Toda documentação analisada apresenta grande discrepância com relação aos nomes secundários das equipes. Assim, é, e será normal, no decorrer deste trabalho encontrar citações com os termos: ...Sport Club ou ...Esporte Clube ou... Foot-ball Club ou ...Futebol Clube ou ... Football Club ou, somente Club. Enfim, uma variedade muito grande, mas sempre se referindo ao mesmo clube. Enfatizamos que caso a fonte possa causar alguma confusão ou dupla possibilidade notificaremos no corpo do texto.

É certo também que a fundação da Liga mantinha o futebol sobre o domínio das elites, já que vários sobrenomes pertenciam a classe dominante paranaense (seja a elite tradicional ou étnica): Leitner, Torres, Carneiro, Seiler, Essenfelder, Guimarães, Bleggi e (talvez) Santos.<sup>283</sup>

Contudo, a extensa nota, é um grande dualismo, pois fornece, ao mesmo tempo, fortes indícios sobre a consolidação da prática do futebol no estado e, novos enigmas sobre a gênese do Internacional *Football Club* e também sobre a do América *Football Club*.

Sobre os indícios, pode-se delinear, com certa precisão, os clubes que tinham maior influência e talvez até liderassem a prática do futebol no estado do Paraná. O Internacional devia ser o principal deles, já que o mesmo foi o responsável pela reunião e também porque grande parte das notas dos diários local destinava seu espaço ao referido clube.<sup>284</sup>

Também se destacavam o Coritiba que designou o presidente da reunião, João Seiler; e o Paraná que tinha denominado o secretário da reunião – dr. Mario Carneiro. Assim, os mais tradicionais clubes curitibanos, mantinham a liderança no controle do futebol. Quanto à criação do estatuto que iria designar as leis a serem seguidas – ou seja, de interesse de todos os clubes – as equipes com representantes eram, novamente, o Internacional, o Coritiba e o Paraná, acrescidos de um representante do Ivahy. Secundariamente, também foram convidados a participar desta reunião representantes das seguintes equipes: América, Brasil de Paranaguá (embora este possa ter um forte laço de ligação com o Internacional como será visto a seguir), e Sul América. Os clubes de Ponta Grossa também foram convidados mas não se esclarece na notícia quais clubes seriam eles.

Ressalta-se que este convite foi restrito pensando que, na época, já existiam, algumas dezenas de clubes espalhados por Curitiba e arrabaldes. Alguns menos expressivos, fundados por familiares, outros de maior porte, podendo abranger uma

---

<sup>283</sup> OLIVEIRA, op. cit., na integra.

<sup>284</sup> Não fizemos um levantamento estatístico de cunho quantitativo. Mas podemos afirmar, sem margem de erro que, dentre as matérias destinadas ao futebol, as notícias sobre o Internacional giravam entre 60% e 70%.

colônia étnica toda. Contudo, o convite para compor a liga restringiu-se somente a estas poucas equipes citadas, não existindo, pelo menos na documentação existente, nenhum motivo aparente para escolha com a exceção do elitismo dos seus associados.

Entretanto, a fonte jornalística aponta alguns fatores que delineiam novas possibilidades, principalmente no condizente ao Internacional *Football Club*.

O fato instigante é que o primeiro e, na época, atual presidente do Internacional, sr. Joaquim Américo Guimarães estava presente na reunião, mas não como defensor dos interesses do clube que presidia e, sim, como representante da equipe de Paranaguá, chamada Brasil. Os motivos para tal feito, no transcorrer da história, não se justificam. Sabendo-se que sua família tinha origens na cidade litorânea, poderia ser que ele, simplesmente pela dificuldade que a viagem de Paranaguá para Curitiba e retorno impunha, tenha representado a equipe parnanguara. Mas, seria possível alguém deixar de cumprir sua função para fazer um favor a terceiros? Tratando-se de esporte amador é possível. Mas a hipótese mais cabível era que, representando uma outra equipe, o sr. Joaquim Américo Guimarães poderia aumentar o poder de decisão de acordo com os interesses do seu clube, o Internacional. Além disso, a equipe do “Paranaguá F. C.” era representada pelo sr. Arcésio Guimarães que, além de ter laços familiares com o sr. Joaquim Américo, futuramente tornar-se-ia o primeiro presidente do Clube Atlético Paranaense, clube originado através da fusão entre Internacional e América, em 1924. Reiterando a hipótese, no ano de 1916, depois de divergências ocorridas entre os clubes da capital, era denunciado em tom agressivo: “Agora escutem. Paranaguá é o club gêmeo do Internacional. São duas entidades num só corpo, verdadeira aberração das leis naturais. O gesto de um é imitado pelo outro. Macaqueam-se, admiram-se, seguem-se.”<sup>285</sup> Seria cabível também, afirmar que, se tal hipótese fosse confirmada, deveriam existir opiniões divergentes dentro da própria elite clubística responsável pela criação da liga. Caso contrário, não existiria um motivo plausível para a iniciativa de Joaquim Américo estender o poder de decisão representando outra equipe. Os problemas entre os clubes realmente existiram. O

---

<sup>285</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 13 abr. 1916. p. 4.

*Diário da Tarde* do dia 20 de novembro de 1913, apenas dois dias antes da reunião da futura liga, noticiava:

A directoria do Internacional Foot Ball Club foi enviado pela directoria do Coritiba Foot Ball Club o seguinte officio:

“Ilmo. sr. presidente e mais membros do “Internacional Foot Ball Club”, Coritiba. Levamos ao conhecimento de v. s. que, em sessão de assembléa geral extraordinária hontem realizada, para syndicancia dos factos lamentáveis, no proximo passado domingo, desenrolados no Prado, ficou deliberado que, factos isolados, e fruetos de excitação nervosa do momento, não são sufficientes para lançar a sisania, entre duas sociedades co-irmãs, e que se prezam.

Portanto se falta houve, da parte de alguns dos membros do Coritiba Foot Ball Club para com qualquer dos distinctos membros do Internacional Foot Ball Club, por nosso intermédio, como porta-voz do sentir dos nossos consócios, vimos á essa digníssima sociedade, desculparmos dessas faltas visando unicamente a boa harmonia que é necessária que exista, entre sociedades congeneres, afim de que, ambas, de mão dada, possam caminhar para o futuro brilhante que as aguarda, como factores que são de civilização e progresso.

Dando o incidente por terminado; temos a satisfação em abraçar effusivamente essa distincta co-irmã.

Aproveitamos a oportunidade para communicar também a v. s. que, a 20, acquiescendo o seu honroso convite, tomaremos gostosamente, parte na reunião convocada para fundação da Liga Paranaense de Foot Ball.

Reiterando os protestos da nossa subida estima e alto apreço, esperamos as honras de uma resposta.

E somos de v. v. s. s.  
Amigos crds. e obrds.  
pelo Coritiba Foot Ball Club  
A. Vaujoks 2º secretario <sup>286</sup>

Além de carregado de termos do discurso republicano, como progresso e civilização, a fonte permite-nos confirmar a existência de “divergências” de grande proporções entre os clubes da capital – mesmo que não seja citado o motivo das desculpas. Justifica-se então, a iniciativa do sr. João Seiler, presidente do Coritiba, em discursar pregando que a principal função da liga era – mais do que organizar campeonatos – pregar a harmonia entre seus associados.<sup>287</sup>

A resposta solicitada junto com o pedido de desculpas veio, só que de forma indireta: “A Directoria do Internacional Foot Ball Club enviou a **todas**<sup>288</sup> as sociedades de foot ball do Estado a seguinte circular...”<sup>289</sup> Ainda podemos afirmar que a directoria do Internacional não estava satisfeita com os fatos ocorridos, pois, na mesma resposta

<sup>286</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 20 nov. 1913, p.3.

<sup>287</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 22 nov. 1913. p.3.

<sup>288</sup> Grifo do autor.

é acrescentado que “achamos de todo oportuna a criação de uma liga que congregue as diferentes associações desse sport [clubes de futebol], submetendo-as às regulamentações adoptadas nos grandes centros nacionaes e estrangeiros, para a sua perfeita compreensão e execução.”<sup>290</sup> Estava confirmado que o parâmetro norteador era a influência vinda do exterior – provavelmente da Europa – e das grandes metrópoles brasileiras – Rio de Janeiro e São Paulo.

Infelizmente, não foi possível encontrar indícios sobre o motivo que levou a tal embate, antes mesmo do surgimento da liga. Contudo, algumas possibilidades podem ser delineadas. A carta oficial do Coritiba F. C. endereçada ao *Diário da Tarde* demonstra que o clube de origem alemã temia que fosse excluído da reunião da liga, pois a mesma, estava sendo organizada pelo Internacional, chegando até a pedir uma resposta à sua carta.<sup>291</sup>

Assim, havia dois grupos distintos lutando pela hegemonia do poder no esporte futebol. O primeiro grupo, era liderado pelo tradicionalista e politicamente forte “Internacional” e o outro pelas elites imigrantes do “Coritiba” e do “Paraná”.<sup>292</sup> É provável, portanto, que na reunião de fundação da Liga, fosse necessário que o Internacional estendesse seu poder de decisão. Dessa forma, Joaquim Américo Guimarães assumiu o posto de representante de outra equipe. Mesmo assim, a facção coritibana e paranista conseguiu efetivar os dois maiores cargos da reunião: o de presidente, com o sr. João Seiler – representante do Coritiba – e o de 1º secretário, com o sr. dr. Mario Carneiro<sup>293</sup> – representante do Paraná.

Pouco tempo depois, as reuniões para criação da liga prosseguiram com regularidade e já estava estabelecida a liderança nesta disputa de poder, assim era noticiado: “**ASSOCIAÇÕES** A convite do sr. João Seiler realiza-se amanhã as 20:00 horas, na sede da Associação dos Empregados no Commércio uma reunião de todas as

---

<sup>289</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 20 nov. 1913. p.3.

<sup>290</sup> Id.

<sup>291</sup> Id.

<sup>292</sup> Algumas famílias como os Hauer, Essenfelder e Westphalen foram classificadas como famílias da elite imigrante. OLIVEIRA, op. cit., p. 128-130.

<sup>293</sup> Outro dos sobrenomes considerados da elite paranaense.

sociedades sportiva de foot-ball, para tratar da fundação da Liga Paranaense de Foot-ball.»<sup>294</sup>

Porém, as diferenças entre os dirigentes coritibanos e internacionalistas parecia ter se atenuado, ou a identidade local era mais forte do que a rivalidade, pois, em julho de 1914, ocorreu uma pendenga entre o Internacional F. C. e o Paranaguá *Football Club*, não havendo uma solução para o caso, o *Diário da Tarde* tenta intermediar o episódio chamando um jogador do Coritiba F. C. para opinar sobre o motivo que levava as equipes à discussão, assim era afirmado que:

...transmitimos aos amáveis sportsmen as asserções do “center-half” do Coritiba Foot-ball Club, sr. Guilherme Muller Junior.

- Julga valido o penalty do qual resultou um goal a favor do Internacional?
  - Legítimo: desde que a pelota bateu no ante-braço do back paranaguense é inevitável o “hands”.
  - E o 2º goal vasado pelo Pandu?
  - Incontestavelmente, foi um bom goal feito com applaudido passe de Júlio.
  - Sobre o 3º goal?
  - Opino pela validade do mesmo, porque, embora Pandu estivesse “off side” o referee deixou de dar o signal, continuando assim a bola em jogo.
  - Effectivamente o sr. foi convidado para servir como referee do match?
  - Nem ao menos consultado. Sim, porque caso fosse convidado acceitaria a incumbência com o maximo prazer.
  - O sr. testemunhou a maneira com que se houve o juiz de linha a respeito do 3º goal?
  - Perfeitamente. Sou testemunha de que o juiz de goal Nelson trancou a bola do kepper Pedrinho.
- Ahi fizemos ponto final, lançando uma pá de cal (sem ser verso) sobre o desditoso cadaver do off-side que sucumbiu de “traumatismo moral”, por desespero de causa, no campo de combate “foot-ballístico” do Internacional.
- Amen.<sup>295</sup>

O jogador do Coritiba defendia fervorosamente as “cores” do Internacional. Analisando o jogo em si, deduzimos que, difficilmente, ocorreriam três lances duvidosos, todos em favor do Internacional e todos resultando em gols. A probabilidade, do juiz e dos “bandeiras” de linha, terem sido parciais é relativamente grande. Mas, o interessante nessa história social do futebol paranaense é o fato do rival do Internacional, Coritiba F. C., representado por um dos seus jogadores, defender os interesses internacionalistas diante de uma agremiação de outra cidade. Seria, uma

---

<sup>294</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 28 jan. 1914. p. 4.[grifo do autor].

<sup>295</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 24 jul. 1914. p. 4

questão de valorização da identidade cidadina em detrimento da forte rivalidade local? Não se pode afirmar com certeza, e nem é o objetivo desta pesquisa a busca da identidade clubística nos primórdios do futebol paranaense por meio do enfoque antropológico (que melhor define a questão identitária), contudo, pode-se acreditar, que tal fonte, indica que aquelas divergências entre Internacional e Coritiba estabelecidas no ano anterior já haviam sido sanadas ou, pelo menos, atenuadas.

No início do ano de 1915, um mês antes da criação da Liga, o Internacional demonstra ter algumas divergências com outro clube, o Paraná *Club*. Após receber o aceite do convite enviado ao Americano *Sport Club* de São Paulo, o Internacional marca duas partidas com o visitante. Uma partida, obviamente, era contra a própria equipe do Internacional; a segunda era contra uma equipe denominada “Scratches” – jogadores de outras equipes curitibanas convidadas pelo Internacional. Pois bem, alguns meses antes o Paraná C. havia enviado uma carta rompendo relações com o Internacional. Foi o momento da vingança. Realmente isto ocorreu, mas a atitude foi bastante criticada pelo cronista do *Diário da Tarde* que usava o pseudônimo de *John Keeper*. Este, usando de um discurso civilizatório e refinado, sugeria que o convite para os jogadores do Paraná *Club* seria um “tapa de luva de pelica.”<sup>296</sup> A resposta da equipe do Paraná veio rápida, dois dias após é noticiado no *Diário da Tarde* uma nota explicativa onde o Internacional justificava uma informação dita inverídica publicada no jornal chamado *A Tribuna*. Constava, neste jornal, a notícia de um desfalque na Tezouraria do Internacional.<sup>297</sup>

Somente em 12 de fevereiro de 1915 foi fundada a Liga Sportiva Paranaense, a primeira que regeria o esporte neste estado. Estava consolidada a prática do futebol enquanto modalidade esportiva. Pois, segundo Elias e Dunning, estas entidades-mor são um dos elementos fundamentais para que o “jogo” futebol torne-se “esporte”, já que é a partir delas que os clubes – outro elemento fundamental para a formação dos esportes – oficializam as regras e, com elas surge a necessidade de um fiscalizador oficial, o juiz.<sup>298</sup>

---

<sup>296</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 jan.1915. p. 2.

<sup>297</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 15 jan. 1915. p. 4.

<sup>298</sup> ELIAS; DUNNING, op. cit., p.53.

A criação da Liga asseguraria a prática do esporte por parte das elites paranaenses, não permitindo a intromissão de indivíduos cujo perfil fosse indesejado – já que a formulação das leis esportivas estava nas mãos dos praticantes elitistas favoráveis ao amadorismo. Contudo, não era garantido o controle sobre o que estes clubes, de características inadequadas à tentativa civilizadora, estavam fazendo fora dos domínios da Liga. No Rio de Janeiro, a tática adotada foi “tomar as rédeas” do esporte tomando conta não somente da organização do campeonato elitista (1ª divisão), mas dos outros clubes também (2ª e 3ª divisões). Com o controle da diretoria da Liga Metropolitana de *Football* quem ditava as regras eram os clubes da elite. Propositadamente, não foi criada nenhuma lei de acesso e descenso. Era o meio de manter cada clube no seu devido lugar – de acordo com as suas condições sociais. O sucesso de tal mecanismo de exclusão foi tão grande que alguns anos depois, em 1907, é resolvido denominar a entidade de Liga Metropolitana de Sports Atléticos, englobando, além do futebol, todos os esportes terrestres como: cricket, pedestrianismo, atletismo, tênis, entre outros.

Mas, teria também, a nova entidade, características segregacionistas? A resposta é direta: sim! Uma das primeiras leis foi, por unanimidade de votos, que nenhum atleta negro poderia ser considerado amador. Detalhe, não era permitido atletas profissionais na Liga, para o bom entendedor, os negros e pobres estavam proibidos da prática esportiva. Como o preconceito já era relativo a trabalhadores braçais logo houve divergências. Os excluídos descobriram que não tinham necessidade de se submeter aquela Liga específica, começaram então a fundar suas próprias ligas – assim como anteriormente já tiveram que criar seus próprios clubes, porque eram excluídos dos clubes tradicionais.<sup>299</sup> Em São Paulo, ocorre algo muito semelhante.<sup>300</sup> Porto Alegre tinha um modelo de estrutura bastante próximo, os negros jogavam na última divisão da Liga, popularmente chamada Liga “Canela Preta”. Era de se supor que as elites dominantes do futebol paranaense, controladoras da Liga, tomassem a mesma atitude.

---

<sup>299</sup> PEREIRA, op. cit., p. 63-73.

<sup>300</sup> CITADINI, A. R. *Neco* – o primeiro ídolo. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 19.; NEGREIROS, op. cit., p. 51.

Assim, o número de afiliados, quando da fundação da Liga Sportiva Paranaense, foi muito maior do que o número de clubes que compareceram a 1ª reunião, em novembro de 1913. Dessa forma, os clubes foram divididos em 3 divisões compostas pelos seguintes clubes: 1ª Divisão – Internacional, América, Curityba (Coritiba), Paraná, Rio Branco e Paranaguá; 2ª Divisão – Spartano, Reco-Reco, Guarany, Operário de Ponta Grossa, Bella Vista e Savóia; 3ª Divisão (chamada na época de 2ª Divisão B) – Operário Curitybano, Brasil, Antoninense, Marumby, Torino e Britannia, os campeões do campeonato de 1915 foram, respectivamente, Internacional, Savóia e Britannia.<sup>301</sup>

Os confrontos não tardaram a acontecer: os dirigentes do Marumby *Sport Club* escrevem ao democrático *Diário da Tarde*, criticando seu não ingresso na Liga. Esta responde através do periódico que havia convidado, mas este não compareceu à convocatória. Novamente é respondido pelo clube que eles não estavam cientes da reunião.<sup>302</sup> As sociedades *Imprensa Sport Club*, Reco-Reco, Independente, Operário *Football Club* também não foram convidados, acusaram também, através do jornal, o *Paraná Club* por ter vetado sua entrada. O representante desses clubes, veementemente, escrevia que a Liga era “suja e vergonhosa”.<sup>303</sup> Dois dias depois, volta a escrever criticando o sr Luiz Guimarães, do América F. C., que havia declarado que tais clubes não tinham sido convidados porque não tinham jogadores. Dizia a carta: “Causa extranhosa [sic] que o sr. Guimarães, nome completamente desconhecido nos meios sportivos de Coritiba venha a sentenciar (...) esses jogadores que o sr não conhece, apesar de pichotes, são mais divulgados aqui do que o de v. s.”<sup>304</sup> A mesma carta dá indícios do motivo da não interferência dos cronistas do *Diário da Tarde*: “Se não me falha a memória John Keeper, Jean Sport, Willian Brown e Henry Sport, chronistas sportivos (...) são jogadores dos clubs aos quaes nem mesmo por simples dever de cortesia, foi enviado convite expresso para se fazerem representar na reunião

---

<sup>301</sup> DESPORTOS – o histórico da máxima entidade paranaense – como surgiu a A.S.P. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 01 mar. 1924. p. 1.

<sup>302</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 23 fev. 1915. p. 2.

<sup>303</sup> Id.

<sup>304</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 24 fev. 1915. p. 2.

donde sahiu, após algum ‘farrellorio’ e discursos de elogio mútuo a Liga Paranaense.”<sup>305</sup> Depois da revelação, os cronistas resolvem se manifestar dizendo “Liga Paranaense de Futebol” – Também diz este jornal, que está sendo creada nesta capital, mas que já começou mal, deixando-se influenciar pelo despeito de uma sociedade que deseja ser a primeira custe o que custar. Assim é de se prever que a tal liga se desligue... **John Keeper.**”<sup>306</sup> Algumas semanas depois, a maioria dos clubes que reclamaram eram colocados nas divisões de baixo, e os mesmos críticos, brindavam com *champagne* francesa a competência do presidente da Liga.

Depois de acalmando os ânimos, a Liga deixa claro qual seria o método para selecionar os clubes – leia-se manter o futebol restrito a “fina-flor” curitibana:

A thesouraria da Liga Sportiva Paranaense communica a todos os clubs filiados que está procedendo á cobrança das joias dos mesmos tendo para este fim pessoa encarregada que se encontrará todos os dias uteis, até o dia 15 deste mez na sua séde, das 7 e meia as 8 e meia horas da noite.

Chama-se a especial atenção para os clubs filiados ser obrigatorios este pagamento afim dos mesmos poderem matricular seus jogadores.<sup>307</sup>

Com todos esses problemas no primeiro ano da Liga era de se esperar que o ano não acabasse bem. O campeonato vencido pelo Internacional F. C., foi contestado pelo dirigente do América F. C. sr. Luís Guimarães. Era alegado que o Internacional havia utilizado um jogador que não residia na cidade. Todos os clubes que junto com o Internacional e América compunham a 1ª divisão da Liga prestaram sua solidariedade ao América criticando o Internacional. Este ficou sozinho. Era a disputa do clube das elites contra todos as outras equipes de vulto.

O resultado: a Liga fora abandona pelas outras equipes deixando o Internacional que exercia forte influência à mingua. Nascia uma nova entidade a Associação Paranaense de Sports Athleticos.

Interessante é, que na cisão, um dos participantes ativos favoráveis a criação da Associação Paranaense de Sports Athléticos, fora o sr. João Seiler, representante Coritiba *Football Club*. Possivelmente, as divergências ocorridas há quase um ano e

---

<sup>305</sup> Id.

<sup>306</sup> Id.

meio atrás não haviam sido esquecidas... Novamente o modelo carioca<sup>308</sup> e paulista<sup>309</sup> era tomado como exemplo – pois nestes estados já havia ocorrido divergências e criações de novas entidades controladoras.

A cisão entre os dois agrupamentos não permitia a nenhum dos lados que tivesse o controle do poder, já que havia certo equilíbrio nesta disputa entre os clubes locais. Durante todo o ano de 1916, as duas entidades lutaram pela hegemonia do futebol no estado, nesse processo foi fundamental a presença de alguns ilustres visitantes para resolução das divergências. Mas como foi essa disputa, durante quase um ano? Qual segmento social acabaria controlando a prática fubolística no estado após o embate?

---

<sup>307</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 mar. 1915. p. 4.

<sup>308</sup> PEREIRA, op. cit., p. 69.

## SANTOS DUMONT E OLAVO BILAC – ILUSTRES VISITANTES – NOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL PARANAENSE

Agoniza o Voador. Piedosamente a lua  
Vem velar-lhe a agonia, através da janela...  
A Febre, o Sonho, a Glória enchem a escura cela,  
E entre as névoas da morte uma visão flutua...  
Olavo Bilac, poeta brasileiro. As viagens – o voador.

Nos meados da década de 10, do século XX, o futebol ainda era controlado pelas elites brasileiras, que buscavam por meio deste esporte aproximar-se dos costumes originários na Europa e EUA. A mentalidade da época é demonstrada claramente na visão do cronista, há também indicativos de qual é o centro que mais vêm influenciando o futebol paranaense:

A vida sportiva penetrou afinal em nossos costumes. Já praticamos o sport... Isto consola. Vê-se que os moços de agora saem para a vida já não mais mirrados e caheticos, recitando sonetos e invocando gregas bellezas, mas com musculos saltados, largos peitos de triumphantes. Entre nós é progresso de hoje. Ainda ha pouco a mocidade coritibana desconhecia o sport. Veio como tantas cousas boas do glorioso S. Paulo.

E, em pouco, associações de cultura physica nasceram por ahi, arregimentando a nossa rapaziada.

O foot-ball, porem, triumphou. Possuimos equipes brilhantemente trenadas, seguindo as tradições dos paulistas, que são admiráveis no violento jogo inglez.<sup>310</sup>

Mesmo com o *boom* esportivo atingindo em cheio a Cidade de Curitiba, o futebol ainda não era uma unanimidade, o *Diário da Tarde* sempre abrindo seu espaço, publicava uma crônica de um diretor de ensino que se chamava Flávio Luz, vejamos quais eram os argumentos para sua crítica ao futebol:

...o foot-ball é um jogo violento e excessivo, imoderado por natureza. Os males decorrentes desses excessos são de todos conhecido. (...) é no exercício dessa ardua e ingrata profissão que eu tenho apreciado a acção perniciosa do foot-ball na família e na escola, contribuindo para o completo anniquillamento das virtudes que outr'ora animavam os jovens ás bellas conquistas do character e da intelligencia. (...) Inglória tem sido a minha tarefa de educador porque na sua prática encontro a cada momento obstaculos creados por vicios e conveniencias de ordem

---

<sup>309</sup> A obra de Negreiros, na sua totalidade, trata da sociogênese do *Sport Club Corinthians Paulista*. Este participou ativamente do processo de confrontação entre Ligas: iniciando sua prática numa entidade secundária, conseguindo, posteriormente, se inserir na Liga elitista. NEGREIROS, op. cit.

<sup>310</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 29 jan. 1915.

externa entre os quaes avulta pelos seus dannos o famoso jogo de foot ball. A meninada (...) esquecendo no delirio dos “shoots” os deveres da escola e os affazeres do lar.(...) A preocupação única é o foot-ball: fala-se em “matches”, “goals”, “shoots”, “players”, de preferencia aos objectos das lições; correm todos os dias listas para a admissão de socios de um novo club; garrulos bebês que hontem deixaram as bactas e a mamadeira, nunca viram o ABC, mas já cultivam o famoso sport. (...) Os grandes genios, as mentalidades de assombro, os sabios, os prodigios do saber, – todos têm sido homens débeis, enfermos, anemicos, esqueletico mesmo. E é inegável que o peso da materia esmaga o espirito e que o athleta e o homem de genio se repellem.<sup>311</sup>

Ainda existia, em na década de 1910, resquícios das idéias do período colonial. O pensamento desta época remetia qualquer atividade física ao patamar do trabalho, o que, por si só, já significava que aquele indivíduo não tinha posses suficientes para ter empregados (escravos) que realizassem o trabalho para ele. Acentuava-se ainda mais o preconceito se tal trabalho fosse de caráter braçal, pois este tipo de atividade era necessária somente para as classes inferiores (economicamente). Inclusive, servindo como referencial definidor dos padrões de beleza do século XIX que, ao contrário da atualidade, remetiam os biotipos fortes e musculosos ao conceito de “feio”, credenciando como tipo “belo” os homens voltados para a intelectualidade. Poetas, escritores, compositores, músicos eram os homens bonitos da época. Embora os familiares mais velhos – de alguma jovem senhorita que fosse esposar – ainda preferissem classificar os pretendentes segundo a tradição do sobrenome da família e/ou a formação profissional que o jovem exercia ou iria exercer.

É nesse contexto do “falem bem, falem mal; mas falem de mim”, que o primeiro campeonato foi organizado pela Liga, em 1915. A abertura tinha sido no dia 23 de maio com o confronto entre América e Internacional. As elites curitibanas estavam presentes neste jogo, como descrito por Machado e Chrestenzen – aferido pelo relato dos periódicos da época:

A “fina-flor” da sociedade curitibana se fez presente, bem como muitas autoridades civis e militares, destacando-se o Presidente do Estado Dr. Carlos Cavalcanti e o Alcaide Dr. Cândido de Abreu.

O marcante acontecimento social e esportivo, teve solenidades e discursos no meio do campo, da então Praça de Esportes do Internacional F. C. no bairro Água Verde. As caleças ficaram

---

<sup>311</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 09 maio 1915. p. 2.

estacionadas na praça fronteira ao estádio, onde os cavalos tinham grama para pastar e os cocheiros sombra acolhedora das árvores.<sup>312</sup>

O campeonato de 1915, depois de muitas confusões, fora vencido pelo Internacional F. C., mas contestado pelo dirigente do América F. C. sr. Luís Guimarães. Era alegado que o Internacional havia utilizado um jogador que não residia na cidade, Dominguito que, apesar de ser natural de Curitiba, mantinha residência em outra cidade. Ofendidos, os dirigentes do Internacional não aceitaram a candidatura do acusador como membro diretivo da Liga Sportiva Paranaense, motivando a cisão dos clubes futebolísticos.

Liderados pelo Coritiba, Paraná, Rio Branco e pelo próprio América foi fundada uma nova associação chamada Associação Paranaense de Sports Athléticos, em fevereiro de 1916, seu objetivo era criar um campeonato separado da Liga. Dos times da 1ª divisão só restaram o Internacional e o “afim” Paranaguá. Este aparentemente adotou a estratégia de se rebatizar América de Paranaguá, jogando então, na Associação com o nome original (Paranaguá) e na Liga com o nome de (América). Tal tentativa foi descoberta antes da implementação. Era noticiado no *Diário da Tarde* uma carta dizendo:

Feita a scisão, separados os campos de luta, ficaram os dois gremios sportivos em “elevens” para desafios. Trazendo na cachola o a ideia fixa da depreciação dos seus desafectos, tiveram uma ideia originalissima: criar o alvi-negro pavilhão em novo club denominado America, afim de provocar os filiados da sociedade sportiva de igual nome existente em Curitiba, enquanto o Internacional, club “papai João” da capital, levantaria novo “team” batizado sob a taboleta de “Rio Branco”.<sup>313</sup>

Para não se extinguir o campeonato realizado pela Liga Sportiva Paranaense, o Internacional convidou os times<sup>314</sup> da segunda divisão para disputar o certame do ano de 1916.<sup>315</sup>

---

<sup>312</sup> MACHADO; CHRESTENZEN, op. cit., p.10.

<sup>313</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 13 mar. 1916. p. 2.

<sup>314</sup> Os times que compuseram a 1ª divisão da Liga de Sports Paranaenses foram: Britânia, Bela Vista, Pinheiros e Americano. Além do próprio Internacional e o América de Paranaguá.

<sup>315</sup> MACHADO; CHRESTENZEN, op. cit., p. 13.

O jornal *Diário da Tarde* demonstrou imparcialidade desde o início da pendenga, dentre várias notas demonstrando a neutralidade editorial, uma afirmava

...Quanto a nós que sempre propagnamos e propagnaremos pelo progresso dos desportos do Paraná, ficaremos de lado ante essa lucta, porem com o direito de combater os pontos, de um ou de outro com os quaes não estejamos de accordo.

Somos imparciaes.

Reconhecemos que a Associação tem tido seus deslizes porem a Liga não fica atraz.

Ninguém é infallivel.

E nós, combatendo os erros de um e outro, defendendo quando achamos que agiram com o direito, nada mais fazemos do que continuarmos a trabalhar para o progresso dos desportos no Paraná.<sup>316</sup>

Astuciosamente, o sr. Luiz Guimarães, 1º secretário da Associação, tenta atrair a simpatia do referido periódico enviando uma carta com os seguintes dizeres: “Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que o Conselho Director desta Associação, nomeou o vosso renomado jornal, seu órgão oficial.”<sup>317</sup> A tentativa foi infrutífera. Mesmo mantida a imparcialidade dos cronistas, aconteceu o provável: a maioria das notícias era referente à próspera Associação Paranaense de Sports Athleticos – o esperado, já que enquanto a Liga contava somente com o Internacional, a Associação contava com os tradicionais Curitiba e Paraná além do emergente América.<sup>318</sup>

Como demonstrar-se-á, Olavo Bilac teve (indiretamente) uma participação apaziguadora no processo de reconciliação entre os dois órgãos dirigentes do futebol paranaense, enquanto Santos Dumont participou em outro contexto, como homem civilizado vindo da Europa servindo de referencial aos jovens que buscavam novidades vindas do “velho mundo”.

No processo de estabelecimento do futebol paranaense, o esporte era utilizado como forma de integração entre as famílias tradicionais na cidade. Não eram somente as partidas que motivavam as pessoas a ir ao “parque esportivo”. Muitos outros eventos eram feitos no decorrer do dia, geralmente nos domingos. Muitos destes

---

<sup>316</sup> SECÇÃO sportiva. *Diário da Tarde* Curitiba, 04 nov. 1916. p. 2.

<sup>317</sup> SECÇÃO sportiva. *Diário da Tarde*. Curitiba, 13 abr. 1916. p. 4.

<sup>318</sup> Vejamos o número notícias sobre a Associação Paranaense de Sports Athleticos em um mês: SECÇÃO sportiva. *Diário da Tarde*. Curitiba, 06, 08, 09, 15, 20, 22, 24,25 e 29 maio de 1916.

eventos tinham até uma temática. Por exemplo, eram noticiados na década de 1910 do século passado:

Brevemente os diretores do “América” organizarão o programa de um festival sportivo que, segundo fomos informados, será levado a effeito a 11 do proximo mez de junho, sendo o mesmo dedicado aos distintos gremios feminis “Bouquet” e “Violetas”. Desse programa, fomos informados, constará a disputa do “Campeonato de um dia”, a exemplo do que a pouco tempo fizeram aos chronistas sportivos do Rio.<sup>319</sup>

Ou ainda...

A Liga Sportiva Paranaense está promovendo uma grandiosa homenagem em honra ao exm. sr. dr. Candido de Abreu, presidente honorario dessa forte aggremação da mocidade paranaense. Será motivo dessa demonstração a entregado diploma que lhe confere o título de presidente honorario.<sup>320</sup>

As características imponentes de tais festas esportivas, podem ser visualizadas com riquezas de detalhes nas visitas de Alberto Santos Dumont e Olavo Bilac nos meses de maio e novembro de 1916, respectivamente.

### **Santos Dumont**

No dia 05 de maio de 1916, chega a Curitiba em caráter de visita Santos Dumont, brasileiro reconhecido mundialmente, homem civilizado cujos modos e costumes, extremamente refinados, eram de acordo com as normas de etiquetas sociais européias. O Jornal *Diário da Tarde* deste dia tinha como manchete principal a seguinte notícia:

**O Aeronauta Santos Dumont** - O hospede que hoje Curitiba alegre-se de receber é, sem nenhuma hyperbole, um genuíno representante dessa grande familia de homens de genio a quem a humanidade deve suas conquistas sobre o mundo. Para gloria nossa viu elle à luz do seio da nossa pátria já celebrizada pelo seu illustre predecessor, o padre Bartholomeu de Gusmão, o fundador da aerostação.<sup>321</sup>

---

<sup>319</sup> AMÉRICA F. C. *Diario da Tarde*. Curitiba, 03 maio 1916. p. 4.

<sup>320</sup> AMÉRICA F. C. *Diario da Tarde*. Curitiba, 29 jul. 1915. p. 2.

<sup>321</sup> O AERONAUTA Santos Dumont. *Diario da Tarde*. Curitiba, 05 maio 1916. p. 1.

Mesmo antes da chegada do ilustre visitante, as duas entidades que dirigiam o futebol paranaense, já organizavam festividades para homenageá-lo. Instalou-se à luta pelo poder<sup>322</sup> entre as entidades para cotejar o excêntrico Dumont, já que seu tempo de permanência na cidade seria breve. A disputa começou mesmo antes de sua partida para a capital quando um membro da Liga Paranaense, sabendo que a outra entidade preparava uma frondosa recepção, enviou um emissário à cidade de Ponta Grossa para acompanhar Dumont no trajeto. No dia que antecedia a chegada é noticiado:

Chegará hoje a esta capital às 19 ½ horas o grande aviador brasileiro dr. Santos Dumont. Tanto a Associação Paranaense de Sports Athleticos como a Liga Sportiva estão preparando condigna recepção por ocasião de sua chegada, pretendendo ambas essas sociedades, promover festividades sportivas em sua homenagem, durante sua permanencia nesta capital. Assim é, que hoje esperal-o há, na estação da Estrada de Ferro, uma comissão nomeada pela A. P. S. A. compostas dos srs. dr. Gil Gnatimosin, Constante Freut, Victor Dechandt. A Liga Sportiva, por sua vez, já tomou as providencias nesse sentido, vindo de Ponta Grossa, acompanhando-o o dr. Rivadovia Macedo, na qualidade de representante daquela liga. Caso o distinto aeronauta permaneça nesta capital até o dia 7 do corrente, a A. P. S. A., pretende homenageal-o com uma festa sportiva que terá que logar no Jockey Club: dessa festa consta um match de football que será disputada entre as valorosas equipes do “América F. C. e Savoia F. C.”

Depois do match a Associação pretende recebel-o em sessão solenne que terá à noite em sua sede social, à rua 15 de Novembro N 57.

A Liga Sportiva tambem cogita de prestar-lhe uma homenagem, offerecendo-lhe um “garden-party” do International F. B. C. Nessa ocasião será servido um cha, depois que, haverá um baile ao ar livre.<sup>323</sup>

No dia seguinte à sua chegada, dia 06 de maio de 1916, sábado, muitos artigos foram escritos sobre Dumont no jornal *Diario da Tarde*, alguns referenciando-o, alguns descrevendo seus feitos, outros sobre suas atividades na cidade. A seção sobre esportes deste jornal, que era a maior dos periódicos da época, passava somente informes sobre o jogo entre América e Savóia não fazendo referência alguma às visitas agendadas de Santos Dumont aos clubes da capital.

Ambas as instituições queriam a presença do visitante, se de um lado a Associação Paranaense de Sports Athleticos (A. P. S. A.) contava com a maioria dos

---

<sup>322</sup> Concorde-se com Norbert Elias quando ele afirma que o poder é um elemento integral de todas as relações, podendo ser bipolar ou multipolar. ELIAS; DUNNING, op. cit., p. 80.

<sup>323</sup> A CHEGADA de Santos Dumont a esta Capital. *Diario da Tarde*. Curitiba, 04 maio 1916. p. 1.

clubes da capital, inclusive com os reconhecidos América, Curitiba, Paraná e Britânia, do lado da Liga Sportiva Paranaense havia o Internacional, que era o clube de simpatia das elites locais. No dia 08 de maio, segunda-feira, o jornal *Diário da Tarde*, em uma extensa nota, esclarece quem foi o vencedor do embate.

À hora 13 [de Sábado, dia 06 de maio] teve lugar a manifestação da Associação Paranaense de Sports Athleticos.

Precedidos de uma banda de musica dirigiram-se os manifestantes em grande numero, ao Grande Hotel Moderno, onde se acha hospedado o grande aviador.

Ali chegados orou em nome dos manifestantes o sr. Samuel Cesar que terminou com um viva a Santos Dumont, viva este que foi respondido pela multidão que se acotovelava nas imediações do Grande Hotel.

Terminada a oração retiraram-se as manifestantes em meio de vivas ao Brasil, ao Paraná e ao distinto brasileiro.

**No Internacional** [Domingo dia 07 de maio] Retirando-se do Collegio Santos Dumont, o aeronauta dirigiu-se para o Internacional Foot Ball Club, onde lhe seria oferecido um “garden party”.

Às 15,30 chegou ao “ground” do Internacional o automovel da Prefeitura Municipal, no qual viajava o grande brasileiro, que ali chegou acompanhado do sr. dr. Éneas Marques, secretario do interior, João Mariethal da Rocha, da “Tribuna” e Lauro Lopes desta folha.

Santos Dumont foi ali recebido pela commissão incumbida de recepcional-o, sendo após conduzido para o pavilhão de honra do Internacional.

Após, em visita ao bosque Dumont assistia a descida de aeroplano confeccionado pelo sr. Eugenio Profileto, e que se achava colocado a grande altura.

Às 17 horas o aviador, acompanhado de altas autoridades estadoaes, foi conduzido para uma das mesas ali colocadas, e nas quaes tomaram assentos as seguintes pessoas, além de Santos Dumont: dr. Affonso Camargo e exma. Senhora; dr. Ribeiro de Mello, consul Portuguez e exma. Senhora; dr. Éneas Marques e exma. Senhora; consul Italiano e dr. Emiliano Pernetta.

Ahi o illustre patricio dr. Emiliano Pernetta saudou, em brilhante oração, o grande aeronauta, recebendo, ao terminar, prolongada salva de palmas.

Ao anoitecer retirou-se Santos Dumont do ground do Internacional sendo acompanhado até seu automovel por grande numero de pessoas.

Foi uma das notas chics do dia a agradável festividade proporcionada pelo Internacional Football Club, que prestou assim, uma homenagem ao disticto aviador.<sup>324</sup>

Tal momento ficou registrado nas lentes de um fotógrafo, vejamos os indícios que a imagem pode nos fornecer.

---

<sup>324</sup> AS HOMENAGENS prestadas ao grande aeronauta brasileiro. *Diário da Tarde*. Curitiba, 08/05/1916. p. 3.



A imagem fotográfica,<sup>325</sup> sem alterações tecnológicas, registra a presença de Santos Dumont no *ground* do Internacional *Football Club*. O semblante era, como de costume, sempre sério. Talvez até permita acreditar que estava cansado das inúmeras homenagens realizadas desde a sua chegada – principalmente as esportivas. O próprio Dumont era uma figura fidalga, depois do seu vôo circular à Torre Eiffel, em 1901, sua vida passou a ser somente viagens para congressos e, em cada uma destas viagens, várias homenagens.<sup>326</sup> Em uma ocasião chegou a ser recepcionado, quando da passagem pelos Estados Unidos da América, pelo vigente presidente Theodore Roosevelt, na própria Casa Branca. Supomos então, que em 1915, muito próximo do seu quadragésimo terceiro aniversário, Dumont deveria estar fatigado em mais uma das festas em sua homenagem. Possivelmente, tais festivais, representassem para Dumont o quanto o seu país estava atrasado, pois enquanto na Europa o futebol, há

---

<sup>325</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *Fotos*. Disponível em: <<http://www.atleticopr.com.br>> Acesso em: 10 ago. 2000.

<sup>326</sup> DUMONT, S. *O que eu vi. O que nós veremos*. São Paulo: Hedra, 2000. p. 148.

tempo, já caíra no domínio das classes operárias, no Brasil era considerado um exemplo de civilidade.

Para registrar o momento, foi pedido que Dumont e seus acompanhantes levantassem. Assim, cruzando com as fontes jornalísticas pode-se supor que os cavalheiros a sua volta deveriam ser os srs. Éneas Marques, João Mariethal da Rocha, Lauro Lopes e o presidente do estado, Affonso Camargo. Todas figuras relevantes para a política e economia local.

Pode-se visualizar também que, pelo tamanho da aparelhagem fotográfica e por ser uma situação não muito comum nas primeiras décadas do XX, ficaram registrados vários rostos que se “contorciam”, ou para aparecer na imagem, ou simplesmente por curiosidade. Reparem que, o próprio Dumont que há semanas era aguardado, não atraiu tantos olhares quanto a máquina fotográfica.

Assim, fica constatado que a influência das autoridades políticas prevaleceu: enquanto a A. P. S. A. apenas prestou uma homenagem a Dumont no hotel onde ele estava hospedado, a Liga teve a grande personalidade por uma tarde inteira em suas dependências.

Dumont, que estava há bastante tempo na Europa, realmente estranhou que as autoridades políticas estivessem ligadas à prática esportiva, pois na Europa o futebol já havia se popularizado há algum tempo. Mostrando-se um tanto excêntrico Dumont demonstrou sua estranheza numa entrevista concedida no dia que antecedia sua partida.

Num aposento do Grande Hotel, onde havia mais pessoas, estava S. Dumont em ceroulas, camiseta de meia e por cima um sobretudo!... Achámos um tanto original esse toucado de receber visitas;(...

- E que impressões recebeu o sr. de nossa capital?

- Impressões? Recebi muitas!...muitas impressões!

- Desejamos saber somente as mais fortes, as mais originaes.

- Originaes!...Sim!...Sim! Achei original que em Coritiba os jogadores de foot-ball se fizessem representar pelo sr. Pernetta e o Club dos Athletas por que se chama?... se chama!...Esqueceu-me o nome?

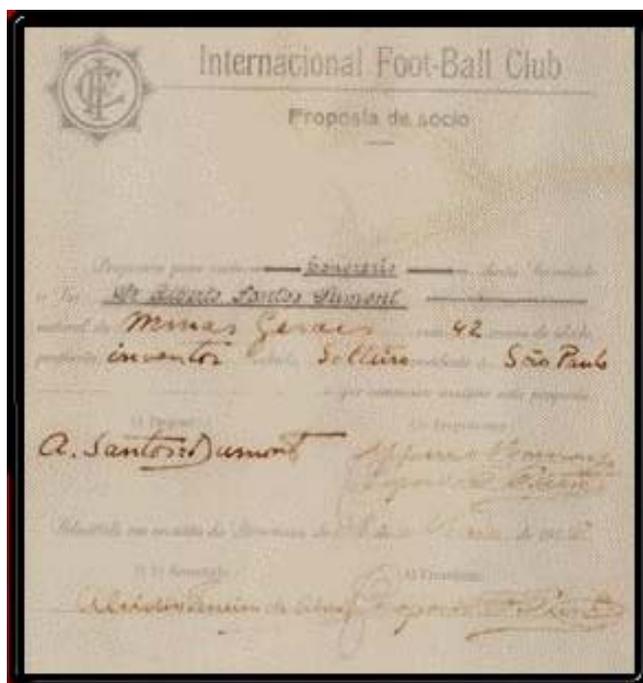
- Samuel, o Feroz!

- Sim!... Sim!... Feroz!... Feroz! É isso mesmo.<sup>327</sup>

---

<sup>327</sup> OS RAPAZES do I. F. C. resolvem o problema da dirigibilidade e da estabilidade dos aeroplanos!...*Diario da Tarde*. Curitiba, 11 maio 1916. p. 2.

Posteriormente, o irreverente Dumont, mesmo não se mostrando um admirador do futebol, viria a se associar ao Internacional no dia 28 de maio 1916.<sup>328</sup>



## Olavo Bilac

A vinda de Olavo Bilac, em novembro de 1916, foi tão noticiada quanto à vinda de Dumont. Novamente, a Liga Sportiva Paranaense por meio do influente Internacional *Football Club*, já tinha marcado um evento para festejar a presença do ilustre visitante, só que desta vez a festividade já constava no programa oficial de visitas. O jornal *Diário da Tarde* noticiava no dia 11 de novembro de 1916:

Conforme o telegramma recebido pelo sr. dr. Pêssoa zarpou hontem do Rio Grande o vapor "Itatinga" a cujo bordo viaja o destacado poeta Olavo Bilac.

Está pois, definitivamente assentada a sua chegada a esta capital na proxima segunda-feira, depois de amanhã (...)

O programma dos festejos, está assim organizada: (...)

Domingo, 19 – recepção no quartel, pela manhã; à tarde a brilhante festa do Internacional F. C.; e à noite recepção oficial no Palácio de Liberdade.<sup>329</sup>

<sup>328</sup> CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – paixão e tradição. *Torcedores*. Curitiba, Top Mídia, 1997. 1 CD-ROM

A Associação Paranaense de Sports Athleticos não tinha como enfrentar as influências do Internacional, precisava de reforço para garantir a presença de Bilac em suas dependências. Surgiu, então, a criativa idéia de se chamar o torneio, em homenagem a Bilac, de “Torneio Diário da Tarde”, assim mesmo sem estar na agenda de programação das festividades, o jornal anunciava:

O attrahente festival esportivo, “torneio Diario da Tarde”, cuja designação foi dada em homenagem ao nosso jornal, vae ser dedicada, segundo deliberação tomada pelo valoroso e symphatico Humaiytá F. Club, seu promovedor, ao eminente porta Olavo Bilac, que aqui chegará segunda-feira próxima.

O “Torneio Diario da Tarde” que se realizará no dia 19 do corrente em que o ground do Paraná Sports Club promete o maior brilhantismo possível, sendo que a directoria do Humaytá está determinando a elaboração do programma que será attrahente.

Constarão no festival de 19 do corrente diversos numeros interessantes em que tomarão parte sportmen de todos os clubs, sendo offerecidos premios aos vencedores.<sup>330</sup>

As notícias sobre este evento começaram a ser destaque no referido jornal: “...temos a accrescentar que por ocasião do brilhante festival, honrado com a presença de Olavo Bilac, os jovens escoteiros coritibanos entoarão o hymno do Paraná, no bosque do Paraná S. Club.”<sup>331</sup>

Dia a dia cresce o entusiasmo para o grandhioso “Torneio Diario da Tarde” brilhante festival que o Humaytá Football Club levará a effeito no dia 19 corrente, Domingo, em o campo do Paraná Sports Club [...]

Olavo Bilac será saudado no festival por um orador designado pelo Humaytá.

Os alumnos de uma escola pública desta capital entoarão o himno à bandeira, letra de Bilac.

Olavo Bilac comparecerá no campo do Paraná à hora 14, dando início ao festival.<sup>332</sup>

O desenrolar deste conflito pela hegemonia do poder na, recém formada, configuração futebolística paranaense começa a ter um desfecho no dia 19 de novembro, no *Diario da Tarde* do dia 20, é relatado numa extensa matéria que vale a citação pela sua importância:

---

<sup>329</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 11 nov. 1916. p. 3.

<sup>330</sup> O TORNEIO “Diario da Tarde” será dedicado a Olavo Bilac. *Diario da Tarde*. Curitiba, 09 nov.1916. p. 2.

<sup>331</sup> Id.

<sup>332</sup> “O BRILHANTE torneio Diario da Tarde”. *Diario da Tarde*. Curitiba, 15 nov.1916. p. 2.

No ground do Paraná Sports Club no Batel, realizou-se hontem, com brilhantismo raro, o grandioso torneio “Diario da Tarde”, festival campestre dedicado a Olavo Bilac, e em homenagem ao nosso jornal.

À hora 13 era calculada em 1.500 pessoas a enorme assistencia que enchia as archibancadas do campo do Paraná Sports Club, a fim de assistir o attrahente festival.

[com o torneio já iniciado] Nessa ocasião chegaram ao campo do Paraná os srs. Olavo Bilac, dr. Affonso Camargo, presidente do estado (...).

As altas autoridades foram recebidas debaixo de ovações e salvas de palmas (...).

Foram, em seguida conduzidos ao pavilhão de honra, onde Bilac foi saudado pelo acadêmico Oscar Martins Gomes, que saudou em nome do Humaytá oferecendo ao glorioso vale aquella festividade (...).

Nessa ocasião, graças aos esforços do illustre dr. Daltro Filho e outras autoridades presentes, o sr. João Seiller presidente da Associação foi abraçado pelo sr. Leopoldo Pereira, presidente da Liga Desportiva Paranaense, e demais membros da commissão do Internacional.

O dr. Daltro propos que os dois núcleos acabassem de vez com as divergencias quaes separavam até então, pedindo aos presidentes da Associação e da Liga que fizessem a união das agremiações que presidem.

(...) Quando Bilac se retirou, em companhia das altas autoridades estadoaes, foi novamente ovacionada pela grande assistencia.

O “Garden-party” nos campos do Internacional F. C.

O Internacional Football Club aproveitou o ensejo da estadia aqui do destacado poeta Bilac e da passagem do dia consagrado à bandeira para promover fulgurante festividade.

O campo do Internacional adornou-se contudo quanto Curitiba possui de bello e chic.

As archibancadas estavam repletas de senhoritas e senhoras, cavalheiros e jovens.

Os bonds trafegavam cheios, e carros e autos rodavam em direcção do aprazivel bosque.

(...) à hora 5 chegou Bilac e com elle as autoridades estadoaes, passando-se então ao “tea-tango”.

Sobre a sombra de frondosas araucarias tomaram acento: Bilac e o presidente Affonso Camargo [é citado vários nomes da elite curitibana].

Encerrou-se a bella festa campestre com o descer solene da bandeira.<sup>333</sup>

As características elitistas e o contexto em que eram realizadas as partidas são destacadas com clareza na descrição da estadia de Bilac, na praça esportiva do Internacional. Em contrapartida, a estada de Bilac na festividade da Associação, no ground do Paraná, não tinha tanto *glamour* quanto a primeira.

Nos meados de 1910, a prática do futebol e tomar o chá da tarde tinham apenas um denominador comum: um meio de distinção de caráter civilizatório. A própria fonte utilizada – o periódico *Diario da Tarde* – serve para demonstrar que o futebol ainda não tinha uma autonomia, ou seja, passava por um processo de consolidação.

---

<sup>333</sup> “AS COMMEMORAÇÕES de Hontem” – o ultimo dia de Bilac na terra das araucarias – “Torneio Diario da Tarde” – O brilhante festival de hontem no campo do Paraná. . *Diario da Tarde*. Curitiba, 20 nov.1916. p. 1.

Sobre a cisão, a “popular” Associação Paranaense de Sports Athleticos conseguiu realizar seu intento de ter no seu evento a celebre presença de Olavo Bilac. O refinamento que cercava o Internacional também garantiu o sucesso na sua festividade. A polaridade entre as duas forças estavam equilibradas, pelo menos nesta ocasião e, no equilíbrio surge a possibilidade de uma nova integração que irá consolidar a prática esportiva do futebol no estado do Paraná. Cabe também destacar, que apesar da presença de Bilac ser fundamental para a reconciliação, não foi ele que fez um discurso pregando a união das duas entidades, como afirmado nas fontes lidas a respeito do assunto. Os méritos foram do dr. Daltro Filho e outras autoridades que estavam no local.

Era noticiado alguns dias após a estadia de Bilac: “[Associação Paranaense de Sports Athleticos] Desaparecendo do scenario sportivo esta instituição pelo facto de se haver fundido com a Liga Sportiva Paranaense cumpro o grato dever de agradecer-vos o bom acolhimento e as bondosas referencias que vos dignastes dispensar á Associação Paranaense de Sports Athleticos durante o período de sua existencia.”<sup>334</sup>

Mesmo como rápidos visitantes, Alberto Santos Dumont e Olavo Bilac, tiveram sua pequena parcela de participação no processo de construção do futebol paranaense.

Assim, o embate era resolvido no final de 1916 – criando-se uma única instituição regulamentadora da prática futebolística paranaense: a Associação Sportiva Paranaense.

Em poucos anos, o futebol realmente caíria nos gostos populares. Um entusiasmado cronista do *Diário da Tarde*, antecipando o rumo daquele esporte, declamava em verso:

A vida é um match. Em vão se shoota a bola  
Lutando pelo goal que se deseja  
Por goal-keeper melhor que a gente seja  
É um corner que se faz... ora pistola!

---

<sup>334</sup> O CAMPEÃO Desportivo de 1916. *Diario da Tarde*. Curitiba, 29 dez.1916. p. 5.

A vida é um match. Em tempos maos de crise  
Debalde as mãos se mette na algibeira  
Nem a falar de sports quem precise  
Conseguirá sahir da quebradeira.

Também fazendo esta palestra inglória  
Que talvez não deixasse de achar páo  
Pensei neste match ter Victoria  
Mas vejo agora só fiz um foul!

Jean Sport<sup>335</sup>

---

<sup>335</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba, 25 set. 1914. p. 3.

## O FIM?

Se fôssemos pensar segundo a escala micro, que permeou boa parte deste texto sim. Pois, como o leitor já deve ter reparado, as conclusões, aos poucos foram sendo explicitadas no decorrer dos capítulos anteriores. Além disso, a descrição densa – característica da Mmicro-história – tem, como uma de suas principais finalidades, possibilitar aos leitores conclusões próprias, partindo da máxima que nenhum de nós é uma tábula rasa. Portanto, cada leitor com seu entendimento, suas leituras, suas opções metodológicas, enfim, com as suas vivências, deve ter refletido e, ao longo deste texto, tirado suas próprias conclusões. E, talvez (espera-se), a polêmica que gira em torno do futebol no Brasil se estenda dos bares ao meio acadêmico.

Mas, ainda não é o fim. Respondemos então, a questão levantada no título, com um categórico não! Pois ainda nos resta abrir novamente nosso “ângulo” de observação.

Assim, mesmo com o futebol estabelecido no estado, ao fim do capítulo anterior, não significa que a história deste esporte já estava linearmente constituída. Variações ocorreriam rapidamente, demonstrando que deve-se entender o futebol como um processo em constante mudança e variadas utilizações. Assim, passados alguns anos, o *football* começaria a se transformar no *futebol*, o esporte mais popular do Brasil. Grandes contingentes de pessoas praticavam-no ou, pelo menos, assistiam aos jogos das várias equipes que estavam surgindo na “cidade” e nos seus arrabaldes.<sup>336</sup>

Os clubes dos elitistas - Internacional F. C. e o América F. C. – por exemplo, apenas alguns anos depois, iriam passar por sérias dificuldades tendo que se fundir, formando uma equipe nova: o Clube Atlético Paranaense. Por causa desta fusão aconteceria a formação de uma nova identidade clubística que, contrariando a

---

<sup>336</sup> Sobre a prática esportiva na região central, denominada na época de “cidade” e a prática nas cercanias, denominada arrabaldes, ver a obra de LUCENA, op. cit., na íntegra.

popularidade<sup>337</sup> que o novo time já possuía, fazia questão de manter as características típicas de um “clube elitizado.”<sup>338</sup>

Aconteceria também, a formação de uma outra rivalidade – com o Coritiba *Football Club* – já que a maior rivalidade até então, existente no futebol paranaense, era entre os próprios clubes fundadores Internacional e América. A nova rivalidade se estabeleceria pouco após a fusão, não se sabe precisamente os motivos (talvez um outro estudo sobre a identidade clubística pudesse melhor esclarecer este ponto). Sabemos (imprecisamente) que alguns anos após a fundação já eram utilizadas as alcunhas de “boches” – satirizando as origens alemãs do Coritiba – e “pó-de-arroz” – debochando da origem fidalga do Atlético. E, segundo Vinícius Coelho e Carneiro Neto, nos campos as torcidas adversárias entoavam as rimas:

“O almofadinha / Come tripa de galinha / Vai dizer à namorada / Que comeu macarronada” – contra o Atlético. Em resposta: “Atrás daquele morro / Nasceu um pé de mamão / Jogar com o Coritiba / É combater alemão.”<sup>339</sup>

Da imprecisão surgem novas possibilidades de investigação...

Mudariam também os modismos ligados ao futebol, deixando de lado a proximidade com os costumes europeus e norte-americanos, como os saraus e chás-da-tarde; aproximando-se das tradições brasileiras como as festas carnavalescas, contribuindo nas décadas subseqüentes para a formação da identidade nacional pautada na brasilidade. O goleiro do América carioca, na década de 1910, Marcos Mendonça, aquele que nunca se atirava ao solo com receio de sujar sua camisa de seda com uma faixa roxa na cintura (sem esquecer a toalinha no ombro para secar o suor); cede lugar a Mané Garrincha, o mestiço que, malandro, enganava os “duros” europeus com seus dribles desconcertantes – como se enxergasse atrás do seu adversário um

---

<sup>337</sup> Uma pesquisa do *Diário da Tarde*, durante o ano de 1921, acusava os seguintes resultados finais: América – 14.107; Internacional 13.503; Coritiba – 7.971. QUAL o seu time do coração? *Diário da Tarde*. Curitiba, 1921.

<sup>338</sup> Por exemplo, o mascote adotado pela nova equipe era um respeitável Sr., intitulado “O Cartola”.

<sup>339</sup> CARNEIRO NETO; COELHO, op. cit., p. 21.

prato cheio da melhor feijoada, uma garrafa de boa aguardente e, é lógico, uma mulher (podia ser qualquer uma, Mané não tinha preferências: negra, loira, morena...) – como afirmava o imaginário formado logo após a Copa de 1958. Era a transição do *football* (de Marcos Mendonça) para o futebol (de Garrincha). A dinâmica do futebol era – e ainda é – tanta que, em poucas décadas, o herói, ou melhor, o anti-herói Garrincha cai em desuso, mostrando novamente a fraqueza do povo brasileiro... e por aí vai... vem Pelé, esperança, orgulho, sai por cima – o melhor... militarismo – uso ideológico... Zico, Socrátes, Falcão e Cerezo – futebol arte, geração derrotada... ostracismo... Romário... certeza – Ronaldo – incerteza... Cada época com uma função política; com tensões diferentes; com níveis de violência contrastantes; até a qualidade dos jogadores oscila!

Cada época uma história; cada enfoque ou parâmetros também. São outras histórias... por enquanto, *apagam-se os refletores!*

## REFERÊNCIAS

BETTI, M. *Violência em Campo* – dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: Unijuí, [19–].

BISCAIA, E. *Coisas da cidade*. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

- BRUHNS, H. T. *Futebol, carnaval e capoeira – as transições entre os grupos sociais*. Campinas, 1998. Tese (Livre docência).
- CALDAS, W. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAPRARO, A. M. O Estádio Joaquim Américo – a Baixada – e as Elites Curitibanas das décadas de 10 e 20. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.
- \_\_\_\_\_. Santos Dumont e Olavo Bilac – ilustres visitantes nos primórdios do futebol Paranaense. In: CONBRACE, 11.,1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: [s.n.], 1999.
- \_\_\_\_\_. História de vida, identificação e sentimentos: Norbert Elias e o homem que viveu fora do seu tempo. In: *Conexões – educação, esporte e lazer*, Campinas: Unicamp, n.º 5, 2000.
- CARDOSO, F. G. *História do futebol paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978.
- CARRANO, P. C. R. (Org.). *Futebol: paixão e política*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- CASTRO, J. A. *Histórias da bola – 135 anos da história do futebol*. Algés, Portugal: Talento, 1998.
- CASTRO, R. *O vermelho e o negro – pequena grande história do Flamengo*. São Paulo: DBA, 2001.
- CHALHOUB, S. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, R. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CITADINI, A. R. *Neco – O primeiro ídolo*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- COELHO, V.; CARNEIRO NETO. *Atletiba – a paixão das multidões*. Curitiba: dos autores, 1994.
- COSTA, M. R. da. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, A. S. Ah! Eu sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos históricos – esporte e lazer*, São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, n. 23, 1999.

DE DECCA, E. S. Fazendo História. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1997, Maceió. Anais... Maceió: Ufal, 1997.

DUMONT, A. S. *O que eu vi. O que nós veremos*. São Paulo: Hedra, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. A busca da excitação. Rio de Janeiro: Difel, 1997.

\_\_\_\_\_. *Introdução à sociologia*. Portugal: Edições 70, 1980.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador – formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 2.

FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (org.). *Desafios da imagem – fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.

GEBARA, A. Educação física: tempo e historiografia. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1989, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: Unesp, 1989.

NORBERT E.; BORDIEU, P. Novas abordagens, novos temas. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

\_\_\_\_\_. *Mitos emblemas sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HAMILTON, A. *Um jogo inteiramente diferente! futebol: a maestria brasileira de um Legado Britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HAROCHE, C. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Papirus, 1998.

HELAL, R. *Passes e impasses – futebol e cultura de massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HERSCHMANN, M.; LERNER, K. *Lance de sorte – o futebol e o jogo do bicho na belle-époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOBSBAWN, E. J. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

\_\_\_\_\_. *Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JESUS, G. M de. Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a liga canela preta. In: COLETÂNEA DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998. p. 113.

KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.

KOWALSKI, M. Estilo de vida e futebol. In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 6., Gramado. *Anais...* Gramado: UFRS, 2000.

KUBRUSLY, C. A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LUCENA, R. de F. Sobre a cidade ou próximo a ela. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., Maceió. *Anais...* Maceió: Ufal, 1997.

\_\_\_\_\_. *O esporte na cidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACHADO, H. I.; HOERNER JÚNIOR, V. *Atlético a paixão de um povo*. Curitiba: dos autores, 1994.

\_\_\_\_\_.; CHRESTENZEN, L. M. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Grafípar, 1991.

MATTOS, C. *Cem anos de paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

- MELO, V. A. de. *Cidade Sportiva – primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Faperj, 2001.
- MEZZADRI, F. M. A formação da sociedade paranaense e sua relação com o esporte (1900-1960). In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., Maceió. Anais... Maceió: Ufal, 1997.
- MOURA, G. de A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MURAD, M. *Dos pés à cabeça – elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- MURRAY, B. *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.
- NEGREIROS, P. J. L. de C. *Resistência e rendição – a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – PUC.
- \_\_\_\_\_. *O estádio do Pacaembu*. In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., Maceió. Anais... Maceió: Ufal, 1997.
- OLIVEIRA, L. L. *O Brasil dos imigrantes*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.
- OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores – genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.
- PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938)*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) – Unicamp.
- \_\_\_\_\_. *Footballmania - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRONI, M. W. *Esporte-espetáculo & Futebol-empresa*. Campinas, 1998. Tese (doutorado) - Unicamp.
- REBELO, A.; TORRES, S. *CBF Nike*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- REIS, H. H. B. dos. *Futebol e sociedade: as manifestações da torcida*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) – Unicamp.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

RIBEIRO, L. C. *História e sociabilidade na formação do futebol profissional em Curitiba (1900-1945)*. Curitiba: mimeog., 1998.

\_\_\_\_\_. Metodologia para uma história da formação do futebol profissional. In: COLETÂNEA ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

\_\_\_\_\_. *Memória, trabalho e resistência (Curitiba, 1890-1920)*. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado) – USP.

RODRIGUES FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. Campinas: Unicamp, 1993.

SCHWARCZ, L. M. *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Orfeu extático na metrópole – São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, A. J. G.; LUVISOLO, H. Futebol e nacionalismo: questões de História. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 4., 1997, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte:[s.n.], 1997.

\_\_\_\_\_. Racismo contra o vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade. In: COLETÂNEA DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998.

TOLEDO, L. H. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TRINDADE, E. M. de C. *Clotildes ou Marias – mulheres de Curitiba na primeira república*. Curitiba: Farol de Saber, 1996.

WACHOWICZ, R. C. *História do Paraná*. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1995.

WITTER, J. S. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

## **PERIÓDICOS**

REVISTA PLACAR. As maiores torcidas do Brasil – Atlético. Abril, 1983. Edição extra.

REVISTA LEITE QUENTE. Atletiba literário. Curitiba, ano 2, n. 6, out. 1990.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1912-1916.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 1924.

MACHADO, H. I. *História ilustrada do clube Atlético Paranaense*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2000.

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *Joaquim Américo Guimarães*. Curitiba: mimeog., [19-].

## **DOCUMENTOS OFICIAIS**

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. Ata de fundação do Internacional Foot-ball Club. *Ata da sessão realizada no dia 22 maio 1912*. Curitiba: mimeog., 1912.

## **SITES DA INTERNET**

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE. *A fundação do clube atlético paranaense*. Disponível em: <<http://www.cway.com.br/atleticopr/caphist.html>> Acesso em: 20 jun. 1999.

\_\_\_\_\_. *Breve histórico*. Disponível em: <<http://www.atleticopr.com.br/po Breve.htm>> Acesso em: 20 jun. 1999.

\_\_\_\_\_. *Estádio – a baixada*. Disponível em: <<http://geocities.com/Athens/Acropolis/7904/estadio>> Acesso em: 09 dez. 2000.

\_\_\_\_\_. *Estádio – O caldeirão do diabo*. Disponível em: <<http://members.tripod.com/~furacao/estadio>> Acesso em: 24/ jul. 1998.

\_\_\_\_\_. *História – Setenta e quatro anos de glória*. Disponível em: <<http://members.tripod.com/~furacao/historia>> Acesso em 02 fev. 2001.

\_\_\_\_\_. *O estádio Joaquim Américo - A baixada - O caldeirão do diabo*. Disponível em: <<http://www.cway.com.br/atleticopr/capestad.html>> Acesso em: 02 fev. 2001.

INTERNAZIONALE FOOTBALL CLUB. *Internazionale*. Disponível em: <<http://www.internazionale.com.it>> Acesso em: 20 out. 2001.

INTERNACIONAL FOOTBALL CLUB. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br>> Acesso em: 09 out. 2001.

INTERNACIONAL FOOTBALL CLUB. *A fundação do Internacional*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Colosseum/Field/1004/>> Acesso em: 10 out. 2001.

## **MULTIMÍDIA**

CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – *paixão e tradição*. Curitiba: Top Mídia, 1997. CD-ROM.